

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA HELOISE LOPES DINIZ

ENTRE-LAÇOS: UMA ETNOGRAFIA ENTRE AMIGAS SOBRE EXPERIÊNCIAS
AMOROSAS, SEXUALIDADE E GÊNERO



CURITIBA

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA HELOISE LOPES DINIZ

ENTRE-LAÇOS: UMA ETNOGRAFIA ENTRE AMIGAS SOBRE EXPERIÊNCIAS
AMOROSAS, SEXUALIDADE E GÊNERO

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Mestra em Sociologia no
Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de
Ciências Humanas, Letras e Artes, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Julian Simões

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diniz, Ana Heloíse Lopes

Entre-laços : uma etnografia entre amigas sobre experiências amorosas, sexualidade e gênero. / Ana Heloíse Lopes Diniz. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Julian Simões.

1. Relações humanas. 2. Experiência de vida. 3. Identidade de gênero. 4. Relações sexuais. I. Oliveira, Julian Simões Cruz de. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ANA HELOISE LOPES DINIZ** intitulada: **Entre-laços: uma etnografia entre amigas sobre experiências amorosas, sexualidade e gênero.**, sob orientação do Prof. Dr. JULIAN SIMOES CRUZ DE OLIVEIRA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Setembro de 2023.

Assinatura Eletrônica

26/09/2023 10:36:22.0

JULIAN SIMOES CRUZ DE OLIVEIRA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

26/09/2023 13:14:45.0

LARA ROBERTA RODRIGUES FACIOLI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

26/09/2023 15:54:52.0

MICHELE ESCOURA BUENO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

A todas as pessoas que ousam trilhar caminhos sinceros com os próprios desejos.

Em especial, às minhas amigas Amanda, Kaw, Luci e Titz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que enxergam em mim potencialidades que, muitas vezes, não se refletem no espelho.

Primordialmente, agradeço minha mãe, Eldenise, e minha avó, Denacir, as duas mulheres que me ensinaram o que é ser amada, cuidada e respeitada.

Mãe, existe uma passagem nesse trabalho que fala sobre a minha insistência enquanto pesquisadora. Sem a sua insistência, eu não teria sequer entrado no programa de mestrado, e foi essa mesma insistência confiante na minha capacidade que, tantas vezes, me impediu de desistir.

Vó, a sua tranquilidade é uma meta de vida para mim. Sem o seu olhar calmo, o seu carinho, a sua preocupação com o meu desempenho e a sua fé, eu também não teria conseguido.

As minhas amigas e amigos, especialmente Ana Presa e Maycon, que tantas vezes me ouviram sobre os bloqueios, os impasses e os desafios do fazer científico.

As minhas amigas que aceitaram participar dessa pesquisa, Amanda, Kaw, Luci e Titz, eu espero ter conseguido contemplar a beleza existente na diversidade dos amores ao registrar suas histórias.

À arte, que me manteve viva e inspirada sempre. Assim como as pessoas artistas que se encontram em minha vida. Em especial a Mitay, artista, amiga e líder, sem as experiências que vivenciamos juntas nesses anos de pesquisa eu não seria a mesma.

Ao meu professor orientador Julian Simões, pela paciência sempre e por me mostrar uma possibilidade sincera comigo mesma de realizar essa pesquisa.

À CAPES e a Universidade Federal do Paraná, pelos recursos necessários para a realização dessa dissertação.

Obrigada!

*“A minha história
é outra
e começa agora*

*Estou sempre
a começar”*

Adília Lopes

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo principal compreender o lugar das relações amorosas no processo de entendimento de si e a partir das narrativas de experiências pessoais das minhas amigas/interlocutoras. A partir de uma perspectiva etnográfica, buscou-se concretizar uma prática metodológica que caminhasse em convergência com as contribuições da Epistemologia Feminista acerca da objetividade e subjetividade na produção do conhecimento científico. Para isso, consolidou-se um campo de pesquisa que incluiu quatro de minhas amigas mais próximas, que tornaram-se interlocutoras da pesquisa e participaram individualmente de encontros gravados norteados por um roteiro, que indagava acerca de suas experiências amorosas passadas, bem como a forma atual de viver os amores e seus projetos de futuro. O processo de transcrição e análise dos encontros gravados culminou em uma reflexão crítica no que tange à formulação de perguntas que precedeu a realização do campo. Portanto, os resultados obtidos refletem acerca do lugar que a vida amorosa encontra no processo de subjetivação e entendimento de si das interlocutoras, que apresentaram uma descentralização desse aspecto da vida em suas identidades, bem como em seus planos de futuro. Além disso, é apresentada uma reflexão sobre a presença das dicotomias binárias consolidadas culturalmente no Ocidente e seus reflexos na forma de perguntar e compreender as identidades no processo de consolidação da pesquisa.

Palavras-chave: Experiências amorosas; Identidade e Subjetividade; Epistemologia Feminista.

ABSTRACT

The main objective of this research was the understanding of the role of romantic relationships in the process of self-understanding, based on personal experience narratives from my friends/interlocutors. From an ethnographic perspective, a methodological approach was developed that aligned with the contributions of Feminist Epistemology regarding objectivity and subjectivity in the production of scientific knowledge. To achieve this, a research framework was established involving four of my closest friends, who became research interlocutors. They individually participated in recorded sessions guided by a script, exploring their past romantic experiences, their current approach to love, and their future aspirations. The transcription and analysis of these recorded sessions led to a critical reflection on the formulation of questions that preceded the fieldwork. Therefore, the obtained results reflect on the role of romantic life in the process of subjectivity and self-understanding of the interlocutors, who exhibited a decentralization of this aspect in their identities and future aspirations. Furthermore, a contemplation is presented on the presence of culturally established binary dichotomies in the West and their impact on how questions are asked and identities are understood in the consolidation process of the research.

Keywords: Love Experiences; Identity and Subjectivity; Feminist Epistemology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. NO TROPEÇO DOS ENCONTROS EMPÍRICOS E TEÓRICOS	20
1.2 AS ENTREVISTADAS/INTERLOCUTORAS E A AMIGA/PESQUISADORA	42
1.2.1 Titz	45
1.2.2 Kaw	47
1.2.3 Amanda	50
1.2.4 Luci	52
1.3 Os encontros gravados e seus roteiros	55
2. PENSAR AS EXPERIÊNCIAS AMOROSAS: ESCAPAR SEM FUGIR?	62
2.1 Relatos da adolescência não-hétero	63
2.2 Cidade de origem e as possíveis identidades	68
2.3 Criar e/ou buscar as vivências dos desejos	73
2.4 Violências que perpassam o entendimento de si	76
2.5 Articulações de conceitos de gênero e sexualidade no entendimento de si	80
2.6 Entre o “eu” e os amores: a presença da individualidade nas relações amorosas	86
2.7. Filiação como projeto	93
3. ENTRE TENSÃO E MANUTENÇÃO: OS BINARISMOS NA EXPERIÊNCIA EMPÍRICA	98
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICE 1 – TABELA DE PERFIL DAS INTERLOCUTORAS	132
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	133

INTRODUÇÃO

Ao se deparar com um produto escrito a partir de uma investigação científica, a pessoa que lê está diante do resultado estático de um processo que perpassa mutações que, muitas vezes, escapam aos registros escritos. Acredito que uma das formas de remediar essa limitação que o registro textual carrega (a de demarcar um tempo) seja dar início a esse trabalho de dissertação apresentando alguns dos processos que interferiram nas perguntas teóricas que me propus a pensar, bem como suas conseqüentes hipóteses, objetivos e metodologias promovidas para alcançar os dados produzidos. Com isso, objetivo não somente demonstrar parte da dinamicidade que é cravada pelo produto textual, bem como de atestar o processo espontâneo de uma etnografia que só pôde ser reconhecida como tal, depois de já em andamento, a partir do encontro com trabalhos realizados nessa perspectiva do fazer socioantropológico. Comunicar esse processo de delineamento da pesquisa se faz importante tanto com relação ao objetivo principal de uma dissertação (de produzir conhecimento científico), mas também se mostra útil aos possíveis leitores e leitoras que estão passando por seus processos de formular um projeto de pesquisa científica, uma vez que expressa os percalços para o entendimento do que se pretende perguntar. Para alcançar reflexões intelectuais frutíferas, é sabido, as indagações analíticas se fazem tão relevantes e decisórias quanto as respostas que as correspondem.

Atualmente, reconheço essa pesquisa de dissertação como uma etnografia, em que as reflexões circulam entre a vivência do amor e as experiências sexuais que extrapolam o que é considerada a heterossexualidade, culminando em um diálogo sobre identidade e processo de subjetivação. Para isso, desde a situação embrionária da investigação, dediquei-me a construir uma metodologia que incluísse minha rede de amigas enquanto interlocutoras da pesquisa, numa proposta de transformar o conhecimento empírico que tenho das vivências de minhas amigas em um lugar de reflexão socioantropológica. Para elucidar, dou um passo atrás, cronologicamente, no que diz respeito à formulação de perguntas, objetivos e grupo de interlocução ao qual essa pesquisa se direcionou.

Inicialmente, almejava realizar uma análise que considerasse a vontade de pessoas jovens e não-heterossexuais em se casar. Assim, refletiria sobre como

essa parte da vida amorosa se desdobrava ao longo dos outros aspectos da trajetória biográfica de jovens, assim como era elaborada uma perspectiva de futuro a partir disso. A ideia me ocorreu na ocasião da leitura do artigo de Judith Butler intitulado “O parentesco é sempre tido como heterossexual?”. Ao me deparar com o debate ocorrido no início dos anos 2000 sobre a questão da conjugalidade entre casais compostos por pessoas do mesmo gênero, foi inevitável pensar a dimensão da reflexão proposta por Butler (2003) na minha vivência pessoal.

Fui criada por duas mulheres. Não por um casal de duas mulheres. Fui criada por minha mãe, que engravidou aos 17 anos, e por minha avó, que criou sozinha minha mãe desde que descobriu uma traição de meu avô e rompeu o relacionamento com ele. Ambas nunca se casaram ao longo de minha infância e os homens sempre ocuparam uma posição marginal nas responsabilidades com relação a minha criação e a de minha mãe. Não digo que não exista a presença masculina e paterna em minha história, ela existe, mas sempre ficou reservada a momentos específicos, costumeiramente descolados da rotina, como em finais de semana ou comemorações calendárias. Condições de saúde, acompanhamento escolar, cuidados em geral, desde necessidades básicas até necessidades emocionais de carinho e afeto: sempre estiveram nas mãos das duas mulheres que me criaram. Ouvi de meu pai algumas vezes durante a infância, sobre como ele mesmo não “precisava” se preocupar, já que sabia que minha mãe e avó eram responsáveis e que eu estava “em boas mãos”. Essa tranquilidade e confiança masculina se reflete no dado apresentado pelo IBGE¹ e já bastante disseminado em estudos: “[...] o tipo mais frequente dentre as famílias conviventes é aquele formado pelas monoparentais femininas (53,3%)”² (IBGE, 2010, p. 73).

Não sou, portanto, um caso à parte da realidade brasileira. Estou inclusa no dado de maior volume na estatística das famílias brasileiras, aquele em que a presença masculina no núcleo domiciliar não é uma condição. Crescer assim, pelo menos no meu caso específico, fez com que a questão do casamento estivesse em um lugar nebuloso. Ao longo de minha infância e adolescência, quando pensava a

¹ Informação retirada do Censo Demográfico de 2010 produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/97/cd_2010_familias_domicilios_amostra.pdf> Acessado em 11 de Novembro de 2022.

² As informações relativas ao tópico mencionado ainda não foram atualizadas pelo censo de 2020, visto que, no momento em que escrevo, apenas o resultado parcial da pesquisa foi publicado pelo IBGE.

vida adulta, quando projetava o que seria de mim, as coisas que passavam pela minha cabeça estavam atreladas ao que condiz à vida profissional: entrar na Universidade Pública, como fez minha mãe, e a partir disso, adquirir melhores condições de trabalho do que encontrou minha avó ao longo da vida, que sempre apontou a falta de oportunidade de estudos como causadora dessa má lida no trabalho. O casamento, portanto, não foi e não é, atualmente, uma premissa, um projeto, uma ambição de vida para mim.

A curiosidade sociológica em pesquisar a vontade de se casar³ de jovens não-heterossexuais surgiu a partir do cruzamento entre teoria e história pessoal: ao ler o artigo de Butler (2003) que contextualizava e problematizava a bandeira do movimento LGBTQIA+⁴ de demanda pelo direito de se casar, conforme indiquei acima, passei a buscar mais informações sobre a discussão antropológica acerca do tema no Brasil desde o início do novo século (De Vilhena, 2016; Grossi, 2003; Miskolci, 2007; Uziel, 2006). Essa busca vinha no sentido de aproximar essa discussão da realidade e contexto em que estou inserida. Ainda assim, latejava em minha cabeça a dúvida: após anos de luta coletiva fatigante pelo direito de se casar, jovens não-heterossexuais de hoje em dia planejam/querem se casar?

Considerando que jovens que expressam identidades não-heterossexuais rompem, em alguma medida, com a expectativa advinda da heteronormatividade (Butler, 2019), ao viverem práticas amorosas que escapam à premissa da narrativa hétero, romperiam também com a ideia de formação conjugal proposta por esse formato de visão de mundo? Acentuando ainda mais essa questão, dado o contexto da composição da maior parte dos domicílios brasileiros, que apresenta uma descontinuidade com a formação original da família, os jovens LGBTQIA+ que

³ Neste momento refiro-me ao ato de “casar” como a ideia de conjugalidade formal, uma união amorosa entre duas pessoas que passa a ser admitida pelo contexto coletivo, nesse caso, pelo sistema burocrático estatal. Não obstante, ao termo “casar” podem ser atribuídos outros significados, como por exemplo a ideia de fazer uma festa de celebração da união conjugal. Nesse sentido, existe a tese de doutoramento desenvolvida pela Prof^a. Dra^a. Michele Escoura intitulada “Fazer festa é uma guerra”: relações entre vestidos, noivas, anfitriões e convidados na organização de casamentos.” Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1088544>> Acessado em: 10 de Novembro de 2023.

⁴ Utilizo a nomenclatura atual que identifica pessoas não-heterossexuais (LGBTQIA+: lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, pessoas queer, interssexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero) mesmo sabendo que, naquele momento, a luta se intitulava apenas como “movimento gay”, porque considero que mesmo que essas pessoas não tenham sido incluídas no nome da luta, as pessoas que compõem a sigla atualmente estavam presentes também nos espaços de encontro, formação, estruturação e articulação desse movimento. Se faz importante renomear o movimento, de uma forma que não corrobore com os apagamentos históricos (BUTLER, 1999) e que demarque que o movimento de identidades dissidentes nunca foi composto apenas por homens gays.

criaram sem a referência de uma família heterossexual nuclear, teriam (tal como a autora que pensa e escreve esse texto) descentralizado o desejo de se casar e formar família em suas vidas, substituindo-os por outras ambições?

Essas foram as questões iniciais, inextricáveis à minha trajetória pessoal, que me movimentaram a submeter um projeto de pesquisa ao Programa de Pós-graduação em Sociologia. Porém, como pontuei no início desta introdução, entre um projeto de pesquisa, ainda em vias de aprovação, e o resultado textual deste processo existe um caminho perpassado por modificações e desdobramentos.

Um dos acontecimentos que considero mais importantes para o decorrer da pesquisa foi a mudança da população que iria compor o foco da investigação. A nomenclatura “jovens não-heterossexuais” foi considerada muito ampla, visto que existem muitas identidades e orientações possíveis a partir dessa categoria. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, o receio era que ao unir pessoas muito diferentes entre si (pessoas cis e trans, bissexuais, gays, lésbicas, entre outras formas de identificação possíveis). Isso somado à combinação de eixos de diferenciação (pessoas cis bissexuais e pretas e pessoas trans lésbicas e brancas, por exemplo), ao perguntar sobre a vontade de se casar, eu possivelmente estabeleceria relações de causalidade que poderiam ser falaciosas. Ao fazer isso, estaria a atrelar os eixos de diferenciação, distorcendo qualquer prática correta de interseccionalidade, que de início se mostrou uma ferramenta analítica adequada para a construção da pesquisa.

Para evitar essa possibilidade, foi realizado um recorte no universo da pesquisa, colocando foco apenas na categoria de “mulheres bissexuais”, realizando um recorte relativo à identidade de gênero (mulheres) e à orientação sexual (bissexuais). A justificativa inicial para recortar as perguntas de pesquisa apenas para mulheres bissexuais se deu a partir de uma origem teórica. Dado que em meus estudos e levantamento de literatura para a composição do campo de pesquisa, as pontuações relativas aos binarismos observáveis na consolidação do que se denomina cultura Ocidental demonstraram-se relevantes, expandindo-se para a ideia de Ciência (com C maiúsculo, para demarcar a pretensão de superioridade do conhecimento científico): Homem x Mulher, Cultura x Natureza, Hétero x Homo, Objetividade x Subjetividade.

As investigações acerca das interpretações e justificativas simbólicas que se criam para definir a sexualidade permitem contextualizar e tornar visíveis essas

manifestações culturais baseadas em um modelo binário, e acabam por definir um arcabouço de significados, relações de poder e subjetividades aparentemente individuais. Os binarismos são característicos das bases estruturais do Ocidente (Lugones, 2014). A partir de oposições binárias, o conhecimento científico é alocado na objetividade, associada ao masculino, e a subjetividade fica reservada à feminilidade e a modos de relacionar-se (Longino, 2007, p. 512). Dito isso, entende-se que o caminho metodológico dessa pesquisa, tendo como base a Epistemologia Feminista (Longino, 2007) e a etnografia (Peirano, 2014), tensiona as fronteiras imaginadas entre esses dois fatores (Masculinidade x Feminilidade e Objetividade x Subjetividade) que ao longo da história foram colocados em oposição de maneira a organizar o pensamento e a linguagem do coletivo. Porém, observar a estruturação do pensamento coletivo em oposições binárias não foi o suficiente para que eu não refletisse esses binarismos no decorrer da realização da presente pesquisa.

Senti a presença dessas oposições binárias nas perguntas que eu mesma produzi, enquanto pesquisadora, ao aplicar o roteiro de entrevista com as interlocutoras. A partir disso, passei a observar as questões como parte da análise que eu estava propondo, problematizando-as de maneira teórico analítica como parte do exercício etnográfico.

A reformulação dos objetivos da pesquisa resultou no objetivo central de compreender o lugar das relações amorosas no processo de entendimento de si e a partir das narrativas de experiências pessoais das minhas amigas/interlocutoras. Para isso, adotei uma perspectiva etnográfica, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas, as quais chamei de “encontros gravados⁵”, observações e notas de campo. A partir disso, se desdobraram os objetivos específicos que se condensam nos enunciados: (1) Investigar como as experiências amorosas das participantes do estudo delineiam seus processos de entendimento de si e se esses corroboram para a formação de suas identidades de gênero e sexualidade; (2) Analisar como as narrativas de si das interlocutoras tensionam, ou

⁵ Compreendo os “encontros gravados” como um termo que abarca o sentido da entrevista semiestruturada para fins de pesquisa, mas também a particularidade de realizar pesquisa com as minhas amigas. A expectativa de uma entrevista semi-estruturada assume um caráter diferente quando se trata de pessoas que já se conhecem, que são amigas, e que irão tratar de assuntos sobre os quais já dialogam cotidianamente. Portanto, a entrevista tratava de um momento em que nossas conversas seriam gravadas para fins de produção do conhecimento, porém, abarcava ainda a noção de que pesquisadora e pesquisadas já se conheciam e já tinham intimidade umas com as outras, aderindo um outro tom para a entrevista.

não, a maneira binária de viver os desejos (hetero ou homossexual); (3) Problematizar as escolhas binárias relativas ao roteiro de entrevista tendo em vista a pesquisa etnográfica realizada.

A conexão afetiva prévia com as interlocutoras facilitou o processo de consolidação dos encontros gravados que foram o mote da participação das minhas amigas na pesquisa, sendo elas: Amanda, Luci, Kaw e Titz. O interesse em participar aparecia em conversas nossas sobre as vidas amorosas umas das outras (minha e de cada amiga), quando eu comentava sobre o meu interesse em realizar a pesquisa com minhas amigas. Portanto, no momento de realização dos encontros gravados, o campo já estava sendo estruturado com as mesmas, que sabiam com meses de antecedência da minha vontade de pesquisar essa temática com elas.

Na minha perspectiva, o interesse das interlocutoras na participação se dava por motivos que circulavam entre o gosto por falar da própria vida amorosa, e a curiosidade em fazer parte da formação de um produto textual acadêmico. Em nossas conversas sobre a participação na pesquisa, com todas as interlocutoras, eu expunha as teorias metodológicas que eu estava consumindo na época, e o meu entendimento da possibilidade de se fazer ciência a partir de um lugar de afeto, e de perceber as pessoas participantes da pesquisa como também produtoras daquele conhecimento. Nessas conversas, eu percebia que a minha visão estimulava o interesse das mesmas, atribuindo um sentido de contribuição acadêmica à interlocução na pesquisa. Acredito que devido a isso, apesar de ser oferecida essa possibilidade, nenhuma das interlocutoras desejou utilizar um nome fictício na pesquisa. Nesse sentido, estipulei que utilizaria seus nomes reais na pesquisa, da forma como costume chamá-las, num movimento de consolidação da individualidade delas enquanto parte contribuinte da reflexão realizada nesse trabalho.

Para transformar os encontros gravados em textos transferíveis para a dissertação, desenvolvi uma forma de transcrever que identifica as pausas por meio de reticências, além de pontuar com vírgulas, pontos e interrogações, a partir da minha interpretação das entonações expressadas nos áudios. Termos informais como gírias e palavrões foram transcritos em conjunto com o restante, bem como as minhas intervenções ao longo das conversas. Se faz importante comentar também que nos trechos colocados no texto de dissertação, reduzo os nomes de pessoas que as interlocutoras citam ao longo das entrevistas apenas às letras iniciais

fictícias, dado que não há autorização dessas pessoas terceiras para utilizar seus nomes reais, diferentemente do que aconteceu com as interlocutoras que optaram por manter seus nomes reais na pesquisa.

As transcrições ocorreram sempre a partir dos dias seguintes à realização das entrevistas, no início dos arquivos de transcrição desenvolvia uma contextualização dos momentos precedente à entrevista, tal como o encontro com a entrevistada, os assuntos abordados antes do início da gravação, a descrição do ambiente em que a entrevista estava acontecendo, algo que considerei como uma complementação digital do meu caderno de campo físico. Transcrever de maneira manual (e digital) permitiu uma aproximação com o material que estava tomando forma a partir daquela atividade, bem como uma pretensão inicial das interpretações posteriores que aconteceriam no momento da análise desses dados, e portanto, se mostrou como parte importante da prática etnográfica.

Foi realizado um encontro gravado individualmente com cada interlocutora, tendo durações entre 45 minutos e 2 horas, sendo orientado por um roteiro (Apêndice 2) que contava com vinte perguntas. Dessas, nem todas as respostas adentraram o trabalho de dissertação, devido a problematização realizada sob o roteiro ao longo do processo da pesquisa (por exemplo: Existe algum entendimento diferenciado da forma como você alimenta e vive os desejos por mulheres e por homens?; O que você considera importante para desejar alguém afetivamente?; Você considera essa uma experiência homo hétero bi? pode contar um pouco?; Olhando suas experiências passadas, você diria que todas elas foram bissexuais?, são perguntas que perderam o tónus conforme alterou-se a perspectiva da pesquisa).

O material utilizado para a produção dos dados da pesquisa, portanto, tratou de parte do que foi conversado ao longo dos encontros gravados, juntamente com conversas de *whatsapp* entre eu e as interlocutoras sobre a pesquisa, além de anotações em meu caderno de campo. As convenções textuais do presente trabalho, no que tange a apresentação dos enxertos de entrevistas, são utilizadas normatizações como sugere a ABNT, ou seja, citações diretas de mais de 3 linhas, encontram-se recuadas numa margem de 4cm, com fonte tamanho 10 e espaçamento simples. Nesses casos, em que há citação de falas das interlocutoras, é apontado em parênteses. Estipula-se, também em parênteses, qual interlocutora promulgou as palavras e se foi em uma situação de encontro gravado ou *whatsapp*.

As citações diretas de menos de 3 linhas, são incorporadas ao texto, utilizando-se de aspas dupla, e seguem a orientação dos parênteses como nas citações longas. Há, também, os momentos em que são inseridas aspas dentro dos enxertos longos das interlocutoras. Nesses casos, a depender do contexto do recorte, as aspas sugerem que a interlocutora estava falando de um discurso de outra pessoa, ou, então, referenciando algo que tenha dito no passado, literal ou figurativamente. Alguns momentos em que as interlocutoras utilizam termos que são do nosso contexto de convívio (alguns exemplos disso são: *boy* e *mina*) esses aparecem em itálico, seguidos por notas de rodapé que explicam o termo. Como as palavras foram transcrevidas de maneira literal, os palavrões e a linguagem coloquial não foram corrigidos nem apagados, podendo encontrar-se esses tipos de colocações nos enxertos. Por último, os momentos em que eu percebi a necessidade de evidenciar alguma parte específica de um enxerto, destaquei-os em negrito, e apontei o destaque em parênteses após o enxerto.

O processo de escrita da pesquisa foi compartilhado com as interlocutoras ao longo de seu desenvolvimento. O texto da etapa de qualificação (cuja banca avaliadora ocorreu em Dezembro de 2022) e o produto final da dissertação foram considerados momentos demarcados para enviar às amigas. A qualificação foi enviada por e-mail, enquanto que para o texto final, criei um grupo no *whatsapp* com todas presentes, enviando o texto no mesmo dia que foi enviado ao orientador, deixando aberta a possibilidade de alterações no período de correção até enviar para as avaliadoras da banca. É importante pontuar, também, que ao longo do presente trabalho me refiro às amigas interlocutoras, algumas vezes somente como interlocutoras e, outras, somente como amigas.

Para dar continuidade a possibilidade de reflexão e análise, optei por iniciar o primeiro capítulo contextualizando a quem lê o processo metodológico que a pesquisa perpassou, de uma maneira que me permite apresentar, a partir dos conceitos de gênero que orientaram as escolhas, como decorreu a formulação do campo de pesquisa da presente investigação: a) quem são as minhas amigas que se tornaram interlocutoras; b) porque eu escolhi trabalhar com elas, somando a relação de amizade com uma relação de “pesquisadora” e “interlocutoras”; c) o que foi levado em consideração para realizar essa forma de produção de conhecimento; e, por último, d) o que me levou a colocar sob ótica de análise socioantropológica a minha própria formulação de perguntas ao longo dos “encontros gravados” (outra

nomenclatura que utilizo para referir-me ao momento de entrevista) com as participantes da pesquisa (questão que será retomada no capítulo final e na conclusão).

Dito isso, o capítulo seguinte a essa introdução tem por objetivo apresentar a produção e a pesquisa de campo que ocorreu ao longo do período de Julho de 2021 à Dezembro de 2022. Dessa maneira, embaso teoricamente as escolhas metodológicas, principalmente a partir de fontes de teóricas da epistemologia feminista, perpassando conceitos como o de experiência e a oposição entre objetividade e subjetividade. Além disso, apresento as interlocutoras, bem como descrevo os momentos de entrevistas que nomeei “encontros gravados”. Ao apresentar o caminho que a pesquisa enfrentou, esse capítulo cria o terreno para a reflexão acerca das escolhas metodológicas que me levaram a destinar o meu olhar analítico e reflexivo para a forma como as perguntas do roteiro foram redigidas, para as quais me volto no terceiro capítulo.

No que decorre a estrutura dessa dissertação, me debruço a analisar os conteúdos produzidos a partir dos encontros gravados. Utilizo esse termo por considerar que a entrevista semiestruturada é a nomenclatura adequada para comunicar a quem lê uma orientação metodológica do trabalho, mas considero que na experiência vivida por mim e pelas interlocutoras que participaram da minha pesquisa, esse era mais um momento entre amigas que, dessa vez, seria gravado e destinado para um trabalho de pesquisa científica.

O capítulo “Pensar experiências amorosas: escapar sem fugir?” aprofunda-se nas narrativas que as interlocutoras criaram ao longo dos encontros semi-estruturados acerca de suas experiências amorosas, e o como essas narrativas fazem parte do entendimento que as mesmas desenvolvem acerca de si mesmas, de quem elas são, ou de como elas entendiam a própria existência subjetiva no período em que o campo foi realizado.

O capítulo se divide em seções que buscaram abarcar as similaridades e singularidades encontradas nas narrativas das quatro interlocutoras, o que desembocou na categorização que é iniciada pela narrativa dos primeiros amores, que chamei das experiências na adolescência não heterossexual, apresentando como Kaw e Titz viveram suas primeiras práticas amorosas por meio do segredo, no que articulei a ideia de passabilidade. Na sequência, são abordados os itens relativos à cidade de origem e como o movimento de espaço geográfico pode

interferir nas possibilidades reconhecidas de identidade, desembocando, na seção seguinte, em uma reflexão acerca do movimento ativo de pessoas não-heterossexuais na busca por referências no que tange às configurações das relações amorosas. Há, também, a seção que apresenta as situações de violência que adentraram as narrativas desenvolvidas nas entrevistas, e como as interlocutoras manejaram os episódios de violências, as implicações que essas decorreram em seus entendimentos de si e de suas práticas amorosas. No que se segue, é apresentada a seção que explora a forma como conceitos de gênero são articulados e contribuem para o entendimento de si das interlocutoras Luci e Titz. As duas últimas seções, trazem contribuições acerca do entendimento que as interlocutoras apresentam acerca das condições de individualidade para se colocar em uma relação amorosa e também a possibilidade de criarem filhos em seus futuros (ou, no caso da interlocutora Kaw, de ter mais filhos e aumentar a família). Nessas seções, fez-se perceptível uma descentralização da situação amorosa com relação aos planos de futuro das quatro interlocutoras.

O capítulo “Pensar experiências amorosas: escapar sem fugir?” é o que mais investe no que as interlocutoras escolheram me contar da história de vida delas conforme as perguntas que propus ao longo da entrevista. Esse capítulo conduz a quem lê a compreenderem algumas ambiguidades que aparecem nas narrativas das mesmas, ambiguidades tais que após a realização da pesquisa de campo e a sistematização do material produzido me fizeram questionar o modelo de questionário produzido por mim mesma. O capítulo “Na corda bamba dos binarismos: entre tensão e manutenção na experiência empírica” se direciona a uma problemática que é advinda das minhas empreitadas teóricas (que ficarão explícitas capítulo “No tropeço dos encontros empíricos e teóricos”) que se fizeram presentes na formulação das perguntas do questionário, conseqüentemente gerando dados sobre a relação entre teoria e experiência vivida das interlocutoras acerca dos binarismos Ocidentais, principalmente no que tange ao desejo e à identidade de gênero. Nesse sentido, ocorre uma retomada das ambiguidades do que fora abordado no texto, num esforço de condensar a trajetória metodológica da pesquisa e o que foi compilado das trajetórias de vida das interlocutoras a partir da proposta metodológica formulada.

Se mostra um fator importante entender as limitações⁶ que produzi juntamente com o campo para dar continuidade ao investimento no próprio conteúdo das entrevistas, não se tratando de esvaziar os dados produzidos por meio do roteiro que entrou para a análise, mas, pelo contrário, colocá-lo de uma forma honesta e ética, sem ignorar os percalços empíricos e teóricos do processo de produzir conhecimento científico. Portanto, no último capítulo realizo a autocrítica com relação a formulação do questionário, tendo em conta que parti de binarismos típicos das sociedades ditas Ocidentais e, por isso, me propus a perceber a fazer da noção de bissexualidade o horizonte analítico deste trabalho. Nesse sentido, contrariamente às minhas próprias indagações de pesquisa, o roteiro de entrevistas supunha modelos binários da sexualidade, do desejo e das relações conjugais e amorosas. De igual maneira, estes limitavam as narrativas das experiências afetivo/sexuais, das identidades de gênero e das orientações sexuais à categorias estabelecidas de antemão. Assim, o capítulo

As discussões percorridas ao longo do texto desembocam em uma reflexão sobre o lugar da cisgeneridade ocupado na forma inicial de questionamentos nesse trabalho, que é apresentada nas Considerações Finais. Perante a isso, reflito também sobre o fazer científico etnográfico, especialmente pautado a partir de uma perspectiva de epistemológica feminista e a necessidade de se pensar os rótulos que baseiam as perguntas de pesquisa. Além disso, há também a exposição dos resultados obtidos acerca das experiências amorosas a partir dos encontros gravados com as interlocutoras, que compreendem um conjunto de negociações. Essas negociações adquiriram o entendimento de um jogo entre tensão e manutenção, para a inteligibilidade (Butler, 2019) de suas formas de entender a si mesmas, tornando-se identidades sociais possíveis em seus contextos.

⁶ Essas limitações, que se farão evidentes ao longo do texto, tange às categorias que foram utilizadas para se produzir as perguntas e como as próprias interlocutoras não se sentiram contempladas com algumas dessas categorias. Sendo mais nítida, duas das interlocutoras, naquele momento, não se identificavam com a identidade bissexual, bem como uma dessas participantes não se sentia contemplada na categoria “Mulher”, tratando-se de uma pessoa que se identifica enquanto uma travesti não-binária.

CAPÍTULO 1 - NO TROPEÇO DOS ENCONTROS EMPÍRICOS E TEÓRICOS

Esse primeiro capítulo da dissertação ambiciona apresentar os conceitos e as categorias que embasam as escolhas relativas ao caminho analíticos e metodológicos que a pesquisa perpassou. Ainda neste capítulo apresento quem são minhas amigas que se tornaram interlocutoras da pesquisa, mas opto por apresentar antes como eu, enquanto autora, percebo epistemologicamente os eventos empíricos que emergiram ao longo da realização desta investigação, abordando as escolhas metodológicas da pesquisa e as concepções científicas que são assumidas nesta etnografia.

Apesar de ser impulsionada, pensada e escrita por uma única autora (eu - uma mulher bissexual), são múltiplas as subjetividades que compuseram o que foi considerado nas concepções de perguntas e objetivos aos quais me proponho a discorrer. Enquanto pesquisadora, observar o meu cotidiano e as relações das pessoas à minha volta é o que molda a minha forma de perseguir e compreender as teorias de gênero. A decisão de trazer essa perspectiva à análise transforma não somente a maneira de fazer pesquisa, mas desemboca também na forma como é desenvolvida a convivência com as interlocutoras desta pesquisa, como colocado por Tim Ingold (2019), em Antropologia, “Estudamos *com* as pessoas, ao invés de fazer estudos *sobre* elas”. (INGOLD, 2019, p. 12; grifos do autor)

Transformei as minhas relações de amizade, as histórias que ouço e ouvi e os conselhos de amiga que dei e recebi em terreno de reflexão socioantropológica. Encontrei nas experiências amorosas de minhas amigas, compartilhadas comigo, a possibilidade de teorização acerca do lugar do amor e da sexualidade no entendimento de si, enquanto sujeitas, nos dias atuais. Fiz das minhas amigas, interlocutoras e, assim, levei a elas o meu lado de pesquisadora. Esse movimento constrói-me enquanto investigadora, não somente no que se refere a caminhar nos trilhos canônicos da academia, mas também ao direcionar os meus pensamentos antropológicos às vivências delas, respingando o meu lado cientista na amizade com as interlocutoras.

Como ficará explícito adiante, a escolha das participantes e suas formas de existirem e de interpretarem suas histórias de vida, que culminam em seus entendimentos de quem são, transformaram também o desenrolar dessa pesquisa.

Transformaram as perguntas da investigação, bem como as reflexões e problematizações delas decorridas. As conversas gravadas e as afirmações promulgadas durante elas me fizeram, enquanto pesquisadora e amiga, rever os conceitos e categorias que estavam sendo utilizados na pesquisa. A forma como a contribuição das interlocutoras compõe a reflexão acerca das identidades de gênero é entendida como parte do fazer socioantropológico assumida nesta pesquisa. Nos termos de Ingold (2015):

O que realmente distingue a antropologia, ecoando nossa conclusão do último capítulo, é que ela de fato não é um estudo de, mas um estudo com. Antropólogos trabalham com pessoas. Imeroso com eles em um meio de atividade conjunta, eles aprendem a ver coisas (ou ouvi-las, ou tocá-las) nas formas que seus professores ou companheiros fazem. Uma educação em antropologia, portanto, faz mais do que fornecer-nos conhecimento sobre o mundo - sobre as pessoas e suas sociedades. Ao invés disso, ela educa a nossa percepção do mundo, e abre nossos olhos e mentes para outras possibilidades de ser. (INGOLD, 2015, p. 14)

Faço-me pesquisadora a partir do lugar de teorização das vivências das participantes, adicionando outras formas das mesmas pensarem às próprias experiências, como nesse trecho da conversa com a interlocutora Kaw sobre suas experiências amorosas na adolescência⁷:

Kaw: [...] ninguém desconfiava, assim, sabe? Por olhar pra gente “Ai, são sapatão”⁸ não aquele estereótipo que a galera olha e fala “Não é sapatão, é hétero.”

Ana: E às vezes isso é até um mecanismo né na verdade...

Kaw: É... nunca pensei nisso...

Ana: Tá ligado? De evitar querer ser reconhecida justamente por ser e por esse ambiente, né? É um lugar muito inóspito assim...

Kaw: Sim...

(Kaw em entrevista concedida em 2022 à autora, transcrição e grifos da autora. As aspas fazem referência a uma citação externa, um “Outro” não determinado.)

⁷ Esse mesmo momento da conversa com a entrevistada Kaw aparece no segundo capítulo (”PENSAR AS EXPERIÊNCIAS AMOROSAS: ESCAPAR SEM FUGIR?”) desta dissertação, em que discorro sobre as experiências amorosas das interlocutoras e como essas delineiam o entendimento de si e suas formações de identidade de gênero. É interessante perceber que ao longo do segundo capítulo desenvolvo a ideia do “mecanismo” que comentei com a Kaw enquanto ouvia sua história, a partir do conceito de passabilidade a partir de outra perspectiva que considera o “passar” enquanto hétero como uma forma de escapar das vigílias (e dos vigilantes) que cercam o desenvolvimento de um sujeito não-heterossexual.

⁸ Como apresentado na Introdução deste trabalho, as aspas duplas inseridas nas falas significam uma citação de terceiro mencionada pela interlocutora, ou seja, quando elas se referem às falas de outras pessoas, seja retórico ou literal.

Mesclar quem eu sou enquanto pesquisadora e amiga, desembocando na formação da sujeita que produz a autoria desta dissertação, é um movimento de troca, que interfere na própria relação com as interlocutoras/amigas, bem como traz à luz os relatos de suas vivências de uma maneira aconchegante para elas. Essas propostas fazem parte da perspectiva socioantropológica que assumo nesse trabalho. Por saberem com quem estavam falando, por conhecerem as minhas vivências, as interlocutoras abordavam assuntos que já estavam presentes em nossas conversas cotidianas, mas que agora adquiriam o tom de reflexão e análise conjunta, como se explicita no seguinte trecho de Luci sobre a questão da não-monogamia⁹:

Luci: [...] acho que isso pode ser uma parada bem contraditória, mas eu tô gostando de saber que eu sou a única possibilidade de escolha pra essa pessoa ainda que também, tipo, outras pessoas possam cruzar a minha vida e eu posso escolher continuar me apaixonando pelo V¹⁰ assim sabe tipo não é sobre a negação da escolha, mas é sobre a possibilidade de entender que é...

Ana: Uma prioridade né? Posso ter várias coisas, mas posso ter uma coisa única que, se eu tiver várias coisas, essa coisa única não vai existir até pelo tempo e até pela economia do amor que você falou... como manter? Como se manter com várias pessoas... amiga? Eu ainda não sei...

Luci: E a gente viveu isso juntas, né? Tipo eu, assim, eu não quero... não tô querendo criar uma oposição, sabe? Mas eu tô querendo agora no momento da minha vida entender e perceber que essa relação também faz parte do meu projeto de vida [...] (Luci em entrevista concedida em 2022 a autora, transcrição e grifos da autora)

A afirmação de que “[...] a gente viveu isso juntas” emerge porque Luci compreende que nós, vivendo individualmente modalidades de vidas amorosas que

⁹ A questão da não-monogamia emerge no trabalho a partir da ida a campo, conforme os comentários das interlocutoras durante entrevistas sobre suas formas de viver os amores. Por isso mesmo, a não-monogamia na ótica das interlocutoras aparece mais ativamente no próximo capítulo, que trata dessas experiências amorosas com mais afinco. Para mais trabalhos sobre a questão da não-monogamia no Brasil, indico as produções de Antonio Cerdeira Pilão, como sua tese “Por que somente um amor? Um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil” (2017) e artigos publicados posteriormente, além do dossiê “Afetos, políticas e sexualidades não-monogâmicas” (2021) organizado por Antonio Pilão, Mônica Barbosa, Dardo Bornia Jr e Maria Silvério, que foi publicado pela Teoria e Cultura, revista da pós-graduação em Ciências Sociais da UFJF (Universidade Federal de Juíz de Fora). Disponíveis em, respectivamente: <<http://objdig.ufjf.br/34/teses/862954.pdf>><<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/issue/view/1600>>. Por último, indico também a tese “Amar é verbo, não pronome possessivo Etnografia das relações não-monogâmicas no sul do Brasil” (2018) de Dardo Lorenzo Bornia Junior. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193166/001091361.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

¹⁰ Utilizo apenas letra maiúscula nos momentos em que as interlocutoras citam pessoas terceiras das quais não tenho autorização para utilizar o nome. As convenções textuais que formulei estão apresentadas na Introdução.

buscavam questionar e exceder a monogamia, compartilhamos experiências uma com as outras, contando sobre nossos afetos e refletindo sobre eles. Nesse sentido, não pretendo fugir dos afetos que transcendem a minha vida acadêmica para me fazer pesquisadora, buscando assim uma neutralidade que já não se faz reconhecível (Olesen, 2006, p. 224). Pelo contrário, trago essas afetividades para compor a pesquisa, a partir dos relatos que foram produzidos por meio de entrevistas, e que só eu - não somente enquanto pesquisadora, mas enquanto pessoa próxima, amiga - poderia colher. Tal como bell hooks (1999) propôs repensar o lugar do erotismo no contexto educacional, pretendo trazer esse argumento para o lugar das afetividades na relação entre pesquisadora e pesquisadas:

A compreensão de que o erotismo é uma força que intensifica nosso esforço global de auto-realização, de que ele pode fornecer uma base epistemológica que nos permita explicar como conhecemos aquilo que conhecemos, possibilita tanto professores quanto estudantes a usar tal energia no contexto da sala de aula de forma a revigorar a discussão e estimular a imaginação crítica. (bell hooks, 1999).

Possibilitar, a partir da perspectiva etnográfica, que os conhecimentos prévios que tenho das interlocutoras sejam atravessados pela formação coletiva de conhecimento localizado é uma proposta que foge aos métodos canonizados pela Sociologia enquanto disciplina científica. Além disso, atravessa o que foi transmitido para mim enquanto estudante nas aulas de metodologia em Ciências Sociais, como relatarei nas páginas a seguir. Porém, como colocado por Peirano (2014) em “Etnografia não é método”: “Todo antropólogo está, portanto, constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador, repensando a disciplina.” (PEIRANO, 2014, p. 381). Estou distante de colocar-me numa posição de reinventar a Antropologia, mas entendo que busquei percorrer um caminho alternativo com relação a forma de interação com as interlocutoras participantes da pesquisa. Alternativo ao que me foi apresentado ao longo da minha trajetória acadêmica, porém convergente com intelectuais contemporâneas, me proponho olhar para as histórias de amores das minhas amigas com as lentes dos estudos de gênero. Dessa maneira, trago as vivências delas para a dissertação, bem como reflito minha própria relação com as interlocutoras.

Amanda: [...] eu sabia que tinha alguma coisa errada e que eu tava me privando de algumas coisas... não só por ela, mas por mim também, por medo só que aí eu fiquei totalmente liberta e é por isso que eu não consegui mais me relacionar com ninguém **porque eu tinha medo de perder minha liberdade de fato mesmo não perdendo, né? Só construindo outras coisas...**

Ana: **E até um medo de que a sua liberdade seja ofensiva pras pessoas, essa maneira livre de ser... te vejo como uma pessoa que tem autonomia**, assim, amiga, sabe? Acho isso muito *da hora* em você...

Amanda: É eu acho que foi isso também que fez tanto o L. quanto a S. falarem comigo antes e não falarem só entre si também o que foi bom [...] (Amanda em entrevista concedida em 2022 a autora, transcrição e grifos da autora)

Em razão do acima exposto, penso que algumas pesquisas são possíveis somente em determinados contextos relacionais. Exemplo disso, é a etnografia realizada por Damasio (2020) com a sua própria família e que possibilitou à autora refletir acerca das bases do fazer antropológico, bem como as relações de parentesco e subjetividade:

Objetividade e subjetividades estão imersos em um único processo, o de estar vivo. Mas ela vira um argumento utilizado e colocado na mesa quando você é o “Outro” na antropologia. Então, para sermos levados a sério teríamos que expurgar nossa subjetividade do processo de pesquisar? Mas os antropólogos não estão o tempo todo afirmando que “devemos levar as pessoas à sério” (quando estão falando desse “Outro” que somos nós)? Minha posição em campo de alguém entre-mundos (parente/pesquisadora, moça/mulher, origem/mundo) subverte a expectativa dessa alteridade que constrói um “Outro” e quebra a expectativa em relação a uma objetividade absoluta. Em diálogo com os estudos pós-coloniais, feministas e subalternos tento produzir uma etnografia (e uma antropologia) em que as vozes das minhas parentes-interlocutoras estejam em relevo e na qual elas podem se sentir devidamente representadas. (DAMASIO, 2020, p. 117).

A proposta metodológica que persegui no fazer etnográfico desta pesquisa se dá por considerar que a partir dos laços que eu nutro com as pessoas selecionadas para a participação, acessei alguns assuntos específicos, dos quais uma pesquisadora ou pesquisador que se encontrasse em um lugar de distanciamento perante essas mesmas pessoas, possivelmente não acessaria. Mais do que isso, lidei com os assuntos de maneira particular por ser amiga além de pesquisadora, bem como, pesquisadora além de amiga¹¹. É a partir do conhecimento prévio que tenho das sujeitas da pesquisa que pude articular de maneira mais frutífera

¹¹ Por outro lado, a proximidade também fez com que certas singularidades da minha relação com as interlocutoras não fossem ditas pelas palavras delas, mas sim pelas minhas palavras. Nesse sentido, há um limite nessas interações, que existe em concomitância com as potencialidades desse tipo de proposta metodológica.

conversas alongadas acerca das perguntas que se perseguem neste trabalho. Somando o conhecimento prévio que tenho das interlocutoras ao mesmo conhecimento prévio que elas têm de mim, encontrei uma maneira leve e bem-humorada de passar pelo processo das entrevistas, podendo “ser eu mesma”, enquanto pesquisadora sem abdicar do meu lugar de amiga, mesmo que algumas vezes os assuntos fossem delicados. Por exemplo, no momento em que Amanda me contou uma história de um encontro¹² que aconteceu em sua cidade de origem, ainda na adolescência, e eu contornei a história de uma maneira irônica que acabou por se tornar risória:

Amanda: [...] acho que teve um *boy*¹³ em Siqueira que era mais padrão que, tipo, a gente não tinha papo era só sexo mesmo e, tipo, a gente saía a noite e a gente saiu para jantar uma vez que se viu e, assim, que as pessoas viram a gente e o resto era só...

Ana: Tudo no sigilo...

Amanda: O resto era só sigilo assim e porque ele era o mais hétero de todos assim o mais *padrãozão* assim e eu ficava tipo...

Ana: E você tinha vergonha dele... (as duas riem)

Amanda: Eu também tinha, não vou mentir. Eu ficava “Pô gente todo mundo espera uma pessoa estranha sabe? Me respeita. Vou acabar com toda minha credibilidade, respeita minha história...”

Ana: Eu já achei muito você que você saiu jantar uma vez com ele... (ambas riem)

Amanda: Amiga é porque eu tava com fome não esse dia e ainda pesquisei o lugar que ia tá mais vazio perguntei pra vários amigos falei gente hoje é terça-feira onde não tem gente?

Ana: Se alguém me viu não era eu, tá?

Amanda: Na mesa do cantinho... (Amanda em entrevista concedida em 2022 a autora, transcrição e grifos da autora)

No nosso diálogo, eu e a Amanda revertemos um possível assunto de fragilidade em um motivo de risadas, ao nos realocarmos a possível “vergonha”, que inicialmente partiria do *boy* da adolescência não saía com ela em público. Revertemos a situação para que se tornasse risório o fato do *boy* estar no padrão de beleza heteronormativo, que não condiz com as características estilísticas que a Amanda expressa. Ela é que não queria ser vista com alguém dentro dos padrões

¹² O termo “encontro”, nesse caso, refere-se ao momento de encontrar alguém com quem se relaciona amorosamente.

¹³ “*Boy*” nesse caso refere-se a qualquer homem com o qual existe uma relação amorosa ou a possibilidade de uma relação amorosa. Apesar de significar apenas “garoto” na tradução literal do inglês, a gíria é utilizada no meio em que eu e as interlocutoras convivemos para referir-se a homens com quem possivelmente desenvolva-se uma relação. Decido utilizar essa terminação, com os mesmos fins, no corpo do texto.

de beleza determinados pela heteronormatividade, como cita em outros momentos da entrevista que se sente atraída por pessoas que apresentam algum destaque ou particularidade na forma de se portar¹⁴.

Eu poderia ter me colocado num lugar de escuta sobre essa situação, mas a ação de “trocar os papéis” ao evidenciar que quem teria vergonha seria a minha amiga impulsionou e moveu o diálogo para outro lugar de compreensão daquela experiência contada. Eu e a Amanda nos colocamos de uma maneira a ironizar os padrões estéticos, e assumir nossa apropriação, algo que remete a forma *queer* de pensar as imposições heteronormativas: “A ironia é um meio de lidar com o fato de que o grupo ao qual se é relegado se torna, para fins de diferenciação social e de contestação política, o grupo de nossa ação afirmativa” (SCOTT, 2005, p. 22)

Essa situação coloca em evidência as ambiguidades entre limitações e potencialidades ao se realizar uma pesquisa antropológica com pessoas próximas, das quais já temos conhecimento sobre quem são, e não obstante, pelas quais alimentamos algum afeto. É possível que, em uma entrevista com uma pessoa desconhecida, eu (enquanto pesquisadora) não completasse as frases da interlocutora, conduzindo a conversa para um lugar de ironia, visto que eu já havia compreendido o tônus da situação a qual ela estava descrevendo. Nesse contexto, seria captado um outro sentido do relato de Amanda, diferente do que ocorreu sendo eu a entrevistadora e criando essa situação de ironia com relação ao *boy* que demonstrava não querer estar com ela em um ambiente público.

Em um exercício de troca reflexiva, ao se expor a uma pesquisadora sobre a própria vida afetiva para fins de reflexão socioantropológica, essas sujeitas estão simultaneamente pensando e delimitando sua própria concepção de si e de sua vida afetiva. Não observo isso de uma maneira confessional, como elaborado por Foucault (1993) em *História da sexualidade*¹⁵, mas sim de uma maneira que se

¹⁴ Como percebe-se no seguinte diálogo retirado de entrevista realizada com Amanda: “[...] Ana: [...] como você definiria, se você conseguiria definir, um perfil, é, de alguém com quem você possivelmente se relaciona e aí pode ser um perfil como você quiser fazer, assim, seja de... Amanda: Estranho... (Amanda ri e continua) eu acho que... eu acho que pra mim se for pra ter um relacionamento, de fato, é importante estilo eu não vou conseguir ficar, namorar com uma pessoa básica porque eu vou me sentir chamando mais atenção que ela [...]”

¹⁵ Para Foucault (1993), a confissão foi um mecanismo importante do desenvolvimento da ocidentalidade: “Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos [...] O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente.” (FOUCAULT, 1993, p. 59) Portanto, a confissão, nos termos foucaultianos, dá significação à produção do normal e do anormal com relação à sexualidade, fazendo parte de um

proponha a pensar em conjunto a coletividade do viver íntimo, e como isso se respalda tanto para uma contribuição teórica e, na mesma via, para a reflexão acerca da vivência própria do campo dos afetos e como isso desemboca na vida pessoal. Como sustenta Joan Scott (1998) em seu artigo “A invisibilidade da experiência”:

Não são indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência. Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem de nossa explanação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o conhecimento que é apresentado. (SCOTT, 1998, p. 304)

A experiência compõe o que é levado em consideração ao consolidar as interpretações dos mundos de socialização que atravessam cada indivíduo de maneira particular, e que re incidem sobre a ação das pessoas, criando um fluxo não-linear entre o que foi vivido - experienciado - e aquilo que é articulado a partir de um conceber e agir pensado, reflexivo (GIDDENS, 1993, p. 192). Nesse sentido, a experiência entra como interpelação que constitui o viver, aquilo que é utilizado para elevar ao nível do inteligível o que se passa no decorrer de uma trajetória. Seja para significar a si mesmo, ou para ser significado pelos seus outros, a experiência é acionada enquanto possibilidade de reconhecimento de uma história de vida, conseqüentemente, de um indivíduo que é por ela atravessado, precedendo-a e prosseguindo-a (LARROSA, 2002, p. 25).

No que tange a esse trabalho, a experiência (SCOTT, 1998) de uma pesquisadora é articulada com as das interlocutoras elaboram uma reflexão sobre si mesmas, no sentido em que Giddens (1993) estabelece a reflexividade do “eu” e a coerência biográfica na qual essa subjetividade está inserida, acerca de suas experiências no campo da vivência dos desejos. Ou, até mesmo, como colocado pela entrevistada Luci, um lugar de incoerência biográfica, quando Luci afirma “[...]”

saber-poder, caminhando em divergência do que eu propus como prática metodológica de reflexão em conjunto acerca das experiências, sem que elas desemboquem em nenhum tipo de rótulo.

eu nunca prometi pra ninguém coerência [...]”¹⁶ ao abordar sobre a exclusividade em sua relação amorosa.

O momento de troca e conversa sobre as práticas dos desejos, suas histórias amorosas e como esses delimitam os arcações do entendimento de si, também faz parte de uma experiência para as próprias participantes da pesquisa. Para além de simplesmente expor algo a uma pesquisadora que irá, enquanto autora, transmutar os depoimentos em um texto de caráter acadêmico científico. Em um processo que leva em conta a afetividade pré-existente entre pesquisadora e participante, que se baseia na analogia feita a partir do conceito de afetividade/erotismo na condição de ensino por bell hooks (1999) trazido acima, numa troca reflexiva (GIDDENS, 1993), que posteriormente será analisada a partir da ótica dos estudos de gênero para o fim de contribuir para a produção de um conhecimento antropológico acerca do assunto.

Apesar de ser uma pré-concepção já contida nesse texto, considero necessário trazer à palavra outro aspecto relativo à experiência que também dá norte a esse trabalho de pesquisa e, para além disso, que revela a concepção de ciência aqui assumida. O valor atribuído à experiência neste trabalho considera que a exposição dessas concepções de si, que as interlocutoras da pesquisa compartilham por meio do diálogo conjunto, são conhecimentos que podem contribuir para as teorias de relações de gênero atuais. Como colocado por bell hooks (2021):

Hoje me sinto perturbada pelo termo “autoridade da experiência” e tenho aguda consciência de como ele é usado para silenciar e excluir. **Mas quero dispor de uma expressão que afirme o caráter especial daqueles modos de conhecer radicados na experiência.** Sei que a experiência pode ser um meio de conhecimento e pode informar o modo como sabemos o que sabemos. Embora me oponha a qualquer prática essencialista que construa a identidade de maneira monolítica e exclusiva, não quero abrir mão do poder da experiência como ponto de vista a partir do qual fazer uma análise ou formular uma teoria. (hooks, 2021, p. 93) (grifos da autora)

¹⁶ Esse é um importante momento da entrevista com Luci, e por isso ele é esmiuçado mais duas vezes ao longo dessa dissertação. A primeira vez ao fim do capítulo “Pensar experiências amorosas: escapar sem fugir?” quando explico a razão do título levar esse nome, por se tratar de uma frase de Luci. A segunda vez, no capítulo “Na corda bamba dos binarismos: entre tensão e manutenção na experiências empírica”, quando eu abordo a concepção de identidade que Luci produz, enquanto uma travesti não-binária, e não uma “mulher” nos termos em que da pesquisa estava sendo pensada anteriormente, como abordado na Introdução.

Faz-se importante reafirmar a teorização da experiência enquanto lugar possível de contribuição para a formação do conhecimento, não somente de si mesmo para as entrevistadas, mas também impulsionadora de conhecimento teórico, que culminou, neste trabalho, em uma reflexão acerca da fixidez/fluidez das identidades e como essa relação atravessa a biografia e a interpretação de si mesma das interlocutoras. Existe, dentro da comunidade científica, uma oposição entre objetividade e subjetividade (como apresentado no enxerto de Damasio colocado acima), que insere a experiência no campo da subjetividade e, conseqüentemente, invalida e diminui o conhecimento gerado por esse tipo de encontro, já que essa oposição binária enquadra a objetividade como única capaz de produzir o conhecimento científico. Existe um esforço para considerar a objetividade, que pode ser percebida enquanto uma ferramenta da racionalização promovida ao longo do século XVII e fundadora de paradigmas modernos (Varikas, 2003, p. 175). Porém, foi na década de 60 do século passado em que novos sujeitos, à época considerados subalternos, adentraram o ambiente acadêmico e passaram a produzir teorias que só foram possíveis dadas suas experiências de vida. Dessa situação empírica que desembocou em situações teóricas, novas teorias sobre a própria ciência e o sentido dela passaram a surgir. Nesse ponto, trago a formulação de Donna Haraway (1995) em seu texto intitulado “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, que é, com certeza, uma das engrenagens que movem a execução da pesquisa aqui proposta:

Todos os componentes do desejo são paradoxais e perigosos, e sua combinação é tanto contraditória quanto necessária. As feministas não precisam de uma doutrina de objetividade que prometa transcendência, uma estória que perca o rastro de suas mediações justamente quando alguém deva ser responsabilizado por algo, e poder instrumental limitado. [...]Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro. (HARAWAY, 1995, p.16)

A proposta para esse exercício, portanto, está imbricada na não-permanência e fluidez dos desejos, campo de estudos ao qual me debruço nessa investigação. Não é do meu interesse se as trocas dialogais, as afirmações e concepções/projeções de si das participantes da pesquisa irão se concretizar em um futuro, ou se quer que sejam totalizantes de alguma realidade coletiva.

Apresento o desdobramento constante das práticas íntimas de desejo e pretendo, por meio dessa pesquisa, fazer um registro de algumas dessas possibilidades atuais de vivência que possam contribuir para um diálogo com a produção já existente e a que ainda está por vir sobre esse assunto. Para ilustrar essas afirmações, gostaria de retomar um assunto do início desse texto referente a insistência partida de mim para a participação da interlocutora Titz na pesquisa. Caso eu, em nome do recorte do “objeto de pesquisa”, restringisse a participação exclusivamente para mulheres autodeclaradas bissexuais, não poderia captar a complexidade que existe na experiência dessa interlocutora ao se perceber (no momento de realização do campo) enquanto uma mulher sapatão mesmo que houvesse a prática do desejo sexual com homens cisgêneros:

Ana: É... *vamo* falar um pouquinho mais sobre a questão da bissexualidade agora, eu tenho aqui no meu roteiro uma pergunta que é... **vou ler ela exatamente aqui pra você: você se entende enquanto alguém que vive a bissexualidade na sua experiência amorosa?**

Titz: (risada)

Ana: **Essa é a pergunta que eu criei no roteiro que vai ser pra todas as pessoas que eu vou entrevistar, mas eu te conheço, eu sei do *trampo* que foi quase uma coisa de convencimento de que você de que, sim, você poderia participar da minha pesquisa, da minha dissertação. Então, imagino, mais ou menos, o que você vai responder mas mesmo assim quero te ouvir falar sobre isso...** se você considera que atualmente, a gente fez esse caminho, né? Eu te perguntei sobre a primeira vez que você se sentiu apaixonada gostou muito de alguém, alguma vez né? Não necessariamente a primeira mas foi o teu caso, alguma coisa que você quisesse me contar e agora a gente tá caminhando pra falar da tua vida amorosa hoje... então, eu te pergunto se você considera que você tem uma vivência bissexual hoje.

Titz: Hoje, hoje não... (risada)

Ana: (risos) Hoje, 11 de Julho, hoje eu acordei um pouco assim um pouquinho menos bissexual que ontem e um pouquinho mais do que amanhã (ainda dando risada)

Titz: (ainda dando risada) Eu acho que assim, ó... tá... pra eu falar sobre o hoje eu preciso voltar nessa narrativa, porque eu acho que... durante muito tempo eu senti que a minha vivência lésbica me foi roubada durante muito tempo... roubada pelo mundo... porque eu poderia ter me assumido sapatão muito mais cedo e eu poderia ter vivido muito mais coisa muito mais cedo e acho que por isso existe essa urgência de tipo “Nossa, *vamo* viver tudo!” e hoje em dia não eu não tenho essa pressa esse desespero hoje em dia é tipo calma não é assim mas enfim... eu senti durante muito tempo que isso me foi roubado assim então e que tipo *caralho mano* parece que eu perdi muito tempo da minha vida...

Ana: Como se você tivesse que recuperar o tempo perdido. (Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrição e grifos da autora)

O trecho acima evidencia a contradição inerente ao desejo afirmada por Donna Haraway (1995), encaminhando a reflexão para uma das conclusões obtidas a partir da realização da pesquisa de campo. Consolidar uma identidade ao longo de anos é um esforço que não se desfaz conforme as práticas do desejo se modificam, que é evidenciada pela própria interlocutora ao compreender a identidade como um processo e não como algo passível de se finalizar¹⁷. Portanto, o entendimento de identidade assumido nesse trabalho dialoga com o que Stuart Hall (2014) desenvolveu, em seus termos:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito mas um conceito estratégico e posicional. [...] Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não, não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2014, página)

Considera-se, então, essa pesquisa como o resultado de uma troca de experiências, entre pesquisadora que faz também parte do grupo ao qual pesquisa, e entre participantes ativas da investigação, que a partir de suas experiências e conhecimentos desenvolvem reflexões acerca de seus entendimentos de si, de suas identidades, geradas a partir do encontro gravado de uma entrevista semiestruturada, formulam uma nova experiência reflexiva, enriquecendo o próprio entendimento de si das participantes (incluindo aqui também a subjetividade da autora), bem como contribuindo para os estudos acerca do tema, podendo representar algumas das formas de se enxergar os relacionamentos.

Considerando-se que a partir da construção, desde o século XIX, de uma ideia de oposição binária entre Normal e Anormal, nas questões relativas ao sexo, se instaurou a ideia de normalidade relativa a vivência da heterossexualidade a de uma continuidade linear, denominada por Judith Butler (2019, p. 112) como “matriz heterossexual do desejo”: (1) nascer num sexo biológico macho ou fêmea, (2)

¹⁷ Ao contar sobre a primeira vez que se apaixonou por uma mulher, eu comento sobre o quanto essa paixão a modificou, e em dado momento Titz cita: “[...] o que que eu faço porque me foi colocado e eu deveria fazer porque eu sou uma *mina* ou o que que eu faço porque eu gosto porque eu me sinto bem mesmo e daí foi um *processão* assim acho que hoje em dia eu entendo muito melhor isso... não completamente... eu acho que sempre existem descobertas continuamente...” a partir dessa afirmação eu complementei: “Eu ia perguntar isso, se você considera que hoje em dia esse processo está finalizado?” e então Titz afirmou: “Acho que não... acho que nunca tem fim eu acho que é uma transformação constante.” (diálogo presente na entrevista realizada com Titz e transcrita pela autora).

identificar-se (e ser identificado) e expressar-se com os comportamentos e vivências exigidos a partir de demandas externas e, posteriormente, (3) que esse indivíduo se relacione sexual/amorosa/afetivamente com alguém do sexo oposto, e então forme, a partir dessa união, uma família nuclear e, na sequência, (4) se reproduza. A consideração da linearidade da vida para a formação de uma família nuclear heterossexual pode ser entendida como parte de uma normatividade que se coloca de maneira a regular os corpos utilizando-se de arranjos explicativos de variadas origens, a esse fim regulatório denomina-se heteronormatividade.

A heteronormatividade é, então, um dos nomes dado ao mecanismo¹⁸ que operacionaliza essa linearidade, possibilitando o deslocamento da experiência e identidade homossexual, bem como qualquer vivência fora do espectro heterossexual, para o lugar do “outro”, do “anormal”. Conforme colocado por Miskolci:

A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade (CHAMBERS, 2003; COHEN, 2005, p.24). Muito mais do que o apreço de que a heterossexualidade é compulsória, a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. (MISKOLCI, 2009, p. 156)

Ao entender que esse mecanismo liga a experiência de vivência dos desejos com a expressividade de si, pode-se perceber que esse regula não somente o comportamento, mas também a sensação de coesão e pertencimento entre os indivíduos em geral e a forma como esses são reconhecidos por seus outros na vida cotidiana (tornar-se sujeito, ou, processo de subjetivação). A ideia de que não existe conceitualização acerca da sexualidade que seja pré-discursiva foi promovida por uma das autoras mais influentes da teoria *queer*¹⁹. Ao articular sua teoria da

¹⁸ Ao longo desse material textual, utilizo-me também do conceito de heterocentrismo, desenvolvido por Jaqueline Gomes de Jesus (2013), uma das mais influentes teóricas do transfeminismo no Brasil.

¹⁹ A origem do nome da teoria *queer* parte de um termo estigmatizado da língua inglesa que se referia às pessoas que apresentavam comportamentos estranhos à norma, passando a existir esse termo para defini-las e apontá-las de maneira violenta. O que essa teoria faz é se apropriar desse termo, assim como de outros termos negativados referentes à expressividade de gênero, impulsionando-os a adquirirem outros significados, de afirmação a apropriação. Será discorrido sobre a teoria queer de maneira mais densa no decorrer desse texto, mas alguns dos trabalhos que podem ser indicados para aprofundamento da temática são os estudos de Paul B. Preciado (2003) Sarah Salih (2015), Richard Miskolci (2009), Berenice Bento (2014), Leandro Colling (2007) Larissa Pelucio (2012) e Leticia Lanz (2015).

performatividade de gênero, Judith Butler (1999) passou a afirmar que não somente o gênero fazia parte da interpretação da cultura, mas também o sexo, já que qualquer afirmação acerca da materialidade do corpo é também produto de um discurso historicamente localizado, seja advindo da ciência ou de outras fontes como a religião e a escola. Essa concepção desemboca diretamente na compreensão de como se articula o processo de subjetivação, a partir do qual estabeleci uma demarcação com o conceito de “entendimento de si”, termo que se esforça para estabilizar ou recortar o momento específico (no caso o momento presente da realização do campo) desse processo interminável que é fazer identidade. Portanto, há de se considerar que o processo de formação da identidade é cercado por normas exteriores aos indivíduos e que o processo de subjetivação é referenciado por essas normas. Nos termos de Butler (2015):

As normas pelas quais eu reconheço o outro ou a mim mesma não são só minhas. Elas funcionam uma vez que são sociais e excedem cada troca diádica que condicionam. Sua sociabilidade, no entanto, não pode ser entendida como totalidade estruturalista, tampouco como invariabilidade transcendental ou quase-transcendental. Sem dúvida, alguns argumentariam que para o reconhecimento ser possível as normas já devem existir, e de fato há alguma verdade nessa afirmação. Também é verdade que certas práticas de reconhecimento, aliás, certas falhas na prática de reconhecimento, marcam um lugar de ruptura no horizonte da normatividade e implicitamente pedem pela instituição de novas normas, pondo em questão o caráter dado do horizonte normativo prevalecente. O horizonte normativo no qual eu vejo o outro e, com efeito, no qual o outro me vê, me escuta, me conhece e me reconhece também é alvo de uma abertura crítica. (BUTLER, 2015, p. 37)

Os modelos impostos pela heteronormatividade não são tão facilmente determinados ou palpáveis, existindo uma gama de possibilidades de existências heterossexuais conforme o contexto espacial e temporal. Porém, ocorre que apenas existências que possam ser colocadas dentro desses padrões são passíveis de reconhecimento, ou, nos termos de Butler (1999) de inteligibilidade. A partir disso, entende-se o conceito de citacionalidade, que trata da possibilidade de desdobramentos dos padrões estabelecidos, que são constantemente reformulados a ponto de tornar implícito os termos originais pelos quais a heteronormatividade se instaura historicamente. De forma citacional os indivíduos reiteram e são reiterados pelos seus outros, o que desloca do próprio sujeito individual a vivência da norma, e o insere numa cadeia de possibilidades finitas para uma existência que é reconhecida pelos outros.

Ao deslocar a ideia de citacionalidade para as possibilidades de corpos que não se pessoalizam conforme as possibilidades padronizadas pela heteronormatividade, a citação de um comportamento que, pela norma, é considerado fora do padrão, causa um distúrbio da determinação original. Além disso, evidencia a fragilidade e o caráter ficcional dessa regulação que se enraíza especificamente na pretensão de se mostrar unívoca devido a sua “naturalidade”. Ideia essa problematizada por Butler ao afirmar a impossibilidade de conceitos naturais, afinal, todo o conceito está sob reflexão discursiva, discursos esses que podem ser culturalmente localizados e identificados, como declarado no parágrafo anterior.

É a partir da ideia de enunciados performativos, advindos de teorias de linguagem de Austin (SALIH, 2015, p. 141), que o discurso passa a fazer parte imprescindível da formação do sujeito e de seu entendimento de si e dos outros:

Butler tem uma visão não-essencialista dos significados das palavras, observando, assim, que “A significação *não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição* que tanto oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes”([1990] 2003: 209, grifos no texto fonte). A palavra em si não significa nada; o significado vem da matriz cultural na qual é inserida e como é usada e repetida (LEWIS, 2012, p. 52)

Na teoria butleriana, a palavra reiterada adquire o poder de formação dos sujeitos, que são constantemente apontados por meio de afirmações estruturantes, ou seja, atos performativos que produzem significados na vivência dos indivíduos. Um exemplo clássico que esclarece essa ideia, é a identificação do sexo de bebês que ainda estão na barriga. Os atos performativos de afirmação de que é um menino ou uma menina, criam a expectativa e determinam a forma como esses sujeitos serão lidos quando chegarem ao mundo. Interpelados pela afirmação de como devem ser, declarar de maneira discursiva o sexo de um bebê é enquadrá-lo dentro de uma gama de comportamentos esperados e pré-determinados antes mesmo de seu nascimento. O bebê é continuamente interpelado por essas afirmações que dizem o que é coerente e o que não é conforme o seu sexo, a partir da lógica heteronormativa, causando efeitos de regulação e controle para os comportamentos que extrapolam essa coerência pré-determinada. Esses efeitos desembocam numa reiteração performatizada regulada pelos comportamentos de gênero heteronormativos.

Os indivíduos que extrapolam as exigências heteronormativas e as reverberações desses comportamentos compõem o enfoque da tese butleriana, que localiza nessas agências, a potencialidade de se identificar a fragilidade da norma e também sua possibilidade de mutação e rearranjo. Considera-se que as participantes dessa pesquisa, bem como a própria autora impulsionadora (eu), fazem parte desse grupo de pessoas que vivem de maneira a gerar um distúrbio no que é esperado do comportamento, já que vivem os seus desejos de maneira a não excluir a possibilidade afetiva com outras mulheres, e, conseqüentemente, vivem os desejos para além da heterossexualidade.

A existência dessas pessoas que extrapolam as vivências heterossexuais e suas práticas sempre se mostraram presentes, porém sofrem o que Butler (1999) chamou de um apagamento histórico, uma ferramenta da heteronormatividade que tende a excluir dos discursos as práticas e identidades existentes para além do binário, já que suas lentes só permitem identificar aquilo que se encaixa nas categorias binárias.

A partir da chave de análise foucaultiana, que percebe a sexualidade enquanto um dispositivo que se faz basilar na organização da vida como um todo, é possível examinar algumas formulações sociológicas clássicas e como essas caminharam junto com concepções naturalizadas de diferenças binárias que, conforme o avanço dos estudos de gênero, se provaram como criações culturais existentes para demarcar, justificar e gerir ferramentas masculinas de poder que culminaram em relações de subordinação feminina. Além disso, invisibilizam existências não-condizentes com o par macho e fêmea que se instaura enquanto unidade a fim da reprodução, justificando a unívoca heterossexualidade e colocando qualquer outra forma de se relacionar com os desejos em campos como o da patologização, da aberração e do distúrbio (Rubin, 2017). Portanto, muitas vezes em que sociólogos se propuseram a produzir estudos e teorias sobre as condições e configurações de homens e mulheres, mesmo considerando a relação de subordinação feminina bem como a organização da família e da procriação enquanto condição do casamento (Tamanini, 2020), não alcançaram um rompimento com as categorias hegemônicas que produzem formas binárias de organização da linguagem e pensamento, demarcando a limitação das formulações teóricas. Como colocado por Maria Lugones (2014, p. 935), “[...] a lógica categorial dicotômica e hierárquica é central para o pensamento capitalista e colonial moderno

sobre raça, gênero e sexualidade” e essa forma de pensamento se torna evidente nas produções sociológicas clássicas acerca das discussões inseridas no debate relativo à sexualidade e conjugalidade (Pierret, 1998).

No decorrer dos estudos de sexualidade, a partir das perspectivas feministas e de gênero, fez-se necessário localizar a historicidade da tradição da diferenciação binária a qual as concepções normativas foram submetidas, e foi para esse sentido que o teórico Thomas Laqueur (2001) direcionou o seu trabalho ao demarcar, a partir de análises documentais de parteiras do século XVII bem como relatórios médicos e científicos, o momento de transição das concepções acerca da fisiologia humana, e como ocorreu a passagem de uma concepção unívoca de sexo biológico ao dimorfismo sexual:

Assim, o antigo modelo no qual homens e mulheres eram classificados conforme seu grau de perfeição metafísica, seu calor vital, ao longo de um eixo cuja causa final era masculina, deu lugar, no final do século XVIII, a um novo modelo de dimorfismo radical, de divergência biológica. Uma anatomia e fisiologia de incomensurabilidade substituiu uma metafísica de hierarquia na representação da mulher com relação ao homem. (LAQUEUR, 2001, p. 17)

A partir do trabalho de Laqueur (2001), faz-se perceptível que as afirmações sobre o sexo e a corporalidade - a divisão dimórfica - desdobraram-se como parte de um arcabouço de justificativas para as normas comportamentais que estavam se desenvolvendo. Ou seja, essas explicações surgem para embasar mudanças culturais que delimitaram como deveria ser cada pessoa que nascesse em determinado sexo, quais deveriam ser suas condutas, seus objetivos na vida, seu lugar no mundo. Portanto, caminharam juntas essas explicações ditas científicas ou filosóficas, ou até mesmo, metafísicas e as delimitações generificadas diferenciadas pelo sexo, que justificavam todo um sistema político e econômico. Observa-se, então, a movimentação de distintos setores da organização coletiva (ciência, medicina, religião, regulamentação jurídica) para ancorar e instrumentalizar o poder na corporalidade dos indivíduos a partir do dimorfismo sexual, o que é entendido na literatura foucaultiana um dos efeitos do biopoder. Posteriormente, teve seu desdobramento teórico promovido por Paul B. Preciado enquanto sexopolítica, em que as configurações corporais que são relacionadas ao sexo “[...] entram no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de

normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida.” (Preaciado, 2011, p. 11).

Em estudo especificamente sobre o aspecto político e como se desdobrou a divisão dimórfica dos sexos nas relações de poder, Eleni Varikas (2003) propõe-se a analisar como se deu o processo de naturalização da subordinação feminina conforme caminhou a modernização a partir do Iluminismo. Questões que antes encontravam respaldo nas justificativas religiosas acerca do Masculino e Feminino, ao se chocarem com o processo de secularização promovido pela racionalização característica do período iluminista, tiveram de buscar outras fontes para que fossem ancoradas as diferenças sexuais que mantinham a subordinação feminina, e quanto a isso, Varikas (2003, p. 187) afirma ter ocorrido um processo de “ressacralização do poder” (Varikas, 2003, p. 187) em que houve um “[...] deslocamento da legitimação da dominação do âmbito religioso para o da natureza.” (Varikas, 2003, p. 187).

Nesse ponto, torna-se possível compreender que o campo de estudos da sexualidade, para as ciências sociais, é inextricável ao campo dos estudos de gênero. Essa indicação se dá por compreender que a forma como as afirmações sobre o corpo, as práticas sexuais e a reprodução se delinearam com o caminhar da modernidade, sejam essas advindas da filosofia, da religião ou da ciência, se desenvolveram em conformidade com um sistema político de regência da vida humana coletiva, cujo qual as hierarquias de opressão e subordinação são localizáveis a partir das contribuições de intelectuais feministas do gênero, que desenvolveram metodologias e perspectivas passíveis de análise. A afirmação que as teóricas dos estudos de gênero consolidam é a de que esse sistema político tem em sua orientação principal diferenciações generificadas, ou seja, na determinação da existência de Homens e Mulheres, que foi naturalizada a partir de um processo que uniu tanto práticas médicas e científicas, observadas no estudo de Laqueur (2001), como práticas relativas ao sistema jurídico e político, como analisado por Eleni Varikas (2003).

Tendo exposto a discussão sobre os binarismo de gênero, penso que, tal como afirmei linhas acima, o fato de ser mulher bissexual me coloca, desde o início, como parte do universo da pesquisa e, quando foi necessário realizar um recorte,

encontrei na teoria uma justificativa²⁰ que ainda me mantinha dentro do universo de pesquisa ao qual eu estava me debruçando. Combinado a isso, da metodologia de minha ideia inicial de pesquisa até o recorte aqui explorado, esteve permeada por um pensamento: sendo quem sou, frequentando os espaços que frequento, “andando” com quem eu “ando”, seria factível pesquisar as pessoas com quem eu já convivo, dado que são majoritariamente pessoas LGBTQIA+. No projeto de pesquisa utilizei as seguintes palavras: “A seleção dos participantes da pesquisa será feita com base na já estabelecida rede de jovens LGBTQ+ conhecida da pesquisadora, que é também parte da categoria descrita.” (arquivo pessoal, 2020)

Ainda assim, perante a necessidade de um recorte no universo dos sujeitos que iriam compor a formulação dos dados da pesquisa, me coloquei enquanto pesquisadora/autora de uma maneira que me mantinha enquanto sujeita dentro desse universo de pesquisa que eu mesma estava formulando. Essa escolha teve, sim, suas bases teóricas, mas observo como um passo relevante para o fazer etnográfico assumido na pesquisa. Mesmo diante da possibilidade de me diferenciar dos sujeitos que seriam pesquisados, ainda assim, insisti em me manter dentro dessa possibilidade de ser a autora, também, uma pessoa participante da pesquisa. Essa insistência aparece também em aspectos relativos à escolha das interlocutoras, assunto que abordarei adiante.

Da embrionária ideia de projeto de pesquisa que descrevi nas páginas anteriores até o momento de ir à campo com um recorte delimitado de interlocutoras (realizar entrevistas com as mulheres bissexuais, participantes da pesquisa e também amigas) a pergunta de pesquisa se condensou em compreender como se deram as experiências relativas aos desejos amorosos ao longo da vida de mulheres bissexuais. Além disso, interessava-me compreender como elas vivenciam suas vidas amorosas nos dias atuais, e como planejam seus futuros com relação a formação de família a partir da conjugalidade e da filiação. A partir dessa pergunta central, desdobraram-se os objetivos específicos, que consistiam em perceber como foram as experiências relativas à sexualidade das jovens bissexuais até o momento da entrevista; Analisar se a forma como as experiências relativas à conjugalidade de jovens bissexuais são pensadas no presente reverberam em sua

²⁰ Essa justificativa, naquele momento, tratava da Epistemologia Bissexual sobre a qual tive conhecimento a partir da dissertação de Elizabeth Sara Lewis (2012) intitulada “‘Não é uma fase’: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais”.

narrativa em relação ao que pode ser organizado, em suas perspectivas, em relação ao futuro; e compreender se as narrativas de si das mulheres bissexuais apresentam tensões relacionadas ao viver dos desejos de maneira binária (hetero ou homossexual).

Porém, a ida a campo alterou qualquer estabilidade dos conceitos que eu utilizei ao longo da formulação da investigação. Ir a campo me levou a perceber que as questões teóricas e práticas que me impulsionaram a perseguir uma investigação acerca das “mulheres bissexuais” estava imputando às interlocutoras uma identidade com as quais não necessariamente todas elas se identificavam completamente.

Nesse momento devo apontar o segundo fator de insistência que partiu de mim, no que concerne à seleção das interlocutoras. Foi um impulsionamento meu deslocar o foco da seleção das interlocutoras para a história de relação que elas mantinham comigo (relativo às vivências além da pesquisa, aos assuntos que conversamos e aos afetos que alimentamos, elas e eu). Em texto apresentado à linha de pesquisa de Gênero na qual estou inserida, justifiquei a seleção das amigas entrevistadas a partir do que intitulei enquanto um “radar”:

[...] Era sabido, entre as mulheres amigas que estavam no meu radar para participarem da entrevista, que esse momento chegaria. [...] Esse radar que cito, para me fazer nítida quanto a seleção das entrevistadas, considerava poucos fatores que tornavam o universo de pesquisa estreito: (1) era necessário que fosse minha amiga, (2) que em alguma medida tivesse me demonstrado o interesse e abertura em conversar sobre as relações e experiências amorosas, não apenas de maneira pessoal mas também de maneira “filosófica” (não no sentido acadêmico do termo, mas sim no sentido de profundidade criativa do pensar e dialogar), **(3) que já houvesse me relatado histórias de amores com homens e com mulheres.** Por sorte ou por ter semeado essas relações de maneira dedicada, as pessoas que se enquadravam dentro destes critérios demonstraram interesse e disponibilidade em reservar um tempo para um encontro que teria como atividade principal uma conversa gravada por meu aparelho celular, e que seria orientada por um roteiro que eu portava na tela do *tablet* cujo qual eu realizava uma gravação reserva. (Arquivo pessoal, grifo meu.)

Tensionar essa pesquisa sob a ótica da autorreflexão etnográfica tornou evidente a relação de descontinuidade entre o uso do termo “mulheres bissexuais” assumida enquanto identidade nos enunciados de perguntas de pesquisa e o critério (3) de seleção das participantes da pesquisa. Para obter relatos por meio de

entrevistas, priorizei a minha premissa que considera a possibilidade de teorizar a partir dos afetos, a partir de lugares de relação pessoal, demonstradas nos critérios (1) e (2). Essa descontinuidade causou um deslocamento entre a investigação que se perseguia (conforme os objetivos anteriores que apresentei na página anterior) até aquele momento e os dados produzidos, relativos às experiências das entrevistadas, suas expressões de identidade e suas ambições de futuro.

Desde o início, a maior motivação para formular as minhas inquietações enquanto problemas teóricos foi a minha trajetória e vivência, que inclui as amigas que entrevistei, dado que até mesmo as experiências delas relatadas a mim compõem a minha curiosidade sociológica em se debruçar nos estudos de Gênero e Sexualidade. Nas palavras de Glória Anzaldúa (2000):

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico. (ANZALDÚA, 2000, p. 233)

Por isso, hoje vejo, priorizei manter as sujeitas de pesquisa, as interlocutoras, dentro da minha rede de afetos. Como indicarei adiante, a primeira entrevista que realizei foi com a Titz²¹, que resistiu em alguma medida quando marcamos a data do encontro:

Titz em áudio de *whatsapp*: [...] Eu não sei na real. não sei te dizer... não me sinto com vontade de pegar outros *boys* no momento, as pessoas que eu tenho me relacionado são mais mulheres cis e daí...sei lá... **porque fica fora do teu recorte, né? Tipo, eu adoraria ser entrevistada por você e falar os bagulho o que você quiser saber...** ficar divagando... seria lindo, eu adoraria, mas daí não sei se tipo... Se vale a pena pra você, tá ligada? **Porque a tua pira são pessoas que se autodeclaram como bi, né? Tipo acho que eu não consigo me declarar...** acho que eu nem... ai... acho eu tô conhecendo tanta gente legal, tem tanta gente legal na minha vida, tipo, tanta *mina* legal na minha vida no momento não só de relação afetivo-sexual, sei lá, romântico-sexual mas de amizade também, de

²¹ Chama-me a atenção que a própria pesquisa de dissertação representa uma parte volumosa na forma como me relaciono com a interlocutora Titz. Nos conhecemos por um amigo em comum que deduziu que nos daríamos. Desde esse primeiro encontro, acordamos que ela iria participar da pesquisa enquanto uma pessoa entrevistada, muito por se interessar em falar sobre esses assuntos (o assunto dos amores, da sexualidade e de como essas concepções formam quem somos) e também por estar num caminho de mudanças em suas práticas de desejos. Adiante, no correr desse texto apresento de maneira mais aprofundada essa interlocutora, quem ela é e sua história.

trampo, de tudo sabe? E... e eu gosto muito desse lugar assim tipo... Então não sei... Eu posso participar sendo um desvio no caminho? Se eu puder daí beleza... Não sei... Cé que manda. (Transcrição da autora a partir de áudios enviados pela Titz via *whatsapp*)

Novamente aparece o fator da minha insistência em entrevistar as amigas, que eu sabia que poderiam me trazer dados relevantes sobre o tensionamento dos binarismos históricos da cultura e ciência Ocidental, bem como sobre as experiências amorosas dessas que se tornavam agora minhas interlocutoras. Eu poderia, por exemplo, ter buscado outras amigas que se identificassem enquanto mulheres bissexuais e que não houvesse estranhamento em se colocar nessa categoria para uma entrevista. Mas, para mim, era interessante e analisável o elemento da dúvida, do desconforto, da fluidez (tendo em vista um dos objetivos específicos abordando o tensionamento dos binarismos, citados acima) bem como a vontade de falar comigo, de relatar suas experiências, “ficar divagando”, nas palavras de Titz. Faço tangível essa teimosia a partir de minha resposta, em texto de *whatsapp*, para a interlocutora/amiga:

Felizzzzz que vc ainda quer participar, pra mim eh bem daora essa compreensão que vc tem de estar envoltada por mulheres na sua vida social/amorosa e na real que pra mim isso eh um dado. no texto metodológico eu vou apresentar todas as participantes, e aí vou poder explorar esse assunto, pensando a bissexualidade como possibilidade de prática, mas não necessariamente como algo central na vida da participante ou como uma expressão de identidade. eu não sei se você tá com tempo, mas posso te mandar o texto metodológico agora e vc vai entender o porquê eh importante pra mim a tua participação por quem você eh. eu justifico a escolha das participantes conforme o interesse que elas têm em tratar dos assuntos do amor e do afeto, e a abertura que essas pessoas encontram pra conversar isso comigo. e aí eu crio esse argumento de que o conhecimento científico ele não precisa sair de um lugar de estranhamento, de que o fato de eu conhecer essas participantes da minha pesquisa e ter intimidade com elas vai impulsionar o conhecimento que eu quero produzir. **o que eu quero dizer eh: eu não vou predispor uma identidade bissexual em vc pra você “caber” no meu recorte de pesquisa, tudo isso vai tá mto especificado e justificado no texto.** vai ser nossa história lá. (Excerto retirado de conversa no *whatsapp* com a Titz, os pontos finais representam a divisão de cada mensagem. Transcrição literal da forma como escrevi na mensagem.)

Faz-se perceptível o meu lugar de insistência em justificar metodologicamente a possibilidade de incluir o relato de minhas amigas, tornando-as interlocutoras de uma pesquisa socioantropológica, fazendo de seus

relatos, dados, traduzindo suas experiências contadas em análises que ambicionam contribuir para a produção do conhecimento acerca das formas de se expressar ao longo da vida e como isso interage com as categorias já formuladas nas teorias de Gênero e Sexualidade.

A partir desse contexto, deparei-me com a contradição entre os termos nos quais a pesquisa foi formulada a partir da teoria, e na conduta que pratiquei enquanto pesquisadora. Coloquei-me num problema paradigmático²²: entrevistei pessoas que extrapolavam as categorias que utilizei na formulação das perguntas e conseqüentemente do roteiro de entrevista. Para mim, enquanto autora, esse era um problema impossível de ser ignorado, não poderia utilizar-me das categorias de pesquisa que não contemplavam todas²³ as participantes da pesquisa. Defini também que simplesmente alterar os termos da pesquisa não iria sanar esse incômodo. Eu poderia, por exemplo, trocar as categorias de pesquisa de “Mulheres Bissexuais” para “pessoas com identidades femininas que apresentaram práticas amorosas com pessoas de gêneros diferentes entre si”. Nesses termos não apagaria nenhuma expressividade das interlocutoras, mas também não colocaria em evidência nenhuma dessas identidades/orientações. Mas entendi como mais ético e analiticamente potente, observar a partir de outra ótica as ambivalências e insistências ao longo do encorpamento da pesquisa de campo, sem deixar de lado os dados que foram produzidos a partir dessa prática. Isso inclui repensar os termos, as categorias e incluir os percalços²⁴ como material a ser, também, problematizado e analisado.

Considero que simplesmente modificar os termos das categorias nas perguntas de pesquisa e objetivo, não modificaria o fato de que, inicialmente, a pesquisa foi desenvolvida no intuito de indagar mulheres bissexuais, mas que, na

²² Esse parágrafo do texto representou, em minha trajetória, um grande confronto emocional e um bloqueio para seguir a escrita da dissertação. Foi um tempo de difícil movimento, como areia movediça em que as braçadas cansam mas não alteram o lugar do corpo. Transpareço esse momento nas palavras de Glória Anzaldúa em “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.” (2000): “Faz total sentido para mim minha resistência ao ato de escrever, ao compromisso da escrita. Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um ímã, ele atrai os demônios para fora dos armários e para dentro da tinta de nossas canetas.” (ANZALDÚA, 2000, p. 234)

²³ Considerando como categorias principais a identificação com a identidade de gênero “Mulher” e com a orientação sexual “Bissexual”, das quatro interlocutoras apenas uma (a Amanda) se identifica completamente com ambas categorias. Na sequência dessa seção, ainda neste capítulo, irei problematizar essas categorias e suas fluidez que se apresentaram nos encontros gravados.

²⁴ Ambiciono que a leitura desses “tropeços” registrados possa acalantar os e as possíveis leitoras que estão também passando por suas trajetórias de pesquisas antropológicas e teorizações acerca de nossos próprios “mundos da vida” (SCHUTZ, 2018).

prática, foi realizada com pessoas que não se identificavam completamente com essas categorias. Insisti, novamente, em manter minhas amigas enquanto interlocutoras, ainda que isso tenha significado reformular os objetivos da dissertação, a estrutura do texto apresentado, e não obstante, o meu lugar que agora transita entre autoria e interlocução da presente análise.

2.1 AS ENTREVISTADAS/INTERLOCUTORAS E A AMIGA/PESQUISADORA

As pessoas com as quais pude contar com o relato na composição das reflexões desenvolvidas nessa pesquisa, como afirmado anteriormente, já eram de meu convívio social, sendo algumas delas minhas amigas de longa data, outras delas mais recentes. Porém, todas apresentam uma participação assídua em meus dias, seja para tomar um café ou sair a noite em bares, ou mesmo algumas das vezes frequentando as casas umas das outras para passar o tempo juntas. Para além de se fazer presente no convívio real, são também pessoas com as quais mantenho o contato virtualmente por meio de redes sociais variadas. Apesar de nos conhecermos, é sabido que as e os possíveis leitores desse trabalho não nos conhecem e, nesse sentido, apresento as participantes de maneira mais densa, a partir do lugar de nossas relações e de minhas percepções sobre elas.

Primeiramente, apresento-me enquanto autora, pesquisadora e inquieta que se encontra no lugar de gerir uma pesquisa da qual é também participante. Digo isso por identificar minha corporalidade e vivência como parte da pesquisa, ao trazer parte da minha vida social e afetiva para pesquisas reflexões que aqui elaboro. Atualmente, vivo e sou reconhecida pelos outros enquanto uma mulher cisgênera, apesar de se fazer constante o questionamento da fixidez dessa categoria em meu próprio corpo. Muitas vezes considero a possibilidade de passar a declarar uma vivência não-binária e expressar-me nessa identidade. Não obstante, sinto afeições e desejos por pessoas de todos os gêneros no que corresponde a vivência amorosa. A identificação com a bissexualidade me ocorreu antes mesmo de vivenciar experiências sexuais com mulheres, desde adolescente considerei a possibilidade de um dia me relacionar com pessoas que fossem iguais a mim no que tange a expressão do gênero, mas foi com 18 anos, quando experienciei de fato essas práticas, que passei a me colocar enquanto alguém que circula ao redor do

espectro heterossexual. Digo assim por que consigo enxergar em mim as lâmpadas do desejo hétero acesas em meus lustres mentais dado o que foi me ensinado desde a infância. O que Judith Butler chamou de “a matriz heterossexual do desejo” (BUTLER, 2019, p. 112) se faz presente em minha trajetória e, atualmente, impulsiono em mim um constante movimento para distanciar-me na prática daquilo que absorvi de teoria sobre a heteronormatividade²⁵. Ainda sobre isso, é interessante pontuar que nunca se fez necessário em minha experiência a característica “saída do armário”, já muito teorizada²⁶ e refletida. Conforme me desenvolvi como jovem-adulta, a identidade bissexual foi inserida de maneira espontânea em meu contexto. Por exemplo, lembro-me de um dia contar ao meu pai que estava adentrando um relacionamento amoroso (um namoro, como costuma-se intitular) e ele me respondeu: “É menino ou menina?”, bem como me recordo da vez em que fui dizer a uma prima adolescente (alguns anos mais nova que eu) que sou eu uma pessoa bissexual e causar riso nela, além de comentários irônicos como “Sério? Como se não desse para perceber”. Não percebo isso como um apagamento da orientação sexual que eu declaro, sinto estar inserida em um contexto específico em que se possibilitou uma tranquilidade na declaração dessa vivência, já que eu sabia que não acarretaria consequências violentas eu declarar-me bissexual aos meus familiares. Para além do que tange às questões de identidade de gênero, orientação sexual, desejos e amores, posso dizer que sou uma pessoa jovem, branca e de classe média baixa, que pude aproveitar ao longo de toda a vida a Educação pública e sigo aproveitando ao dar continuidade aos estudos da graduação nessa pesquisa de dissertação. Envolve-me com arte de maneira espontânea, não me considero artista, mas reconheço a importância da arte em minha vividez, e a coloco em meus dias de muitas formas: escrevo poesias, pesquiso músicas, frequento eventos e espaços de celebrações culturais coletivas em meu cotidiano.

²⁵ Esse fator do impacto das teorias e conceitos de gênero (o acesso a essas produções, no caso) na vivência prática da sexualidade e do amor irá adentrar as análises antropológicas presentes nessa dissertação. O movimento de pensar o próprio desejo no sentido de expandir os sujeitos aos quais se esse é destinado, a partir de ter conhecimento da heteronormatividade, por exemplo, e sua capacidade de determinar a forma que se vive o amor, se faz presente não somente em minha trajetória, aparecendo também nas falas das interlocutoras ao longo das entrevistadas.

²⁶ Impossível deixar de lado o trabalho de Eve Kosofsky Sedgwick (2007) “A Epistemologia do Armário” que desencadeou um lugar demarcado na teoria possibilitando diversas reflexões acerca do tema. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/>> Acessado em 17 de Outubro.

Propor-me trazer parte da minha vida para compor uma investigação acerca das formas de experienciar os amores e como esses correspondem ou tensionam binarismos característicos da cultura Ocidental, significou propor-me, também, a entender algumas formas de desejar e de se pensar os desejos. Perceber a minha corporalidade como parte da pesquisa, bem como o meu duplo lugar de amiga que investiga, causou mudanças perceptíveis, mas não palpáveis na própria forma que me coloco no mundo. Além disso, amplificou a relação com as minhas amigas. Posso dizer que me buscam mais em relação a falar sobre os amores depois de terem sido incluídas dentro da pesquisa. A seguir, apresento, separadamente e por ordem de realização das entrevistas, cada uma das amigas/interlocutoras que compuseram essa pesquisa. Em texto corrido apresento as minhas amigas conforme o ângulo em que eu olho para elas, considerando nossas histórias juntas, a forma como se delineou a minha relação com cada uma a ponto de desembocar na participação da pesquisa. Para delimitar os eixos de diferenciação (Brah, 2006) que concernem às interlocutoras, bem como, a mim, apresento a seguir a tabela que produzi (que se insiro também como Apêndice 1) detalhando os perfis de cada uma das participantes da presente pesquisa.

2.1.1 Titz

A interlocutora Titz foi a primeira a ser entrevistada para a pesquisa. Estávamos em sua casa onde ela reside sozinha na companhia de sua cachorra Medusa. Foi a primeira vez que fui em sua casa, nós nos sentamos no sofá, eu nos acentos e ela no braço. A entrevista correu de forma bem humorada, rimos algumas vezes ao longo do processo, o que ajudou nós duas a sentirmo-nos mais confortáveis.

Conheci a Titz em uma oficina de produção cultural, que me despertou o olhar por ter sido reconhecida pela facilitadora da oficina, mas também por ter chegado atrasada e levantado a mão para comentar algo logo depois de ingressar à sala. Nesse mesmo dia, após a entrevista, encontrei a Titz acompanhada de outra moça, no que parecia um encontro, em um bar da cidade. Nós nos apresentamos porque temos uma outra amiga em comum, porém não chegamos a conversar. De qualquer maneira, desde que a conheci, fiquei interessada em saber mais sobre a

Titz, pela sua maneira animada e interessada de se portar, principalmente nos ambientes em que há um debate artístico, como foi o caso da oficina.

A primeira vez que realmente conversei com a Titz sobre a vida, foi em um bar onde marcamos de nos encontrar após percebermos, por um amigo em comum, que tínhamos interesses parecidos. Nesse dia, a interlocutora estava animada sobre um projeto no qual estava participando enquanto diretora artística, e que resultaria em um clipe audiovisual. O tema era o amor entre mulheres, sendo abordado a partir de uma perspectiva de englobar diferentes tipos de corpos femininos, explorando a potencialidade da sensualidade para além do padrão de beleza heteronormativo. Penso que é impossível separar o meu laço afetivo com a Titz de nossos interesses intelectuais, ela é uma interlocutora que busca conhecimentos teóricos acerca de gênero e sexualidade e que gosta de conversar sobre esses assuntos, para além de experienciá-los.

Quando contei para a Titz sobre os mares teóricos que navego e a ideia de pesquisa que eu estava construindo, ela demonstrou interesse em compor a pesquisa, mas sempre explanou a sensação de - naquele momento - não se identificar publicamente enquanto uma mulher bissexual, já que se construiu, ao longo de sua trajetória amorosa, enquanto uma mulher lésbica, mais especificamente, enquanto uma mulher sapatão. Essa construção foi feita a duras penas no que tange a sua família.

Como veremos adiante, Titz migrou da cidade de Pato Branco, no interior do Paraná, para Curitiba após concluir sua faculdade em Comunicação Social. Enquanto vivia em sua cidade natal, a interlocutora apresenta que não conseguia viver plenamente os seus desejos afetivos e amorosos, bem como a forma como gosta de expressar sua identidade, por conta do controle que a família dela exercia (e, em alguma medida, ainda tenta exercer). Não posso afirmar detalhadamente sobre a situação de classe da origem familiar, mas sei que são pessoas religiosas e que não aceitam a homossexualidade como algo legítimo. Titz não descreveu em detalhes como era operado esse controle da família, mas contou como sempre fez-se necessário esconder relações amorosas com mulheres e que, durante sua adolescência, as práticas já existiam mas eram mascaradas por um relacionamento com um homem cisgênero.

Portanto, apesar de não ter obtido dados suficientes para esmiuçar como opera(va) o controle da família de Titz sob o comportamento dela, e nem quais as

raízes dessa visão conservadora presente na relação entre a interlocutora e seus familiares, a origem familiar emerge algumas vezes nos relatos dessa interlocutora como um fator importante para o desenvolvimento de sua subjetividade. A relevância vem no sentido de que, para sentir-se confortável com a maneira que deseja viver sua vida amorosa, Titz teve de ir além da moralidade que foi passada para ela ao longo de sua vida, de maneira opressiva. A interlocutora teve de romper com as crenças de sua família, e buscou outras fontes que consolidaram a visão de mundo que ela tem. Essas fontes são como os conceitos teóricos que ela consome, além de vivências empíricas que ela buscou para si. Romper com essas crenças não significou um rompimento no laço com seus familiares, visto que ela ainda mantém contato com eles e os visita em sua cidade natal nas datas comemorativas.

Titz é uma artista, comunicadora e arte-educadora. Nesse sentido, nosso laço sempre permeou esse tipo de vivência, que celebra a sensibilidade capaz de existir ao se observar uma obra de arte ou ouvindo das palavras umas das outras. Em nossa entrevista, quando perguntei a ela como se imaginava daqui a 20 anos, ela respondeu: “Mano, eu quero estar expondo nuns museu fodas, e quero tá ganhando grana com a minha arte e eu quero tá transformando a vida de outras pessoas com a arte cada vez mais [...]”, demonstrando que sem comprometimento com a arte é profissional. Para além das linguagens visuais por meio de montagens de peças artísticas com materiais diversos, Titz sabe se respaldar da imensidão da linguagem para se alongar nos assuntos dos sentimentos, o que facilitou meu trabalho no momento da entrevista, sendo essa uma das mais longas, com duração de aproximadamente duas horas.

2.1.2 Kaw

A segunda entrevista que realizei foi com uma de minhas melhores amigas, sendo uma das pessoas que mais me acompanham em minha vida social, trata-se da Kaw. É por isso que também era uma das entrevistas que me acendiam maior curiosidade em realizá-la, e confesso não ser capaz de separar o que era curiosidade sociológica enquanto pesquisadora, e o que era curiosidade pessoal enquanto amiga. A Kaw é uma pessoa muito reservada, principalmente no que diz respeito à sua vida pessoal. Tenho certeza que os assuntos que abordamos nas

entrevistas são relatos que ela não costuma expor para as pessoas em geral, e inclusive, aproveito para agradecer novamente o aceite e a composição nos dados gerados nessa pesquisa. Acessar as vivências da Kaw por meio da entrevista me aproximou dela também como amiga, algo que considero parte do fazer etnográfico que se estruturou na pesquisa.

Apesar de conversarmos muito sobre a vida uma da outra, existiam muitas pontas soltas no que eu era capaz de delimitar da trajetória de vida dessa que eu entendo como uma das pessoas mais companheiras que tenho na vida hoje em dia. Ainda assim, foi a entrevista em que eu mais demonstrei segurança e tranquilidade com relação ao que iria acontecer naquele momento, isso por ter percebido anteriormente que minha amiga estava tão ansiosa em relatar sobre si para mim quanto eu estava curiosa em receber esse relato e ser capaz de inseri-lo em minha análise. A Kaw é uma pessoa inquieta, que pensa muito sobre todas as possibilidades de um evento. Essa característica, se posso dizer, nem sempre agrada a ela mesma, visto que algumas vezes já me relatou sobre questões de sentir-se ansiosa e isso atrapalhar sua rotina. Com a entrevista, não foi diferente, e ela comentou comigo algum desses anseios.

Conheci a Kaw trabalhando em um lugar onde atualmente nenhuma de nós trabalhamos, tratava-se de uma padaria artesanal em que nós fazíamos parte da equipe de atendimento e, eventualmente, também ficávamos na parte de produzir os cafés. Eu trabalhava no turno da manhã (de abertura da loja) e a Kaw trabalhava no turno da tarde, que ficava até o fechamento do expediente. No horário de almoço, o movimento da loja era mais tranquilo e estavam ambas as equipes (abertura e fechamento) compondo o atendimento, o que permitia que a gente conversasse sobre a vida disfarçadamente enquanto se colocava em uma postura pronta para atender aos possíveis clientes que adentrassem à loja. Nesses momentos, me lembro de algumas vezes *trocar ideia* com a Kaw. Foi aí então que pudemos conversar sobre parte de sua vida: a vinda do Mato Grosso do Sul para Curitiba, a presença do apoio da mãe de Kaw para ajudá-la com as demandas da maternidade, a divisão de tempo com o pai, o fato de ter adentrado a Universidade e, naquela época, trancado a matrícula... tudo isso formava um mosaico de informações sobre Kaw. Um mosaico que ela mesma não parecia ter interesse em expor pra todo mundo, nem mesmo para mim, que, naquele momento, não era tão próxima.

Para além das conversas durante o expediente de trabalho, esse local em que nos conhecemos era um ambiente que acabava por ocupar muito tempo de nossos dias e, por tratar-se de uma equipe majoritariamente jovens, também nos colocava em uma situação de criar laços e expandir a relação de trabalho para outros lugares de convívio social. Menciono agora um outro local que somou no desenvolvimento da minha amizade com a Kaw: o Bar do Bigode, em que costumávamos nos reunir após o dia de trabalho (eu, que trabalhava no turno da manhã, me deslocava à noite para encontrar as pessoas no local mencionado que era ao lado da casa onde eu residia na época). No ambiente do bar pude saber um pouco mais sobre a vida amorosa de Kaw, e, nesse sentido, tudo o que rondava o espectro do amor e da paixão, nas narrativas de Kaw, eram histórias protagonizadas por mulheres.

Desde que a conheci, percebo a Kaw como uma mulher que precisou amadurecer-se rapidamente para dar conta do ritmo de vida, do balanço entre as demandas externas (sua filha, uma casa, o trabalho...) e as demandas internas, de desejos que ela têm, metas a alcançar e experiências para viver. Nesse sentido, é visível para quem convive com ela o seu comprometimento com as obrigações e também a sua organização para viver experiências além das obrigatórias: experiências artísticas, conhecer lugares em Curitiba, viajar para os lugares próximos. Virou uma brincadeira, inclusive, minha com a Kaw, o fato dela se permitir e aceitar convites meus sempre respondendo “Eu nunca fui nesse lugar!”. Parece sempre existir essa vontade de viver, que é refletida e organizada, tanto pelo seu tempo curto em que passa sem estar com o corpo voltado ao cuidado de sua filha, quanto financeiramente. Nesse sentido, a minha visão é a de que a Kaw vive um exemplo característico de mulheres que exercem a maternidade no início de suas vidas adultas: o balanço entre as responsabilidades com a criança e a vontade de viver e de ter experiências individuais descoladas da maternidade. Observar essa dinâmica me traz memórias afetivas, isso porque a minha mãe e a Kaw tinham a mesma idade quando tornaram-se mães. Ver a Kaw sendo mãe me faz pensar em todas as *correrias* de minha própria mãe ao longo da minha infância. Em algum sentido, sinto que a Kaw me vendo adulta e ouvindo sobre as similaridades entre as histórias da minha mãe e dela, quando nós conversamos sobre isso, ela também espelha o seu esforço na ideia de ver sua filha tornar-se uma mulher adulta e cheia

de gratidão pela dedicação de sua própria mãe ao longo da infância, como eu sou pela minha mãe. Isso nos aproxima em algum sentido e amplifica a nossa conexão.

Atualmente, Kaw ingressou em outro curso na Universidade e se divide entre os estudos, o trabalho e os cuidados de sua filha. Além disso, nos finais de semana, quando sua filha passa o tempo com o pai, é o momento em que a Kaw pode reservar para viver outras experiências além das obrigatórias entre maternidade-trabalho. Inicialmente, Kaw apresentou resistência em participar da pesquisa porque declarava que sua vida amorosa estava num momento pacato, e ela entendia que isso poderia reduzir a sua contribuição. Porém, enquanto pesquisadora e amiga, eu acreditava que as ambiguidades que eu já conhecia da trajetória de Kaw caminhavam para o tipo de reflexão que eu estava propondo,

Em meu caderno de campo, anotei: “A Kaw já estava há dias ansiosa querendo saber como seria a entrevista, toda vez que falávamos sobre isso ela transparecia um sorriso meio nervoso e ao mesmo tempo animado. No caminho para a padaria, quando ela perguntou sobre como seria, se iria precisar gravar e coisas assim, eu falei pra ela sobre o quanto era importante pra mim o que seria dito por ela e que por isso eu precisava gravar, para poder acessar aquela conversa na posterioridade. No meio disso, quando falei que iríamos conversar sobre o amor e a vida amorosa, a Kaw deu risada e falou “Justo eu, amiga?” o que parecia querer dizer sobre o fato de ela não se relacionar com ninguém no momento, e aí eu falei sobre como aquilo era mais sobre história de vida do que qualquer coisa que pudéssemos esperar do presente.” (arquivo pessoal) Eu insisti, e como já delimitado anteriormente, acredito que a insistência, dentro dos seus limites, seja algo essencial para se obter as nuances do que tange a esmiuçar os sentidos atribuídos ao que concerne a vivência dos desejos.

2.1.3 Amanda

A questão de se entender enquanto uma mulher bissexual não se mostrou como uma problemática para a terceira entrevistada, tratando-se de minha amiga Amanda, a qual eu conheci há cerca de três anos em um contexto de convívio social com outras amigas, e nossa relação tem ficado mais próxima conforme o tempo passa. Antes de conhecer a Amanda, a prima dela que é também minha amiga, já

havia comentado que nós deveríamos nos conhecer e que iríamos nos dar bem. Acredito que essa ideia de uma pessoa que conhecia nós duas acreditar que nos daríamos bem advém do fato de gostarmos de frequentar os mesmos lugares na cidade, além de ter outros gostos parecidos: musicais, artísticos e estéticos. Essa minha amiga é uma pessoa que eu sei que quando eu quiser chamar para ir em alguma festa, ou ir comer em algum lugar, tomar um café, um drink, ir em alguma exposição de arte, ir no cinema ou no teatro: ela vai fazer o possível para estar presente.

Amanda vive sozinha em seu apartamento no centro de Curitiba, dado que seu núcleo familiar mora em sua cidade de origem (Siqueira Campos - PR), que é uma propriedade de sua família. A nossa amizade surge apesar de uma diferença de origem social: o poder aquisitivo da família da qual essa interlocutora vem de um lugar de maior conforto econômico no que tange às possibilidades de vivências amorosas²⁷, e esse fator é algo a se considerar conforme o decorrer das análises. Amanda advém de uma realidade social com a qual eu só pude cruzar após acessar o ambiente universitário. Por uma coincidência de cadeia de conhecidos, sendo iniciada por um colega de Ciências Sociais, pude conhecer a prima da Amanda e, posteriormente, desenvolver uma amizade com ambas.

Quando nos conhecemos, a Amanda estava ainda cursando a faculdade de Moda, na qual é formada agora. Sua formação acadêmica resplandece em seu estilo de vida: sua casa é repleta de itens de moda, muitas roupas e acessórios, sendo boa parte deles produzidos por ela mesma. O estilo de se vestir pode ser considerado excêntrico, sempre com cores, estampas e itens singulares como acessórios que simulam objetos casuais. Isso é algo que a interlocutora contou que está nela desde sua infância e que comunica também sobre a personalidade dela, demonstrando-se uma pessoa criativa e ligada à expressão por meio da estética. O seu jeito de ser e de se vestir apareceu, ao longo da entrevista, como algo julgado

²⁷ Pretendo aprofundar esse quesito no capítulo 2 “Pensar experiências: escapar sem fugir” mas é perceptível a diferença nas possibilidades de vivência no amor conforme a diferença de possibilidades financeiras a partir do lugar de origem econômica, algo que foi trazido pela interlocutora Luci com com o termo “economia do amor” na entrevista que realizamos: “[...] e assim eu acho que tem um role que pra mim desconstruiu muito o amor que é entender que o amor é uma economia também ele tem um potencial econômico quando eu olho pra minha situação de vida onde além de ter que sempre me foder muito pra poder estudar e foi sempre uma parada muito difícil eu vejo o quanto eu garanti a possibilidade de outras pessoas poderem amar seja no trabalho atendendo em restaurante seja não tendo grana ou sabe tempo pra poder desenvolver o afeto e o amor [...]” (transcrição de entrevista realizada com Luci)

por algumas pessoas no contexto em que ela se encontrava na adolescência em Siqueira Campos (PR) , que parece ter cessado com a vinda para Curitiba. Porém, isso não é um problema aparente para Amanda, ela apresenta gostar de seu jeito e de seu estilo e aceitar que nem todos irão compreender.

Essa interlocutora é uma pessoa que tem uma dedicação particular às pessoas com quem convive, prezando se fazer presente, tanto em sua família como na vida de suas amigas e amigos. No sentido amoroso, até o momento da realização da pesquisa Amanda conta que havia tido poucas experiências de relações longas e públicas, assumidas para os seus familiares e pessoas próximas. Porém, o fato de Amanda residir sozinha em sua casa e apresentar uma vida social ativa e dinamizada faz com que ela possa desenvolver relações variadas com outros tipos de parceiros, como pessoas que ela já conhecia e se tornam parcerias afetivas e/ou sexuais.

Há, nesse sentido, uma ambiguidade na forma de viver sua vida amorosa: com relação à sua família, como veremos em outros momentos dessa dissertação, Amanda não sente vontade de levantar o debate com relação às suas práticas amorosas: os relacionamentos com mulheres ou os relacionamentos mais casuais, sendo feita uma curadoria das informações do que tange a vida amorosa que chegarão aos seus pais e familiares mais velhos. Com a sua prima, que me apresentou-a, ou com os demais primos mais jovens, Amanda não se acanha em contar sobre as relações com mulheres. Existe, então, uma liberdade maior quando o contexto é entre pessoas jovens, uma autonomia muito forte, que quando inclui seus pais, torna-se mais reservada ou, ao menos, pouco trazida à palavra.

Quando ocorreu a entrevista, a mãe de Amanda estava na cidade (e na casa em que a interlocutora reside), e por isso esse foi o único encontro gravado em um lugar público. Fizemos em uma praça durante uma tarde e o fato de estarmos em um local com algumas pessoas circulando não se mostrou um problema para se tratar dos assuntos que abordamos ao longo da entrevista. A entrevista durou cerca de quarenta e cinco minutos.

2.1.4 Luci

Luci, a quarta entrevistada, é uma de minhas maiores confidentes no que diz respeito ao atravessamento causado pelas teorias do gênero em nossas existências, não somente enquanto pesquisadoras, mas também enquanto sujeitas. Desde 2016, ano que ingressei em Ciências Sociais e Luci em Pedagogia, nós acentuamos cada vez mais nossa relação de amizade. Não me lembro do dia exato em que conheci a Luci, mas me recordo que ela frequentava as festas produzidas pelos estudantes do centro acadêmico, nos aproximamos em uma dessas festas ao ingressarmos na Universidade. Não demorou muito para os encontros em festas se expandissem para o dia-a-dia universitário, então, quando eu via a Luci, sempre tirava um tempo para conversarmos. A vivência universitária, na minha experiência, tornou-se cada vez mais acadêmica e menos social e afetiva conforme o tempo passou, e Luci é uma das seletas pessoas que permaneceram em minha vida social e afetiva após o tempo da graduação. Então, o tempo passou e continuamos mantendo nossas atualizações sobre as vidas uma das outras, e ajudando umas às outras quando foi necessário, como quando ela me ajudou a atualizar meu currículo Lattes ou quando eu fotografei um ensaio para expor roupas que Luci havia confeccionado e impulsionar a venda das mesmas.

Ambas se modificaram ao longo desse tempo, não somos mais as mesmas que se conheceram e caminhamos, em certa medida, juntas ao longo dessas mudanças. Me recordo de ter mandado as primeiras versões do meu trabalho de conclusão de curso²⁸ (referente à graduação em Ciências Sociais) para Luci, bem como passamos um bom número de tardes escrevendo juntas na biblioteca, ela trabalhando em sua monografia do curso de Pedagogia e eu na parte teórica dessa dissertação cuja qual Luci compõe.

Luci é uma pessoa extremamente dedicada em tudo que se propõe a fazer, seja no campo científico, profissional ou artístico. Nesse sentido, ela mira em lugares amplos de realização: a pesquisa acadêmica e a vivência profissional da

²⁸ No trabalho de Monografia, realizei um estudo sob orientação da professora Doutora Marlene Tamanini, em que produzi uma análise de discurso da construção narrativa da transsexualidade na telenovela "A Força do Querer"(2017), a partir da transcrição dos diálogos em que o personagem Ivan estava presente ou em que outros personagens falavam sobre ele. A trajetórias de autodescoberta enquanto uma pessoa trans, bem como a transição de gênero são profundamente abordadas na telenovela, e a partir de um entendimento foucaultiano de discurso, produzi uma análise com três entradas: uma de aspecto individual da trajetória do personagem, outra de sua rede de sociabilidade e um terceiro um aspecto sobre os discursos criados para definir a transsexualidade dentro dos diálogos presentes nos episódios da telenovela. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/deciso/monografias/TCC-FINAL-ANA-HELOISA-DINIZ.pdf>. > Acessado em 11 de Novembro.

arte (no campo da produção, direção artística, curadoria e performance), além de produzir peças de roupa e planejar ter uma marca. Em nossas conversas, a dedicação à excelência aparece também como algo a ser manejado na vida de Luci, num sentido da possibilidade de causar quadros de ansiedade e estresse. Acredito que essa autodeterminação bruta tem raízes em sua origem familiar de classe social mais baixa, em uma busca por ascensão econômica. Em nosso encontro gravado, Luci afirmou existirem “marcas da pobreza” (nas palavras da interlocutora) em seu entendimento de si, afirmando também, que essas marcas apresentam reflexos em suas formas de manejar sua vida financeira de maneira muito controlada. Penso que essas marcas emergem também na forma como Luci se dedica a sua vida profissional e acadêmica de maneira obstinada, no intuito de sair da situação econômica de origem.

Diferente das duas primeiras entrevistas que me fizeram, de saída, repensar a categoria de bissexual enquanto eixo analítico dessa pesquisa, Luci me fez repensar a categoria de mulher. Sendo uma travesti não-binária, essa também pesquisadora de gênero no lugar de interlocutora dessa pesquisa, me permitiu ampliar o que é considerado enquanto uma vivência feminina, ou então, o que é uma mulher, sem limitar essa vivência dentro das possibilidades canônicas heteronormativas e ocidentalizadas das possibilidades de ser mulher, ou, mais especificamente, em se fazer mulher.

Por outro lado, Luci é a única interlocutora que, no momento da realização das entrevistas, encontrava-se em uma situação de relacionamento amoroso estável e público. Essa situação, de alguma forma, delimitou nosso encontro gravado, em que a relação com seu companheiro era a referência para falar de sua vida amorosa naquele momento. É interessante pensar que, ao colocar-se em um relacionamento transcêntrico com V., um homem transgênero, ocorreu uma mudança na forma como a interlocutora se percebia. Antes, ela vivia uma lógica entendida como “não-monogâmica” (conceito que foi explicitado na primeira seção do presente capítulo), tendo múltiplas parcerias amorosas fixas. Ao colocar-se na relação com V., passou a assumir uma prática de exclusividade amorosa e sexual, a qual a mesma não reconhece enquanto uma vivência monogâmica (assunto abordado no capítulo “Na corda bamba dos binarismos: entre tensão e manutenção na experiência empírica”).

A participação de Luci nessa pesquisa se daria ainda que não tivéssemos gravado uma conversa orientada por um roteiro, dado que nossas trocas bibliográficas (mas não só) influenciam meu modo de escrever e de argumentar, essa presença se potencializa ao trazer para dentro da análise o seu corpo²⁹ que “guarda o segredo agridoce da transformação”³⁰ possibilitando uma reflexão que tensiona o lugar da cisgeneridade, tal como pensado por teóricas do transfeminismo como Viviane Vergueiro (2015) e Letícia Nascimento (2021), nessa pesquisa que, como já dito, parte da autoria de uma pessoa “cis”.

2.2 OS ENCONTROS GRAVADOS E SEUS ROTEIROS

Não se mostrou um processo complicado marcar um horário e encontrar-me com as participantes (separadamente). Deduzo que isso se dê não somente por termos uma rotina que envolve nos encontrar pessoalmente de tempos em tempos, mas, não obstante, por ter existido um esforço em demarcar esse encontro e o sentido dele. Construir, com as minhas amigas, a sensação de que aquela conversa existiria para o fim da produção de um conhecimento, e que essa produção seria feita a partir das próprias vivências (e vivências próprias) que seriam debatidas, gerou algumas especificidades nas reações aos convites.

Ao voltarem-se para si, algumas entrevistadas apresentavam algo que pode ser lido como uma espécie de insegurança mesclada com a curiosidade. Nos dias anteriores às entrevistas recebi mensagens ou ouvi em diálogos sobre as questões identitárias. Por exemplo, se encaixariam-se no que se entende por uma mulher

²⁹ A questão da corporalidade foi trazida à luz, pelo menos de maneira direta, poucas vezes ao longo das entrevistas, uma delas foi quando Luci definiu a bissexualidade como uma orientação sexual que abarca amplas possibilidades de expressões corporais, desde aquele momento essa perspectiva me chamou atenção, como observei durante a entrevista: “Luci: [...] a bissexualidade pra mim se define como a possibilidade de se relacionar com mais de um corpo... ana: interessante que das pessoas com quem eu conversei até agora você foi a primeira que definiu a bissexualidade colocando a questão do corpo em evidência porque justamente eu acho que o que mais tem sido considerado é essa não consideração das características físicas pra que o desejo ocorra e aí eu fico pensando assim sobre colocar em evidência né? sobre essa questão da vivência [...]”

³⁰ Trecho de um escrito da poeta e bailarina maranhense Gal Freire, que reside e movimenta culturalmente a cidade de Curitiba por meio da poesia e da performance. O poema faz referência ao uso de hormônios para modificações corporais de uma maneira a relacioná-lo com e ideia de renascimento. Disponível em: < <https://www.instagram.com/reel/CWvfdj6FEB5/> > Acessado em: 17 de Agosto.

bissexual³¹, ou até mesmo se teriam experiências suficientes para serem contadas, além da dúvida se saberiam responder ao que eu estava disposta a perguntar (o que ocorreu com a entrevistada Kaw). Perante a isso, me portava de maneira a desmistificar a erudição do momento da entrevista. Declarava que o que estava em questão era justamente o vivido e experienciado por elas, independentemente de qualquer ideia anterior do que seria a bissexualidade. Além disso, a ideia era valorizar as experiências e compartilhar com essas mulheres algo daquilo que apreendi ao longo de minha trajetória acadêmica: o peso da subjetividade e a potência teórica presente ao considerá-la nas análises sociológicas.

Posso dizer que o momento que colocou em evidência a sensação que explicitiei na seção anterior, referente a fazer-me pesquisadora ao deslocar a atividade científica para a relação com as minhas amigas, foi a realização das entrevistas. Colocar-me no lugar de escuta sobre as experiências das interlocutoras e a partir disso pensar as possíveis complexidades dessas vivências amorosas (no intuito de contribuir para a produção de conhecimento sobre Gênero e Sexualidade) contribuiu para o entendimento de mim mesma enquanto pesquisadora e autora: “me sinto confortável fazendo minha pesquisa. Cheia de dúvidas, mas confortável. Parece ser esse o processo. os mistérios de transformar-se” (trecho retirado de anotação no caderno de campo). Como colocado também em “A Esperança Feminista” (2022) de Débora Diniz e Ivone Gebara: “Faço-me de etnógrafa feminista: ofereço-me em escuta para apreender a vida de outras mulheres para, junto a elas, reclamar o reconhecimento de suas vivências, suas necessidades e seus direitos.” (Diniz; Gebara, 2022, p. 14)

Das diversas mudanças que ocorreram na ideia inicial da pesquisa até o que essa se tornou no momento de realização do campo, algo que se manteve desde a fase embrionária deste trabalho foi o argumento de que as temáticas que a pesquisa aborda seriam respondidas de maneira ainda mais complexa e detalhada se envolvessem a intimidade e o conhecimento na relação entre pesquisadora e as interlocutoras da pesquisa. Essa concepção se fez tangível a ponto de colocar em evidência neste trabalho uma problematização do próprio roteiro utilizado para a realização das entrevistas, dado que ao ser colocado no campo empírico, nos termos das entrevistadas, os termos e rótulos dessas perguntas que conduziram a

³¹ Isso porque, como dito anteriormente, no momento de ida a campo o recorte de “mulher bissexual” ocupava um lugar centralizado na investigação.

conversa provocaram estranhamentos múltiplos: meus, delas e nossos, diretos ou indiretos.

O processo de lidar com os materiais gravados gerados a partir das entrevistas contou com a transformação dessas gravações em textos escritos, para os quais eu pude retornar e consultar de maneira mais facilitada, além de poder transpassar essas conversas no texto da presente dissertação. Para isso, utilizou-se a transcrição como ferramenta de manipulação do material, transformando os áudios das entrevistas em textos passíveis de manuseio (como os enxertos entre interlocutora e pesquisadora aqui inseridos). As transcrições foram feitas sem uso de *softwares* automáticos, sendo essa uma escolha técnica de pesquisa. Desde os meus tempos de graduação, ao longo das aulas de metodologia bem como nas experiências de pesquisa realizadas com o Programa de Educação Tutorial (PET)³² de Ciências Sociais, debatemos as possíveis implicações ao se transformar os dados obtidos por meio da gravação dos diálogos em um texto corrido.

Ao escrever sobre o processo de preparo para a realização de uma entrevista, Jean Poupart (2008) intitulou-a enquanto “[...] a arte de fazer falar o outro” (Poupart, 2008, p. 227). Nesse sentido, declaro que a escolha de entrevistar as minhas amigas, com quem já desenvolvia conversas infundáveis, foi um facilitador que pôde ser conduzido por meio de um roteiro. Foi elaborado um modelo único de perguntas norteadoras que utilizei na realização das entrevistas, porém, sabendo de especificidades da vida de cada entrevistada³³, algumas vezes era necessário que eu modificasse a estrutura da pergunta sem deixar de lado o seu sentido final, sempre com os objetivos específicos da pesquisa em mente³⁴. Nesses casos, enquanto entrevistadora eu comunicava à entrevistada a forma como a pergunta

³² O PET é um programa nacional financiado pelo Ministério da Educação (MEC) que pode se fazer presente em todos os cursos de graduação, visto que promove a atividade científica nos três âmbitos que embasam o funcionamento da universidade: ensino, pesquisa e extensão. O PET é composto exclusivamente por estudantes da graduação que propõem projetos sob mediação de um tutor. Fui parte do PET de Ciências Sociais de 2017 a 2020, participando de pesquisas qualitativas, publicação de livro, e diversas atividades e eventos destinados ao corpo discente do curso de Ciências Sociais, principalmente no que tange ao ArtePET, braço do PET que trabalhava no entrelace de produções artísticas e suas possíveis óticas antropológicas.

³³ Um exemplo dessa flexão dos enunciados das perguntas ao longo das entrevistas conforme o meu conhecimento prévio acerca das entrevistadas na primeira seção desse capítulo, em que apresento um diálogo com a entrevistada Titz, especificamente na parte em que digo “[...] mas eu te conheço...”.

³⁴ Vale ressaltar, porém, que os objetivos específicos da pesquisa se modificaram, desde a elaboração e ida a campo, até o momento em que escrevo essa seção que existe, justamente, para problematizar alguns dos termos condutores das conversas gravadas com as interlocutoras/amigas. Os objetivos centrais e específicos desse momento da pesquisa, de elaboração do roteiro de perguntas norteadoras das entrevistas, encontram-se na Introdução.

estava redigida em meu roteiro, e em seguida, em conjunto com a entrevistada, percebíamos as modificações necessárias. Em determinados momentos o meu conhecimento pessoal acerca daquela pessoa que eu estava entrevistando se chocava com o que o roteiro estava questionando, e nesses casos também me colocava de maneira a considerar isso verbalmente com a entrevistada, afirmando que eu já tinha conhecimento daquela informação mas que gostaria que o assunto fosse discutido de maneira mais aprofundada, por exemplo quando perguntei à Kaw “Quais práticas você movimenta para viver os seus desejos?”, sabendo de sua “baixa” atividade amorosa nos tempos próximos à entrevista, explicitiei essa consideração ao fazer a pergunta:

Ana: Então, com relação a isso, a minha próxima pergunta aqui no roteiro é: quais práticas você movimenta *pra* viver seus desejos? **Nesse sentido você tá meio *off*³⁵ tá ligado? Com relação a o que você faz realmente, assim, como você se movimenta *pra* viver seus desejos assim se você flerta se você tem *Tinder* se tipo quando você tá a fim de alguém como você faz?**

Kaw: É, nesse momento por eu estar *off* tá meio que eu não tô tendo mecanismos de... como é a pergunta mesmo?

Ana: De... é práticas de desejo... eu chamei assim...

Kaw: Práticas de desejo... não tenho *Tinder* já tive poucas vezes assim aplicativo, sei lá, *Instagram* é a única coisa de redes sociais de flerte que acontece algo assim (Transcrição da autora a partir de trecho de entrevista gravada com Kaw)

Esses fatores resultaram em especificidades perceptíveis do momento de cada entrevista sendo determinadas não somente pelas diferenças entre as próprias interlocutoras, mas também por essas intervenções minhas que não separam a minha relação de amiga, que já conhece algumas percepções da pessoa entrevistada.

Para além dos momentos de intervenção direta e declarada sobre o que estava redigido de enunciado e o conhecimento que eu tinha das entrevistadas, o meu lugar enquanto articuladora desta pesquisa fez com que, algumas vezes, eu realizasse essas flexões de maneira indireta (mesmo que pra mim mesma, talvez até inconsciente) devido a um estranhamento que eu mesma sentia com o próprio

³⁵ Esse termo “off” refere-se a uma forma de dizer “offline” que de tradução literal do inglês significa que um aparelho eletrônico está desligado, mas nesse momento utilizei “off” como uma gíria para dizer que a Kaw não está “online” que, também em gíria, significa estar disponível, aberta, ativa para viver amores, ou, posso dizer, promover as próprias movimentações na vida amorosa. Kaw estava “off”, porque estava desligada para essas vivências naquele momento.

roteiro de perguntas das entrevistas (que, sim, eu mesma havia produzido a partir dos objetivos específicos construídos baseados no recorte de “mulheres bissexuais”). Posso escrever essas afirmações hoje a partir do lugar de observação da minha própria atuação enquanto pesquisadora perante a perspectiva do fazer etnográfico, fazendo-me pesquisadora e intérprete de minha própria existência (Senna, 2021, p. 28 *apud*. Maia; Batista, 2021).

Foram pontos que não percebi no momento de formulação do roteiro de entrevistas, tendo em vista os objetivos específicos que eu perseguia no momento dessa formulação, mas que quando em minha vista estavam as interlocutoras, de carne e osso, de antemão eu percebia um choque, uma falta de sentido entre o que estava sendo perguntado e a pessoa que estava em minha frente³⁶. Por exemplo, na primeira aplicação do roteiro norteador das entrevistas (no encontro gravado com Titz) havia uma pergunta que era redigida da seguinte forma: “Pensando em filhos, você acha que a questão de gênero poderia te levar a um lugar de redefinição da sua sexualidade e de seus afetos?” quando coloquei na boca e na voz dirigindo essa pergunta à Titz, foi como se eu estivesse perguntando se haveria a possibilidade de ela “tornar-se” heterossexual caso fosse atravessada por uma maternidade em sua vida. Acredito que não pareceu assim só para mim, já que a entrevistada respondeu:

Ana: É, a minha última pergunta, ela vai bem de encontro com o que você tava dizendo que é a seguinte: pensando em filhos, você acha que a questão de gênero poderia te levar a um lugar de redefinição da sua sexualidade e da forma como você vive seus afetos?

Titz: **Como assim?**

Ana: No sentido de... é... bem exatamente sobre isso que você tava falando assim de viver a maternidade ou de que viver a experiência de uma gravidez que você não quer ter e não terá poderia te levar a de alguma forma redefinir o jeito que você vive seus afetos

Titz: Eu acho que não, mano... Acho que não porque eu acho que uma coisa tá separada da outra, é o que eu vejo hoje em dia né pode ser que isso mude... (Titz em entrevista concedida a autora, transcrição e grifos da autora)

³⁶ Em meu caderno de campo, há um trecho em que anotei (após o período de realização e transcrição das entrevistas) sobre a necessidade de inserir alguns desconfortos no texto da dissertação: “Escrever uma parte da metodologia só sobre o que não se fez sentido no roteiro de entrevista, pontos como as diferenciações binárias de relacionar-se com homens e mulheres, sobre a perspectiva de futuro da bissexualidade, sobre relacionamentos rotulados por orientações sexuais (tanto por isso que a pergunta não fez sentido para Luci que puxou o termo do relacionamento transcrito). “falhas” no roteiro e o que elas trouxeram de dados.” (arquivo pessoal)

Destaco esse “Como assim?” da interlocutora por saber que a entonação em que eu ouvi não pode ser transmitida apenas na palavra escrita. Ocorre muito comumente a aplicação de questionários testes ou exploratórios ao dar início ao campo nas pesquisas científicas, bem como mudanças nessas próprias ferramentas elaboradas para a execução do campo de pesquisa. De fato, pude dar ouvidos, ainda que de maneira indireta, a essa problemática específica com o roteiro de entrevista, dado que a entrevista seguinte se tratava de uma interlocutora que já tem uma filha (a Kaw). Eu excluí essa pergunta do roteiro por considerar que ela não “se faria sentida” (como retirado de meu caderno de campo) para uma interlocutora que já era mãe. Porém, ao realizar as entrevistas seguintes (com a Amanda e a Luci) não incluí novamente a pergunta sobre filhos, nem da forma como ela estava redigida, nem de nenhuma outra forma.

A suposição de um lugar centralizado das relações amorosas na constituição da identidade de gênero e nas expressões das sexualidades, causou estranhamento na interlocutora, e um desconforto em mim com relação às premissas invisíveis utilizadas para operacionalizar o encontro gravado. Ao colocar isso em teste, o problema se fez sentido. Ainda assim, a questão da filiação apareceu em todas as entrevistas, como foi demonstrado no segundo capítulo deste trabalho na seção intitulada “Filiações como projetos”.

Nem todos os cortes perfurados pelos estranhamentos relativos ao questionário puderam ser estancados da mesma maneira que aconteceu no exemplo citado acima. Alguns, na verdade, demoraram mais tempo até que fossem localizados, cartografados e entendidos. Os dois aspectos - percebidos (sentidos) ao longo das entrevistas, das transcrições e do desenvolvimento da sistematização dos dados produzidos na entrevista - que movimentaram o cenário dessa pesquisa, tanto no que tange à metodologia bem como à análise. Ambos se referem às categorias fixas que foram utilizadas para consolidar a identidade das sujeitas que seriam pesquisadas conforme o recorte anterior: (1) ser mulher e (2) ser bissexual.

O uso dessas categorias entrou em questionamento ao ser colocado às interlocutoras participantes da pesquisa, que se mostraram viver para além da capacidade de definição que esses termos atingem. Ao me deparar com os desconfortos das interlocutoras, passei a perceber de outra maneira o dado que estava sendo produzido, a partir de um lugar de estranhamento, delas e meu, enquanto pesquisadora e autora, mas também enquanto amiga. Se faz ainda maior

o comprometimento com a forma como essas interlocutoras e suas experiências são contadas nesse trabalho por elas serem minhas amigas. O duplo lugar em que me coloquei ao decidir incluí-las na pesquisa (de autora e amiga) desembocou na força de reformular a pesquisa em vias de ser submetida à avaliação da banca de qualificação (que ocorreu em dezembro do ano de 2022), justamente pelo comprometimento com o rigor científico. Essa força modificou a forma como o roteiro de entrevistas foi visto no trabalho, não excluindo o que foi relatado a partir das conversas gravadas do escopo de resultados aos quais a pesquisa alcançou, mas agregando também o olhar crítico à recepção das perguntas, considerando que algum dos conceitos e termos utilizados não abarcavam as vivências empíricas das interlocutoras participantes da pesquisa.

Finalizo essa argumentação em consonância com o que foi refletido por Joan Scott (2005) ao teorizar a igualdade e a diferença (e a armadilha presente em se entender ambos os conceitos enquanto opostos uns aos outros), assim como a relação que existe entre o indivíduo e a identidade de grupo. A leitura desse trabalho me permitiu compreender que o lugar das diferenciações é contextual, assim como a ideia de que as individualidades irão constantemente escapar conceitos definidos por identidades coletivas, e que ao compreender essa tensão volátil, é possível teorizar a partir dela: “O elevado senso de identificação que surge com a redução de um indivíduo a uma categoria é, ao mesmo tempo, devastador e embriagador” (Scott, 2005, p. 19)

É a partir dessa embriaguez devastadora mencionada por Scott (2005) que reflito acerca das experiências narradas das minhas amigas e interlocutoras que participaram da pesquisa, sem assumir de antemão categorias definidas de coletividades, buscando as tessituras das identificações, seus incômodos e suas curas. Retornar ao roteiro de maneira crítica (como poderá ser visto no capítulo 3 “) me permitiu o reconhecimento de que os termos utilizados para definir, aos olhos da coletividade, as identidades das minhas amigas, na verdade, escapam às vivências delas. Por tal razão, estas serão transmitidas de maneira mais profunda nesse material de dissertação a partir do lugar de suas próprias narrativas, deixando de lado categorias amplas e possivelmente redutoras. No capítulo seguinte, temos a oportunidade de refletir acerca das experiências que apareceram nas conversas dos encontros gravados, entendendo parte das trajetórias de vida das interlocutoras, buscando compreender como suas experiências amorosas compõem o leque de

entendimento de si das participantes da pesquisa. Ademais, no capítulo que o sucede, parto para uma análise mais aprofundada acerca dos incômodos causados por alguns dos termos utilizados por mim durante os encontros gravadas, analisando-os a partir do ponto de vista trazido pelas interlocutoras, buscando compreender a tensão existente entre os binarismos e dicotomias de gênero que delineiam (e outras vezes, extrapolam) as relações amorosas contadas pelas interlocutoras.

2 - PENSAR AS EXPERIÊNCIAS AMOROSAS: ESCAPAR SEM FUGIR?

O intuito do presente capítulo foi perseguir o primeiro objetivo específico desta investigação, que se projeta na sentença: Compreender como as experiências amorosas das participantes do estudo delineiam seus processos de construção de si corroborando para a formação de suas identidades de gênero e sexualidade. Para isso, como discorrido mais profundamente no capítulo anterior, utilizo-me do conteúdo dialogado a partir dos encontros gravados (entrevistas semiestruturadas). O roteiro utilizado para essas entrevistas encontra-se neste trabalho identificado como Apêndice 2. Como pontuado na introdução deste texto, esse roteiro passou a ser tomado como material de análise que compõe o trabalho realizado. Por conta disso, os resultados aqui apresentados, são frutos das conversas gravadas que não caminham em ordem cronológica com o que foi questionado a partir do roteiro, visto que a ótica sob a qual esse estava mudou ao longo do processo da investigação proposta, visto que se modificaram também os objetivos da pesquisa. Alguns dados apresentados aqui foram espontaneamente trazidos pelas interlocutoras: não havia pergunta direta sobre a adolescência delas, ainda que esse período apareça como um dado relevante para a forma como essas narram suas experiências amorosas, resultando numa reflexão sobre esse período. O mesmo ocorreu com a questão da possibilidade de ter filhos e de episódios de violência experienciados ao longo da vida e trazidos para o encontro gravado.

Portanto, trago as partes dos depoimentos que concernem às vivências passadas que marcaram as interlocutoras a ponto de serem trazidas para as conversas gravadas. São assuntos que dizem respeito aos primeiros amores, às vivências na adolescência, como essas vivências se relacionavam com o meio de sociabilidade na qual se encontravam presentes, os lugares geográficos em que cresceram. Dizem respeito, ainda, às suas famílias, às violências que perpassaram a existência e corporalidade das entrevistadas, que entendo como elementos de experiências que compõem a forma como as participantes compreendem a si mesmas ao contarem sobre histórias de amores que viveram. Em um primeiro momento, irei apresentar os relatos que circularam em torno do vivido do amor no período da adolescência, ou seja, como foram as primeiras experiências de sentir o desejo sexual pelo outro e transformar isso em relações e práticas.

2.1. Relatos da adolescência não-hétero

Foram as próprias interlocutoras que abordaram os assuntos relativos à adolescência, dado que o roteiro de entrevista não contava com perguntas que delimitavam diretamente esse período da trajetória individual de cada uma. Porém, os depoimentos são marcantes para perceber e pensar as possibilidades de vivências não-heterossexuais no desenvolvimento do entendimento de si enquanto alguém que se relaciona afetivamente. Kaw, por exemplo, quando pedi para que me contasse sobre alguma história de amor que a tivesse marcado, narrou sobre o grupo de quatro meninas (ela inclusa) que relacionavam-se amorosamente entre si. Tratando-se, para elas, de dois casais de namoradas que, num “quarteto sapatão” (termo utilizado pela própria Kaw), passavam o tempo da escola e do lazer juntas. Quem olhava de longe - os adultos, os e as colegas de escola - viam quatro amigas. Mas, entre elas os sentidos e os sentimentos que se tinham das práticas em torno dessas relações, e os desdobramentos causados a partir desses sentimentos em suas vidas, eram outros:

Kaw: Aham, a gente até eu tinha amigas que **também eram e não falavam sobre comigo, e eu era e não falava sobre com elas, porque a gente não tinha muito esse assunto de pessoas que a gente tava interessada... e até dias que a gente começou a dar rolê, começar a beber na lagoa depois da escola, e daí quando dá aquele *grauzinho* e quebra aquele gelo a gente começa a falar “Ah então na verdade aquela *mina...*” [...] é e fulana de tal mas será que ela sente a mesma coisa **porque né... todo mundo é hetero...** e aí gerava essa dúvida porque, né? Dentro desse grupo das meninas que eu tinha do Ensino Médio que já falava sobre as outras meninas externas geralmente a gente não ia atrás delas e aí a gente acabou se fechando entre a gente, e aí, a gente começou a se relacionar entre a gente, entendeu? Entre as amigas que *tavam* se descobrindo e aí nisso que entra a S a L e a C [...] e aí ninguém sabia, entendeu? Era um relacionamento onde ninguém sabia... era um relacionamento onde a gente ficou por meses se relacionando às escondidas real assim... e “Nossa... que amigas, são muito amigas!” e **no estereótipo, as quatro, ninguém performava nenhum tipo de estereótipo que hoje a gente olha e bate o olho e julga ai é sapatão todas eram tipo um estereótipo hétero e cis, entendeu? Cabelo grande e ninguém desconfiava assim sabe por olhar pra gente “Ai, são sapatão!” não, aquele estereótipo que a galera olha e fala “Não é sapatão, é hétero.”** (Kaw em entrevista concedida à autora em 2022, transcrição e grifos da autora)**

Faz-se perceptível algumas estratégias utilizadas por Kaw e suas amigas e, na época, namorada, para desviarem das possíveis consequências que teriam ao

vivenciar os desejos para além da linearidade da matriz heterossexual do desejo (Butler, 2019, p. 112). Inicialmente, precisaram encontrar uma maneira de demonstrar essas vontades por outras meninas entre elas mesmas, o que Kaw atribuiu ao início do uso de substância química. Para ela, tal estratégia aliviaria a tensão em se falar sobre esses desejos. O elemento do uso do álcool foi abordado também por uma das entrevistadas de Davi e Santana (2021), que analisaram a vivência de mulheres bissexuais a partir de uma perspectiva fenomenológica. É interessante pensar esse uso como um escape para “se soltar” e permitir, no caso de Kaw em sua adolescência, revelar o desejo por outras meninas para suas amigas e descobrir-se em um grupo comum, bem como, no caso da entrevistada de Davi e Santana (2021), se permitir viver uma experiência afetiva com outra mulher e a partir disso se entender enquanto uma pessoa bissexual (Davi; Santana, 2021, p. 6).

O segredo emerge no relato de Kaw como uma das estratégias percebidas para dar continuidade às vivências amorosas da adolescência, um período da vida comumente conhecido por causar dúvidas internas e questionamentos ao exterior, ao modelo em que as normas estão postas. No caso dessa interlocutora, pôde desenvolver em conjunto com outras três meninas, um segredo comum em um círculo fechado, ao destravar o desejo por meninas e torná-lo declarado às suas outras mais próximas. Assim, posteriormente entre elas se reconheceram enquanto dois casais de namoradas que eram também amigas, mas não publicamente, pois sabiam das múltiplas violências e das possíveis proibições ao fazerem dessa vivência algo cotidiano.

Tal estratégia de proteção de si e de suas companheiras do colégio me remete ao que foi explorado por Preciado em seu ensaio “Quem defende a criança *queer*?” (2020), ao discorrer sobre os defensores da heteronormatividade, chamados pelo autor de heterocratas, que encontraram no contexto francês o argumento em defesa da criança para manter o “direito” de ter um pai e uma mãe. Preciado (2020) responde aos conservadores³⁷ de maneira enfática e embasada

³⁷ Os conservadores cujo argumentos o autor Preciado questiona, são os agentes que se posicionaram contra a lei do casamento homossexual (que se estendia à adoção e reprodução assistida. Sendo eles: “Católicos, judeus e muçulmanos integristas, católicos supostamente “progressistas” representados por Frigide Barjot, a direita liderada por Jean- François Copé, os psicanalistas edipianos, os socialistas da diferença sexual e mesmo boa parte da esquerda radical chegaram a um acordo para fazer do direito da criança de ter um pai e uma mãe o argumento central para justificar a limitação dos direitos dos homossexuais.” (PRECIADO, 2020, primeira página quem defende a criança queer)

também em sua própria vivência, ao contar sobre o desenho de idealização da família solicitado por uma professora, em que se imaginou casado com a melhor amiga. Sendo ele, na infância, lido como uma menina, imaginar-se casado com outra menina teve violentas consequências, no âmbito familiar e coletivo, da escola, sofrendo violência de gênero (Preciado, 2020, p. 72). Dito isso, por não encontrarem a proteção nos adultos, as crianças e adolescentes que desejam experimentar a vida amorosa de maneira não-heterossexual, tem de encontrar suas próprias formas de se proteger. O segredo e a vivência limitada entre as quatro do grupo foi uma das estratégias que Kaw utilizou para viver sua adolescência da forma como pulsa seu desejo. Nesse sentido, a experiência produz e reproduz outras formas de heterossexualidade, há uma ambivalência nessa estratégia que, por um lado, possibilita experimentar desejos não heterossexuais, mas que, por outro, reproduz estereótipos da heterossexualidade para experimentar a não-heterossexualidade.

Aponto, como fiz no momento da conversa com a Kaw, uma outra possível estratégia para tornar a adolescência homoafetiva vivível, que corrobora com o segredo que se fez necessário para dar continuidade aos afetos:

Ana: E às vezes isso é até um mecanismo né? Na verdade...

Kaw: É nunca pensei nisso...

Ana: Tá ligado? De evitar querer ser reconhecida justamente por ser tá ligado e por esse ambiente né cara é um lugar muito inóspito assim...

Kaw: Sim...

(Kaw em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

Trata-se de evidenciar, no relato, traços das identidades de gênero do grupo de garotas que foram lidos por seus outros (famílias, colegas de escola, corpo pedagógico da escola e demais adultos que possivelmente poderiam observar o comportamento das adolescentes) como “normais”, sendo essa normalidade (que se impõe de maneira normativa), o heterossexual. Ao fim do enxerto mencionado na página anterior, Kaw menciona que no quarteto todas se expressavam em “um estereótipo hétero e cis” (citação de Kaw presente no enxerto apresentado anteriormente), considero que essa forma de se colocar no mundo tornou mais “passável” a vivência que as quatro tiveram de maneira privada. Nesse momento aproprio-me do termo “passabilidade³⁸” para fazer o caminho contrário da forma em

³⁸ Atualmente, são diversos os contextos em que o termo “passabilidade” adentra uma produção teórica de estudos de gênero e sexualidade, sendo que, originalmente, ele advém da vivência empírica da comunidade trans, travesti e crossdresser. Um exemplo da ramificação da passabilidade

que o conceito foi desdobrado nos estudos transgênero, nas palavras de Letícia Lanz (2015):

Passar é a mesma coisa que ser reconhecida, pela sociedade, como alguém em conformidade com as normas de gênero. [...] Trata-se de uma equação simples em que passar é igual a ser reconhecida e aceita pela sociedade. Quanto mais passável, mais habilitada ao convívio “normal” no mundo cisgênero-heteronormativo e menos chance de ser estigmatizada e violentada como transgressora de gênero. (LANZ, 2015, p. 285)

As adolescentes tiveram como um escudo a forma de ser condizente com a imposição heteronormativa, assim não chamavam atenção nem dos adultos ao redor, nem dos colegas que possivelmente poderiam manifestar atitudes homofóbicas. “Passavam” como quatro amigas, heterossexuais, que eram unidas e por isso ficavam muito tempo juntas, sem gerar olhares atentos e vigilantes ou desconfianças, ao menos no que tange ao relato concedido por Kaw. Conscientemente ou não, ao se colocarem uma identidade condizente entre sexo e gênero heterossexual, puderam sentir e viver seus desejos outros, elas por elas, passando, pelo menos naquele momento, despercebidas por seus outros, adultos ou não. Como colocado por Pontes e Silva (2017), no artigo intitulado “Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans”: “A passabilidade, implicada em uma performatividade de gênero, dispõe um conjunto de atos regulados e repetidos que asseguram uma imagem substancial de gênero no registro de uma matriz heterossexual e cisgênera.” (Pontes; Silva, 2017, p. 407)

Portanto, o conceito de passabilidade pode ser utilizado para compreender algumas estratégias de vida que são traçadas ao longo do processo de subjetivação de pessoas que apresentam práticas amorosas que extrapolam a concepção

dentro do universo cross-dresser é o artigo de Ana Paula Vencato intitulado “Vestidos para ir a lugar nenhum: negociações entre estar “montada” e “desmontado” em homens que praticam o crossdressing”, publicado em 2013. Disponível em: https://d1wgtxts1xzle7.cloudfront.net/36132890/12_artigo_11_it2_vestidos_para_ir_a_lugar_nenhum_libre.pdf?1420323824=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DVENCATO_Anna_Paula_Vestidos_para_ir_a_lu.pdf&Expires=1702317732&Signature=ZmxKed1rXtGHGf7JHXdwd8VcGQnS6fCzO5QdeEwEB5fCEY0gnMQwLrgFOPhCnhQkXx8IB2zMyGZQZJrjLAjs4thw5Zh5LtkZPFfXJE4gCOKJSEMLmr6ff8AszNKfOUKDonNLfL2J9zag9HvZFZxN97pr05jZz~HGcox2eiWatWG9ceueEVEBxZst8hOUwmBi5uFoa5Xrfl0SvjabW1pVv36OpUPpuzLDxSdl9Yerw9bm-nW1B~lic72~YkQ~gvYc2vLgD6FMGyi5SRuCr8bFb8hzaRvINjMcUn2U5xM78VKsY1TAzWICT0ubm6IoSdn6pfd0W3JFBdQc8ROA-XVbQ_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acessado em 01 de Dezembro de 2023.

heterossexual. A mesma passabilidade pode ser atribuída a uma das vivências presentes no relato de Titz, ao contar sobre o namoro que viveu ao longo de sua adolescência com um garoto de sua idade. Como já dito, Titz advém de uma família que não aceita formas de viver a sexualidade que não sejam condizentes com o espectro hétero, portanto, ao longo de sua adolescência foi necessário traçar estratégias de sobrevivência:

Titz: Ó... foi assim... (risada) vamo pensar cronologicamente... Eu cresci num lugar pequeno, numa cidade pequena e tradicional e como que fala? É... Sei lá, tradicional. E aí se você é uma *mina* né? Pensando nessa **binaridade de gênero**³⁹, automaticamente você tem que ficar com um cara então na minha adolescência eu ficava com uns *boy* e tal... na minha adolescência eu namorei um *boy* por vários anos ele era um amorzinho comigo é... óbvio que depois eu percebi várias paradas que eu não percebia na época mas no geral ele era um amorzinho comigo...

Ana: Quantos anos você tinha?

Titz: Eu fiquei com ele entre términos e voltas e *blá blá blá* dos quinze aos vinte... Mas nesse período teve várias vezes que a gente ficou só ficando meio que sem namorar assim... só ficando assim... e daí a gente ficava com outras pessoas... um ensaio de não-monogamia.

Ana: Uhum... E era autorizado... você se sentia tranquila dele ficar com outras pessoas assim?

Titz: Ah... eu tinha ciúme mas foda-se porque eu acho que eu era bem mais piranha do que ele, tá ligado... Daí foda-se... **Só que aí desde a adolescência eu já sentia atração por *minas*... E eu ficava com *minas* desde os 14... 15 assim só que era uma fita tipo... Não passava pela minha cabeça que eu poderia ter uma relação afetiva com uma mulher... Pra mim era tipo... Tô aqui no momento senti vontade... Era mais uma parada de desejo do que de tipo sei lá sentimento assim.** (Titz em entrevista concedida em 2022 a autora, transcrição e grifos da autora)

De maneira distinta da passabilidade experienciada por Kaw e suas amigas, a interlocutora Titz pode praticar a sua atração (ou, nas palavras dela, o “desejo”) por outras mulheres a partir do lugar estabelecido de uma relação heterossexual pública, reconhecida pela família e pelas demais pessoas de seu contexto social da época. Ao instituir uma relação fixa com outro homem, a interlocutora não despertava o interesse ou a desconfiança de outras pessoas, e ousou dizer, nem dela

³⁹ É interessante perceber como alguns conceitos advindos das teorias e estudos de gênero e feministas acabam por atingir algumas das interlocutoras desta presente pesquisa de uma maneira que compõem a formulação das interpretações acerca das experiências passadas. É bem provável que enquanto acontecia a adolescência de Titz, ela não tivesse a dimensão do que é a “binaridade de gênero” (independente de como ela entenda esse conceito atualmente), mas hoje, quando retorna a essa lembrança, ela articula esse conceito de maneira a significar sua vida empírica. Essa maneira de significar a vida a partir de conceitos advindos da teoria se faz presente também nos relatos de Luci.

mesma, para que isso se desenvolvesse a ponto de gerar, naquele momento, a necessidade de “sair do armário”. A Titz “passou” enquanto uma adolescente (bem como jovem adulta, dado que seu relacionamento se estendeu até o terceiro ano da graduação) heterossexual por ter o relacionamento com o *boy* mencionado, que era capaz de mascarar as práticas que ela desenvolvia com outras *minas*, que pode ser considerado o início de sua prática sexual (mas não amorosa, dado que ela fez uma diferenciação entre desejo e afeto, conciliando o desejo à excitação sexual⁴⁰) para além do que a heterossexualidade predispõe. Concluo essa seção em convergência com as autoras Silva e Calais (2020):

A passabilidade, o olhar do outro, sobre as mulheres LBTs que relacionam com mulheres e performam feminilidade, determina leituras sobre a sua subjetividade, corpo e performance. As leituras decorrentes do movimento de passar por, produzem questionamentos sobre uma determinada validação da sexualidade, gerando possibilidades de existência, um dispositivo de proteção contra a violência do Estado e sociedade, que pode gerar leituras equivocadas da identidade sexual. As mulheres LBTs, através das identificações e construções pessoais com a feminilidade, fazem um convite ao rompimento da associação entre os conceitos de feminilidade e heterossexualidade, que pode ser entendida como uma provocação de conceitos e pré-conceitos sobre sexualidade. (SILVA, CALAIS, 2020, p. 162)

2.2 Cidade de origem e as possíveis identidades

O fator da cidade e família de origem aparece para Titz, assim como para Kaw e Amanda, como uma implicação violenta para a vivência de extrapolamento da vida heterossexual. As expectativas que se criam desde o momento da gestação, quando se trata de uma família religiosa, interferem na construção de si dos indivíduos, e as interlocutoras agiram, cada uma à sua maneira, para possibilitar o desenvolvimento de suas subjetividades e convivência com a família. Percebo algumas semelhanças no contexto dos quais Amanda e Titz advêm. Ambas têm

⁴⁰ Há outra entrevista em que o “desejo” aparece como sinônimo de excitação:

Kaw: Tipo eu me apaixono por mulheres mas o sexual também engloba homens cis no caso né de sei lá...

Ana: O desejo... tipo o tesão mesmo?

Kaw: É o tesão ele vem tanto por mulheres quanto por homens mas eu nunca me apaixonei de fato por um homem sempre foi tipo a paixão o querer namorar o querer estar construir coisas sempre foi com mulheres e daí dentre isso vezes que eu fiquei com homens mas nunca ai me apaixonei quis namorar ou coisa do tipo com um homem. (Kaw em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

como origem cidades no interior do Paraná e demarcaram, em seus relatos, uma rude diferença entre ser LGBTQIA+ no “interior”⁴¹ e em Curitiba. Por fim, tanto Amanda quanto Titz advêm de uma família de classe média e católica. Porém, percebo também uma bifurcação nas formas de se viver o “além” da heterossexualidade. Quando Titz se apaixonou pela primeira vez por uma mulher, ela sentiu uma intensidade causadora de rupturas em seu entendimento de si, conforme se percebe na continuação do diálogo inserido acima:

Ana: Mas você diz que não passava na sua cabeça assim no sentido de que você nunca tinha visto? Tipo, ao longo desse tempo assim.

Titz: Não... eu achava que tipo eu não pensava tipo assim eu não questionava minha sexualidade... eu só pensava que eu tava errada que sentir atração por *mina*, eu tava errada. Eu só pensava isso...

Ana: Uhum.

Titz: Porque, tipo assim, as representações que eu tinha, sei lá, de mulheres não heteros eram representações muito equivocadas que eu não me identificava então automaticamente não passava pela minha cabeça.... “Ai... talvez eu seja bi...” “Talvez eu seja lésbica...” “Talvez eu seja sei lá...” O que eu só pensava assim... “Nossa... achei essa *mina* gata pra caralho... acho ela interessante e tenho uma admiração profunda e queria ficar com ela tá errado eu tenho alguma coisa errada comigo eu pensava isso saca? Mesmo assim eu ficava com as mina tipo eventualmente mas isso não se aprofundava num lugar de sentimento... E aí a primeira vez que eu me apaixonei por uma mina eu tava no último ano da faculdade **e daí meu mundo fez sentido...** porque aí eu falei nossa agora eu entendi tudo tá ligado?(Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

O sentido do “mundo” foi compreendido por Titz a partir do momento em que ela se sentiu atraída e ligada emocionalmente com outra mulher. Nesse caso, “o mundo” aparece como “o todo” de sua vida amorosa e de sua sexualidade. Ao longo de sua adolescência, essas relações eram apenas casuais e mascaradas. O trecho emerge de uma maneira que atribui pouca relevância ao que havia ocorrido em sua vida amorosa até aquele momento de sua vida. Podendo-se interpretar que apaixonar-se por uma mulher, modificou a forma como Titz compreendia o relacionamento anterior com o *boy* com quem se relacionou, como se só a partir daquele laço emocional com uma mulher a interlocutora estivesse sendo verdadeira e sincera com a forma como ela se entendia.

⁴¹ Sobre as diferentes possibilidades de vida e contextos entre o que se entende por “interior” e os centros urbanos e capitais, é possível recorrer à tese de Felipe André Padilha intitulada “Entre macacos velhos e queerpiras” defendida em 2019.

O fato de o contexto da interlocutora não abarcar a sua forma de viver os desejos, visto que o conservadorismo⁴² não as reconhece como legítimas, se reflete na conclusão a qual chegou quando se apaixonou e se permitiu sentir uma paixão por uma mulher, já ao fim da faculdade com cerca de 21 anos: “[...] e daí meu mundo fez sentido.” Anteriormente em sua trajetória, a força do conservadorismo presente nas instâncias de sua vida (família, relacionamentos, escola, religião...) não permitiam que ela reconhecesse como uma possibilidade legítima viver a sua maneira de sentir os desejos, ou seja, de se relacionar amorosamente com homens e também mulheres. Foi o sentimento alimentado pela primeira moça por quem Titz se apaixonou que a fez reconhecer-se dentro de uma identidade divergente da heterossexual, e que, segundo ela, deu sentido ao seu mundo naquele momento.

Esse entendimento de si causou o auto(re)conhecimento de Titz na identidade sapatão, desejando vivenciar uma experiência lésbica em seus amores. A partir daí, diversos confrontos foram necessários, consigo mesma e com sua família. O primeiro, segundo a interlocutora, se estendeu por um tempo mais curto do que o segundo (com sua família, que perdura até hoje). Posso afirmar que não foi um processo simples, dado que Titz comenta sobre as primeiras relações machucadas, intensas e “avassaladoras” (como nos termos da interlocutora em entrevista) que teve com outras mulheres, e como o processo de análise terapêutica esteve presente nesse processo de entendimento:

Ana: E como você descreveria essa relação que você teve? Com essa *mina*... essa pessoa que você se apaixonou?

Titz: Eu acho que... conturbada acho que rola muito isso em relações é entre *minas*, assim... Acho que rola muita conturbação, porque a gente não tem muitos modelos estabelecidos... é e muitas referências. Tipo assim, o mundo no geral é heteronormativo. Então a gente tem muitas referências do que são um casal de um homem e uma mulher, e como que funciona, e coisas que a gente não quer, e coisas que a gente gostaria que fosse diferente, só que, ao mesmo tempo, eu acho que existe tanto uma ânsia por viver coisas que parece que você queria viver por muito tempo e você não podia viver que parece que é tudo existe um... existe um atropelo [...] Com essa primeira *mina* que eu me apaixonei e com outras depois foram relações muito caóticas... E em alguns casos abusivas, tipo, emocionalmente, psicologicamente, até eu entender que eu *tava* reproduzindo um padrão, né? Na terapia isso. Até eu entender que eu *tava* repetindo um padrão de abuso que vinha da minha infância, da minha mãe. Tipo, e aí, eu me colocava nesse papel de ser a filha que tinha que resolver a vida da mãe e, nesse caso, eu tinha que resolver a vida das *minas* que eu *tava* tipo... amando, sei lá, e isso automaticamente me

⁴² Por conservadorismo, nesse momento, estou entendendo a imposição da visão heteronormativa do gênero e das conseqüentes formas de viver o desejo a partir disso como unívocas.

anulava então tipo pra estar ali pra ser um pilar emocional pra essas pessoas eu acabava negligenciando porque era isso que eu fazia na minha infância e na minha adolescência porque eu achava que tipo eu tinha que estar sempre forte pra outras pessoas [...] enfim eu fui desconstruindo essa parada e hoje em dia eu sinto que não existe mais nenhuma relação tóxica na minha vida, assim, abusiva ou que eu me coloque nesse papel tipo pelo contrário eu não quero resolver a porra da vida de ninguém além da minha, *saca?* E eu acho que tem muito as minhas relações com mulheres... durante muito tempo foi uma repetição de um padrão do que eu vivia com a minha mãe assim. (Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora) (Revisar ortografia e pontuação)

Crescer em uma família religiosa amplifica os traços heteronormativos que são ativamente transmitidos nas famílias nucleares⁴³, e coloca essas crenças em um lugar de disciplinamento e regulação de corpos. Emerge, então, a necessidade de ruptura a partir do entendimento de que não é errado (como fora demarcado pela família ao longo de sua criação) vivenciar o amor por mulheres, carregado da compreensão de que ainda que houvesse a declaração dessa forma de viver da Titz, ela não seria aceita naquele contexto. Foi um movimento necessário, então, se impor enquanto alguém que existe, que ama mulheres, e que não há a possibilidade de reverter essa situação. É interessante pensar que parte do incômodo experienciado por Titz ao passar a se relacionar com homens cisgêneros novamente⁴⁴ circunda a própria relação com a sua família. Foi um esforço ativo ao longo de muitos anos para estabelecer-se enquanto uma mulher sapatão que merece respeito e reconhecimento de sua vivência perante a essas pessoas. Mesmo que não tenha alcançado a aceitação da família, Titz observava que ao passar a entender seu desejo a partir do rótulo da orientação bissexual, iria regredir com relação ao esforço de fazer com que sua família compreendesse a legitimidade da vivência lésbica. Passa a tornar pública a prática amorosa com homens cisgêneros, poderia acarretar um apagamento de toda a sua vivência lésbica, bem como, um enquadramento na heterossexualidade por parte de sua família. Mais ainda: recentemente em um encontro com Titz, que partiu de sua vontade, especificamente para tratarmos do assunto de seu desejo por homens cisgêneros, abordamos a questão relativa à família num outro aspecto, tratando-se desse

⁴³ Faz-se necessário pontuar que as famílias formadas por casais da mesma identidade de gênero, ou composto por pessoas de identidades de gênero não-heterossexuais, não estão eximidas de reproduzir traços e configurações heteronormativas nas famílias. Essa pontuação é justamente o que é argumentado por Butler (2003) em “O parentesco é sempre tido como heterossexual?”.

⁴⁴ Esse assunto da trajetória de Titz foi abordado nas páginas anteriores, principalmente no capítulo 1. NO TROPEÇO DOS ENCONTROS EMPÍRICOS E TEÓRICOS.

possível apagamento (Butler, 2018) de sua história sapatão e da consolidação dessa sua identidade, caso a interlocutora passasse a vivenciar publicamente alguma relação com um homem cisgênero. Ela compartilhou comigo essa espécie de temor, que circunda uma possível não inteligibilidade da identidade bissexual a partir do pensamento conservador heteronormativo de sua família⁴⁵. Como se, ao se colocar num relacionamento com um homem, agora sim ela estaria correta, e sua trajetória anterior seria “revertida”, “curada”.

Esse confronto, individual e com a família de origem, não se mostrou necessário na trajetória de Amanda. Considerando que a interlocutora se reconheceu num lugar de orientação sexual da bissexualidade conforme se desenvolveu sua vivência amorosa, o olhar conservador é capaz de imputar à vivência bissexual uma premissa hétero, bem como um apagamento e desconsideração das vivências e desejos por outras mulheres (no caso de Amanda). A estratégia de Amanda foi demarcar sua orientação sexual no cotidiano com a família, mas se faz perceptível em seu relato que essa demarcação não é ouvida ou, ao menos, respeitada:

Ana: Me veio uma questão assim de alguma forma o fato de você não ter tornado público para sua família o fato de você ser bi interfere no seu plano futuro caso você vá constituir uma família? Ter filho assim? Ou você acha que se você tivesse numa relação com alguém com uma *mina* no caso né e vocês duas se planejassem para viver juntas constituir ter um filho juntas assim você acha que você enfrentaria assim?

Amanda: com certeza tanto que eu acho que talvez por isso que eu ainda não falei por ser bissexual e eles realmente não entenderem eu sempre tento puxar o assunto e eles “Nossa... não... é uma fase não sei o que...” Eu me vejo muito se eu entrar num relacionamento com uma mulher eu vou chegar e falar essa é minha namorada simples não quero uma coisa também tipo ter que ter toda aquela conversa porque eu já tenho no dia a dia [...] (Amanda em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora; as aspas servem para demarcar a fala de seus pais que está presente nesse relato.)

O contexto da agência e recepção das ações dessas interlocutoras variou, assim penso, conforme a necessidade de confronto com a família se fez necessária

⁴⁵ Como dito na seção 2.1 do capítulo “No tropeço dos encontros empíricos e teóricos” em que apresento a interlocutora Titz, abordei o aspecto que pude compreender da moralidade que o núcleo familiar de Titz impôs para ela ao longo de sua trajetória de vida. Ao longo da entrevista, ela cita, diversas vezes, uma descontinuidade com relação a forma que seus familiares compreendem a vivência da sexualidade. Essa imposição causou diversas cicatrizes na relação de Titz com seus familiares, além disso, na compreensão que ela apresentou na entrevista, ter “atrasado” a sua compreensão enquanto uma mulher lésbica e aceitação de sua forma de viver os desejo.

conforme suas perspectivas perante o reconhecimento do desejo por mulheres. As experiências intersubjetivas (Senna, 2021) de ser uma mulher que se relaciona com outras mulheres podem ser muito variadas conforme os eixos de diferenciação (Brah, 2006), e mesmo que advindas de lugares sociais similares (cidades do interior do Paraná e famílias católicas de classe média) cada uma traçou estratégias distintas para lidar com os apagamentos violentos dos pais, no caso de Titz, o confronto ao entender-se enquanto sapatão, e no caso de Amanda, o convívio com as crenças dos pais que se faz possível devido a aparente ambiguidade da bissexualidade (a possibilidade de ser lida enquanto uma “fase”).

2.3. Criar e/ou buscar referenciais próprios para a vivência dos desejos

Foram percebidas duas dimensões no âmbito das “referências” relativas às formas de viver os relacionamentos e os amores que perpassaram as vidas das interlocutoras. Por referências, direciono-me aos momentos em que as interlocutoras mencionam nas entrevistas os exemplos de relações e pessoas que puderam observar ao longo de suas interações, considerando o quesito discorrido acima - crescer em uma família nuclear heteronormativa e religiosa - as interlocutoras obtiveram referenciais demarcados de como “devem ser” as relações. Essas demarcações, que se expandem para além das relações familiares para a relações sociais no geral, não incluíam as formas como elas decidiram viver e as (re)ações possíveis a partir disso são variadas. Essas dimensões circulam entre a criação/busca de referenciais próprios das relações, bem como, a reinterpretação disruptiva das relações observadas ao longo do processo de subjetivação.

Além do enxerto anterior, em que Titz menciona não ter existido um referencial de representações de pessoas LGBTQIA+ com que ela se identificasse ao longo de sua adolescência, essa situação apareceu também no relato de Kaw, que endossa a diferença sentida pelas interlocutoras relativas aos contextos urbanos e de interior:

Kaw: [...] E aí em 2017 que eu lembro que com a minha vinda pra Curitiba saindo daquele... de onde eu morava, que era uma cidade muito pequena, onde eu já me interessava por poucas pessoas e as poucas pessoas que me interessavam eram sempre mulheres... Mas, ao mesmo tempo, não

tinham muitas mulheres que se reconheciam ou pelo menos eu não tinha contato com as *mina* sapatão ou bi... Não era muito dito assim era uma população majoritariamente hétero entendeu? Um gatinho pingado aqui e ali e geralmente as que tinham eram as *sapa* mais velhas sabe? Tipo, mais de 30 anos, que você via trabalhando nos lugares, mas que não fazia parte do meu círculo de amigos[...] (Kaw em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

Na perspectiva apresentada pelas interlocutoras, ao longo de seus processos de subjetivação, durante a adolescência, não foram observadas referências em que pudessem espelhar a forma como se sentiam e gostariam de ser. O primeiro aspecto está na forma como as interlocutoras reconhecem a necessidade de buscarem ativamente por referências de relações não-heterossexuais, aparecendo em suas narrativas como um esforço, como se vê nessa fala de Titz:

Titz: [...]aí assim, hoje eu me vejo uma pessoa não monogâmica, né? É e entendendo muito sobre isso, descobrindo muito sobre isso, também. Porque **se não existe referência de casal sapatão, de casal não monogâmico menos ainda né?** Puta que pariu, tipo, como que faz essa porra? Então eu acho que é um puta desafio mas eu sinto que isso também me traz uma leveza uma, sei lá, uma oxigenação pra minha cabeça e muito aprendizado, porque eu acho que se relacionar com pessoas diferentes também é sobre conhecer universos diferentes, e também se conhecer, tipo, porque a gente se conhece a partir do outro, então, tipo eu tô nessa... nesses entendimentos todos, tem muita coisa ainda pra acessar, pra entender, pra viver, tipo, mas é isso.[...] (Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

Além da narrativa acerca da busca pelas próprias referências, percebo uma reinterpretação disruptiva daquilo que foi presenciado ao longo da infância vendo os relacionamentos dos adultos, estabelecendo um critério de descontinuidade perante aquilo que pôde ser observado ao longo da vida dessas sujeitas, algo que fica nítido a partir da seguinte afirmação de Luci:

Luci: [...] É que é isso, né? E é tipo, tão doidera, porque eu, quando comecei a pensar em amor, né? Quando eu via as pessoas, não havia essa possibilidade de você, tô falando agora das mulheres da minha família, eu cresci e fui criada só por mulheres todas muito frustradas com essas relações de afeto tipo eu não vejo ali nenhuma delas feliz e aí elas vivem a ideia de que, tipo, elas estão amarradas a essas pessoas porque elas vivem o matrimônio elas vivem isso assim ou tipo mulheres... a minha irmã do meio é uma mãe solteira assim tipo apesar de todas as dificuldades ela e os homens não assumiram os filhos dela ainda que amassem ela o amor

não garantiu a ela o direito de poder viver a família... e assim eu acho que tem um rolê que pra mim desconstruiu muito o amor que é entender que o amor é uma economia também ele tem um potencial econômico [...] (Luci em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

É perceptível a necessidade de se traçar estratégias de sobrevivência a partir das referências e origens familiares das quais as interlocutoras partem, que não necessariamente se colocam em um lugar de continuidade com esses referenciais. Os ideais heteronormativos que estiveram presentes na vida das interlocutoras exerceram impacto em seus processos de subjetivação, seus processos de se entenderem enquanto pessoas no mundo. Observo que a heteronormatividade delineou as possibilidades de identidade que foram dispostas às interlocutoras, interferindo de alguma forma em todos os contextos, como um ponto referencial ao que é propriamente considerado o “contexto”: seja o contexto geográfico, o contexto geracional ou temporal, o contexto de classe, de alguma forma a heteronormatividade atravessa os contextos e delinea as possibilidades de identificação.

Fica evidente como à visão conservadora, que foi consolidada por muitas forças distintas ao longo dos últimos séculos (corroborada até mesmo pela ciência, inclusive) sobre o que é o gênero, ditando como devem ser os Homens e as Mulheres, desembocando também em uma regulação acerca de como as pessoas devem viver seus desejos, orientou a forma como as interlocutoras perceberam suas sexualidades ao longo da adolescência. Existiam as práticas, mas existia o reconhecimento irreduzível de que essas práticas eram erradas. Ponto. Não existia um debate sobre esses sentimentos e práticas no contexto narrado pelas interlocutoras. Elas tiveram de organizar suas formas de conceber suas sexualidades ao longo da adolescência, e isso demandou um esforço ativo, por elas não se encontrarem completamente apenas no conjunto de experiências que propõe a experiência heterossexual.

O fato do contexto da interlocutora Titz não abarcar a sua forma de viver os desejos, se reflete na conclusão, citada páginas acima, a qual chegou quando se apaixonou e se permitiu sentir uma paixão por uma mulher, já ao fim da faculdade com cerca de 21 anos: “[...] e daí meu mundo fez sentido”. Foi o sentimento alimentado pela primeira moça por quem Titz se apaixonou que a fez reconhecer-se

dentro de uma identidade divergente da heterossexual, e que, segundo ela, deu sentido ao seu mundo naquele momento.

Os sentimentos das interlocutoras extrapolaram aquilo que o contexto delas “permitiam”. Isso gerou, em suas trajetórias, diferentes mecanismos para negociar a vivência dos seus desejos, de uma forma que no âmbito oficialmente legitimado, tudo estava às ordens, mas no âmbito de suas vivências individuais, outras práticas eram desenvolvidas. No caso de Titz, sua experiência incluiu o namoro com uma pessoa do gênero oposto em concomitância com as práticas extra oficiais com outras *minas*. No caso de Kaw, a estratégia estava em formar um grupo que parecia tratar-se de amigas, mas em que, na experiência delas, incluíam práticas amorosas.

Para além de apresentarem em suas narrativas um esforço ativo, há também os exemplos de descontinuidade com as referências que são apresentadas, observadas e sentidas durante o processo de tornar-se sujeita. Portanto, alguns fragmentos do que as interlocutoras observam nas vidas de outras pessoas que atravessam experiências femininas, algumas vezes não querem ser reproduzidos pelas mesmas. Como é o caso da interlocutora Luci quando menciona a relação de suas familiares com o amor, o casamento e a economia em torno disso, algo que ela ambiciona viver de maneira diferente do que foi observado por ela.

2.4 Violências que perpassam o entendimento de si

Pessoas dissidentes sempre existiram e faz parte da lógica heteronormativa promover um apagamento (BUTLER, 1999) constante dessas existências. Esse apagamento ocorre por meio de muitas narrativas excludentes que se oficializam em discursos oriundos de forças que definem o que é legítimo e o que não é, o que é certo e o que é errado. Se faz visível ao destinar um olhar atento às trajetórias, que é possível criar ferramentas estratégicas de sobrevivência à heteronormatividade, e que essas ferramentas, com o passar das décadas, criam fissuras nas práticas do conservadorismo heteronormativo. Porém, esses processos não são imunes às violências promovidas pelo controle em nome da heteronormatividade, e esse fato atravessou as trajetórias de todas as interlocutoras, que em suas instâncias subjetivas criaram ferramentas para

sobreviver e resistir ao sistema em que vivem, mas não sem sofrer opressões simplesmente pela forma como expressam suas identidades e vivem seus desejos.

As violências sofridas e a forma como são interpretadas posteriormente a esses episódios somam na composição do entendimento de si das interlocutoras. Ao longo de meu encontro gravado com Amanda, pude saber mais sobre uma situação de abuso sexual que perpassou sua trajetória. Situação que já havia sido pincelada em outros momentos de conversas entre amigas, mas que emergiram também em nosso encontro gravado. Esse assunto surgiu ao abordarmos a preferência de Amanda em *ficar*⁴⁶ com homens bissexuais em relação aos homens heterossexuais. Dessa maneira, a interlocutora discorreu sobre a situação relacionando as características do homem que a abusou, o qual ela descreveu como “*héteroção*”⁴⁷.

A perspectiva que Amanda apresenta demonstra que o fato de ter sofrido violências advindas de homens com perfis mais ligados a comportamentos heterossexuais, levou-a a dar prioridade para relações com homens bissexuais (o que não exime esses homens de também reproduzirem violências heteronormativas). Amanda descreveu uma interferência direta na sensação de seguridade durante as relações sexuais conforme o comportamento da pessoa que a acompanha no ato, sentindo-se mais segura quando o comportamento masculino não está atrelado à essa masculinidade violenta que é transmitida dentro da ideia heteronormativa dos comportamentos de gênero:

Amanda: É, eu acho que é muito esse medo de tipo a qualquer momento a pessoa pode, sei lá, me virar do nada sem nenhum tipo de.... não conversa mas sabe? Coisas que dê pra mostrar que vai fazer alguma coisa e eu já fico insegura... Acho que tem muito disso, que eu tô aprendendo aos poucos a entender também... então acho que tem muito isso em mim essa implicação de “Será que em algum momento ele vai fazer alguma coisa que eu não quero?”... eu acho que tem muito essa sensação assim.... (Amanda em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

Existe, portanto, uma interpretação da situação de abuso sofrida pela interlocutora que se relaciona com a sua sensação de segurança nas relações que desenvolveu posteriormente. Há uma consciência do evento sofrido e das implicações que o experimentar a violência resultou em sua vida, assim como o

⁴⁶ Nesse contexto, o termo “ficar” sinaliza uma relação amorosa e/ou sexual entre as pessoas.

⁴⁷ O termo significou, naquele momento do nosso diálogo, um homem que acompanha fielmente os traços relacionados à heterossexualização masculinizada: ser viril e violento.

desenvolvimento de ferramentas subjetivas para lidar com esses eventos, como cita a interlocutora no trecho “[...] eu tô aprendendo aos poucos a entender [...]”. Como colocado pelas pesquisadoras e psicólogas Santos e Jaeger (2018), a partir de estudo qualitativo intitulado “Até hoje não sei o que é a palavra amor!: o impacto do abuso sexual em mulheres”. O estudo investigava os fatores e repercussões da violência sexual na vida de três mulheres de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul:

E quando a situação de violência sexual ocorre na infância estas repercussões são ainda mais intensas, representando mudanças significativas nos padrões de confiança, de escolha de parceiro na vida adulta. É visto que a violência causa danos físicos, sexuais e principalmente psicológicos, assim sendo, a violência é um agravante nas relações da mulher na coletividade. (SANTOS; JAEGER, 2018, p. 14)

Como já mencionado anteriormente, assuntos sobre violência apareceram em todas as entrevistas realizadas nessa pesquisa (não se tratando necessariamente de violência sexual) ainda que o assunto não estivesse presente no roteiro de entrevistas. Esse fato me leva a pensar, tal como afirmam Butler (2019) e Veena Das (2008), que em alguma medida as pessoas que apresentam identidades femininas e percorrem as possíveis trajetórias de vida dentro da feminilidade perpassam inerentemente algum tipo de violência advindo de sua expressividade de gênero, se fazendo ainda mais bruta essa afirmação no caso das vidas femininas que extrapolam o que a heteronormatividade impõe sobre o desejo, amoroso e sexual. Essa percepção culmina na ideia de que, em certa medida, todas elas precisam também desenvolver maneiras de lidar com as situações ocorridas e seguir em frente no que tange às experiências amorosas. Isso não implica apagar o ocorrido e sim incluí-lo dentro das perspectivas e práticas sobre as relações. Por exemplo, o trecho de Luci, em que se percebe como um episódio de violência, (ocorrido antes mesmo da interlocutora dar início a sua vida sexual consensual e praticado de maneira abusiva enquanto ela ainda era uma criança) impactou em sua forma de viver os amores em sua vida adulta:

Luci: [...] isso foi abuso. Eu sofri uma série de violências, a não monogamia e uma série de práticas que eu adotei enquanto vivência vinham desse lugar de eu querer pra mim, eu comigo mesma, recuperar o controle do meu corpo...(Luci em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

O caso de Luci demonstra uma interpretação complexa do evento de violência. A interlocutora discorre sobre a amplitude que o evento tomou na forma como ela desejou viver as relações ao longo da juventude. Ou seja, de maneira não-monogâmica, podendo ter quantos parceiros e parceiras quisesse e a partir disso criando uma percepção de controle sobre o seu próprio corpo, sobre sua corporeidade. Porém, indo além da interpretação inicial e a partir da vivência de um outro tipo de relação (uma relação monogâmica, em que há a exclusividade de um parceiro amoroso), Luci reinterpretou o desenvolvimento do impacto em sua vida amorosa. A partir disso, a narrativa que ela trouxe acerca do evento reflete acerca de como este poderia ser limitante de alguma forma, afinal, tendo liberdade para controlar seu corpo a interlocutora pode, também, escolher um único parceiro.

Algo similar dentro dessa possibilidade de mudança do desejo a partir da interpretação das condutas no que tange a vida amorosa, acontece com Titz ao descrever sobre os ciclos de violências em relações amorosas intituladas “abusivas”:

Titz: [...] rolaram coisas saudáveis no meio disso, mas pra mim parecia que eu queria o caos, eu buscava o caos porque era isso que eu conhecia, apesar de muito incômodo e doloroso, mas era o meu lugar conhecido e de certa forma seguro apesar de muito violento, então era um lugar conhecido e foi um *processão* pra quebrar isso pra entender que tipo as coisas não precisam ser essa montanha russa... que é o ciclo do abuso, né? A montanha russa entre violência altos e baixos, né? Tá tudo lindo, maravilhoso, perfeito, aí rola uma explosão, aí volta, fica tudo bem, esse ciclo do abuso... E, tipo, eu era viciada nisso, era um vício porque era o que eu conhecia, então quando as coisas... Tipo relações que eram muito simples, que eram muito fáceis de lidar, que não tinham essa montanha russa emocional, eu ficava entediada. (Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

A noção que Titz traz sobre as relações passadas e os ciclos de violência em que se inseria desembocam em um autoconhecimento sobre os tipos de vivências que ela se dispõe a praticar após os episódios vivenciados, que tipo de relações ela “cultiva” (nos termos da interlocutora). Existe uma consciência em não se repetir, ousou dizer que existe também uma diferenciação de si no passado e da percepção de si após as experiências vivenciadas. Como se o “eu” do passado compusesse o eu atual, mas não no campo da definição fixa. Se faz importante salientar que pude

perceber que nos três⁴⁸ casos citados acima, houve menção das interlocutoras de algum tipo de desenvolvimento terapêutico psicossocial para lidar com essas vivências.

É notável, portanto, que as situações de violências produziram efeitos na vida dessas interlocutoras. Os eventos violentos que perpassam seus processos de subjetivação, de alguma forma, influenciam em seus entendimentos de si, sendo essa característica percebida por elas mesmas. Os enxertos trazidos das trajetórias de Luci e Titz, convergem em um sentido narrativo de reconhecimento de um comportamento machucado após sofrer a violência, que elas reconheciam não fazer bem para as mesmas. Luci traz o caso da não-monogamia, da busca pelo controle do próprio corpo e como isso tornou-se um problema no momento em que ela sentiu vontade de estar em uma relação de exclusividade de parceria amorosa, sendo necessário um esforço de reinterpretar aquela experiência e os efeitos dela em seu entendimento de si e em sua vivência do amor. A narrativa de Titz trouxe a continuidade estabelecida na lógica de vivências que ela intitulou como abusivas, perpetuando a violência contida nesses abusos. Nesse sentido, a interlocutora aponta o processo psicoterapêutico como impulsionador do entendimento trazido na entrevista, que rompe com os ciclos abusivos nos quais Titz contou que se colocava anteriormente. A interlocutora Amanda também reconhece a forma como a situação de violência experienciada na adolescência interfere no perfil de masculinidade que ela permite adentrar em sua vida amorosa, tendo uma concepção que atrela o comportamento tradicionalmente considerado masculino à possibilidade de violência. As distintas estratégias que cada uma delas produziu, compõem o entendimento de si, visto que estas foram atravessadas e constituídas por e através das situações de violência, fazendo-se necessário refletir acerca dos episódios violentos e interpretar como os impactos dessas situações serão vividos.

2.5 Articulações de conceitos de gênero e sexualidade no entendimento de si

⁴⁸ O caso de violência mencionado na entrevista de Kaw trata da violência sofrida por uma companheira por quem se apaixonou ao longo da adolescência, mas ambas tiveram essa vivência interrompida pela mudança de país da companheira de Kaw devido a situação de violência física sofrida na situação doméstica.

A maneira como as interlocutoras retornam às suas experiências amorosas passadas é carregada de suas percepções atuais, que concernem uma aceitação de quem elas mesmas são, apesar da heteronormatividade imposta para elas ao longo desse caminho, pelas veias do conservadorismo. Isso se dá porque o contexto das minhas amigas permitiu com que elas acessassem outras formas de existência que questionam a visão conservadora do que é ser mulher ou homem.

Titz: [...] teve uma das mulheres que estavam mediando a conversa assim que ela levantou pra se apresentar e pra introduzir a falar dela e ela falou assim “Oi meu nome é fulana de tal tenho tantos anos e sou uma mulher lésbica!” E daí ela continuou a fala dela, e eu achei aquilo muito foda tipo muito foda ta ligado eu fiquei assim (suspiro) que sensacional... **eu acho que foi a primeira vez que eu vi uma *mina* lésbica que eu me identifiquei com o jeito que ela era e ela falou isso assim daí eu pensei “Nossa... que foda um dia eu quero conseguir fazer isso!”** porque na época eu não conseguia, tipo, simplesmente tá no meio de pessoas desconhecidas... eu tinha recém... quando eu mudei pra cá, eu tinha recém feito 21, então eu não conseguia estar num ambiente desconhecido e falar assim “Oi, eu sou fulana de tal e eu sou lésbica... isso aqui é importante que seja dito!” e daí quando eu vi essa *mina* fazendo isso eu achei surreal eu pensei “Tá... minha meta de vida é conseguir fazer isso.” (risos) e tipo não demorou muito sabe? Sei lá levou um ano assim pra eu conseguir fazer isso. (Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora; grifos da autora)

Ao se deparar com a possibilidade legítima do reconhecimento de si enquanto uma mulher que se relaciona com outras mulheres, a interlocutora pôde enxergar o seu sentimento respaldado em uma expressão identitária reconhecida pelo outro, não somente por ela mesma. Anteriormente, as possibilidades de identidade ditadas pela heteronormatividade no qual o contexto de Titz estava embebido não incluíam os desejos da interlocutora, gerando uma sensação de não adequação na mesma (“Eu só pensava que eu tava errada”, relembra o trecho) que só foi contornada por meio do reconhecimento de si no outro, ou melhor, na outra, na palestrante que se identificou como uma pessoa lésbica. O mesmo se observa no trecho de Kaw citado nas páginas anteriores sobre ter passado a criar identificações com outras pessoas que vivem os desejos de maneira divergentes apenas quando se mudou para a cidade de Curitiba.

Estou longe da intenção de criar uma argumentação que coloque “o interior” e “a cidade grande” e urbanizada (nesse caso, Curitiba) em situações de oposições no que se refere a presença ou não de direcionamentos heteronormativos na

criação. De fato, o ambiente da cidade está muito distante de ser um lugar de completa aceitação das diferenças, podendo-se utilizar como exemplo inúmeros e infelizes casos de violência homofóbicas, transfóbicas ou misóginas ocorridas nos grandes centros urbanos⁴⁹. O que almejo argumentar é que, para essas três interlocutoras, mudar de contexto amplificou as possibilidades de identificação. Não é comum imaginar identidades, somos o que acreditamos que é possível ser.

Para além da questão geográfica, tendo a afirmar que a concepção e aceitação das identidades divergentes da heteronorma expressadas pelas minhas interlocutoras foi o tipo de informação que circulava (e ainda circula) pelos meios sociais aos quais elas se aproximaram. Seja ao mudar-se de cidade (como ocorreu com Amanda, Kaw e Titz), ou ao acessar outros espaços de sociabilidade diferentes daqueles aos quais esteve inserida ao longo de sua história, como é o caso da Luci ao entrar na faculdade. É interessante pensar como a formação acadêmica e intelectual da interlocutora está diluída na forma como ela se percebe, e reflete sobre si. As pesquisas de gênero que Luci realiza exercem transformações dentro dela, compondo o seu entendimento de si. Nas palavras da interlocutora:

Luci: eu acho que é muito sobre o corpo num lugar de: **A minha corporeidade ela é marcada pela minha ideia de gênero e sexualidade né?** Ela não existe *à priori* o corpo ele é um caminho de sedimentação de sentidos e, agora, ultimamente, faz tempo que eu não resgato umas leituras, então eu tô falando muito nos termos acho que mais meus mesmo mais meus não né... mas assim através do efeito desses estudos assim. Eu sinto que o corpo é esse lugar de sedimentação de ter sentido e aí eu não posso me ter uma identidade que não fale sobre o meu corpo porque é o meu corpo não fala sem mim e eu não falo sem ele eu gosto muito do que a Castiel⁵⁰ fala quando ela falava desse duplo termo de bichalidade travesti e

⁴⁹ Casos como os de Dandara dos Santos, morta aos 43 anos por um grupo de homens em Fortaleza (CE) em 2017. Disponível em: <<https://ponte.org/quantas-mais-terao-que-morrer-indaga-ativista-sobre-dandara/>> Outro triste exemplo, o caso de Julia Nicolay Moreira, técnica de enfermagem, assassinada em sua própria casa, em Niterói (RJ) em 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/mulher-e-encontrada-morta-com-sinais-de-facada-no-rj-e-parentes-apontam-transfobia.shtml>> Ou também os assassinatos de Victoria Rodrigues, Maria Fernanda Hilton e Kareen Victoria (com apenas 18 anos), as três se tratando de pessoas que mudaram-se para cidade de São Paulo na tentativa de uma vida diferente de seus locais de origem, porém, acabaram por serem aniquiladas pela violência transfóbica. Disponíveis em: <<https://www.band.uol.com.br/noticias/travesti-venezuelana-e-morta-a-tiros-na-zona-norte-de-sao-paulo-16590439>> <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/10/24/mulher-trans-morta-em-sao-paulo-estava-sem-ver-a-familia-ha-17-anos-e-pretendia-voltar-para-fortaleza-infelizmente-nao-deu-tempo.shtml>> <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/12/10/travesti-cearense-e-espancada-e-morta-em-sao-paulo.shtml>> Todos os links da presente nota foram acessados em: 21 de Agosto de 2023.

⁵⁰ Castiel Vitorino Brasileiro é artista plástica, escritora e psicóloga clínica formada em Universidade Federal do Espírito Santo. Mestra em psicologia clínica pela PUC-SP. (Disponível em: <<https://castielvitorinobrasileiro.com/>> Acessado em: 05 de Maio de 2023.

travestilidade bicha o meu corpo ele comunica coisas as vezes até antes de mim assim, então, acho que a possibilidade de tentar definir uma coisa sem pensar que ele faça parte disso assim parece um pouco um tiro contra mim mesma. (Luci em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

Perceber os termos acionados ao se pensar a questão da corporalidade, do entendimento de si, e, não obstante, do impacto da corporalidade no outro ao longo da fala de Luci levou-me a buscar como essa concepção é desenvolvida também nas demais interlocutoras que participaram da pesquisa. No caso de Titz, assim como Luci, ao retornar para a trajetória pessoal, ao longo da formulação das narrativas, alguns termos advindos das teorias de gênero emergem para impulsionar a interpretação dos acontecimentos passados ao longo da vida. Termos como: binaridade de gênero, heteronormatividade, desconstrução (no sentido derridiano), heterossexualidade compulsória, entre outros. Todos são termos acionados para o entendimento das histórias que perpassaram sua vida até o momento, o namoro com um homem cisgênero na adolescência e a visão de mundo de sua família, por exemplo, são itens demarcados por uma percepção atual carregada de conceitos advindos das teorias de gênero. É possível perceber que, pelo menos no que tange à essas duas interlocutoras, os conteúdos que elas consomem acerca de Gênero e Sexualidade compõe o entendimento de si ao formar arcabouços mentais que extrapolam a visão conservadora e heteronormativa de possibilidades de se viver. Consumir os produtos advindos de pesquisas do campo de estudos aqui explorado, no caso de Luci de maneira institucional e no caso de Titz por interesse próprio, acaba por também formar suas identidades.

Ampliando-se essa reflexão para além da expressão de si das interlocutoras, adentrando também a área do desejo e das práticas dos desejos, tendo a pensar que ao apropriarem dos conceitos provenientes das teorias de gênero, a tomada de consciência desses produtos teóricos também interfere na forma como as interlocutoras se sentem, por quem elas se atraem, por quem elas alimentam o desejo:

Titz: [...] Eu senti que eu fui, cada vez eu fui perdendo o interesse por ficar com homens, naturalmente assim, porque eu comecei a achar sem graça. Eu não me sentia atraída assim não me sentia mais sei lá **comecei a entender esse lance da heteronormatividade compulsória comecei a entender várias fita assim tipo minha cabeça começou a abrir e cada**

vez mais eu estava tipo mais disposta a estar com mulheres do que com homens... mas não passava pela minha cabeça tipo “Talvez eu seja bi”, eu acho que eu já fui mais direto pra tipo: “Eu acho que eu sou lésbica” porque os *boy* não me interessa. (Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora; grifos da autora)

Em alguma medida, o que concerne ao cognitivo e intelectual do entendimento das relações amorosas interfere de maneira decidida - mas não definitiva - na forma como as participantes vivenciam o rotineiro do amor, por quem elas alimentam desejos, em quem investem seu tempo reservado às dinâmicas amorosas. Outros momentos da entrevista que realizei com a Titz me levam a pensar que foi uma decisão consciente deixar de se relacionar como homens, e consigo reconhecer pelo menos dois fatores distintos que impulsionaram essa decisão ao longo da vida da interlocutora.

O primeiro fator diz respeito à mudança de chave que o sentimento de paixão/amor pela moça que conheceu na faculdade causou na interlocutora. Esses sentimentos novos e, como afirmado em entrevista, “avassaladores”, nunca tinham sido experimentados em relações com homens até aquele momento da vida dela. Tal fato a levou a interpretar de uma forma menos relevante os sentimentos que ela havia alimentado em outras relações com homens. Esse primeiro fator dialoga com a afirmação de Titz sobre a urgência presente nas relações entre mulheres, que levou a mesma a afirmar que é como se fosse necessário recuperar o tempo perdido em relações com homens, já que se sente mais legítimo o amor experimentado entre mulheres, levando mesmo ao questionamento do que havia sido experimentado nas relações anteriores. No mundo empírico não existe uma definição sólida do que é o sentimento de amor e paixão, e observar a trajetória de Titz sinaliza que o que interpretamos e definimos como amor se modifica ao longo do tempo de nossas vidas. Quando se relacionava com um homem na adolescência, a interlocutora afirma que até considerava aquele sentimento como amor, mas foi quando experimentou o amor por uma mulher, passou a questionar o que havia sentido por aquele rapaz da adolescência, já que, nas palavras da interlocutora, seu “mundo fez sentido” apenas após essa sensação.

O segundo fator que observo como decisivo para complexificar o que estou chamando de uma decisão consciente acerca de como viver os afetos e desejos, dialoga com a ideia de como a busca pelo conhecimento intelectual acaba por

engendrar também as práticas do desejo. A concepção e reconhecimento dos privilégios masculinos garantidos pelo CISTema (Nascimento, 2021) heteronormativo fez com que Titz modificasse sua conduta, se fechando para qualquer possibilidade de relacionamento amoroso com um homem cisgênero:

Ana: E isso quase como uma forma de autoconhecimento, posso ousar dizer isso?

Titz: Acho que sim, acho que como uma forma de autoconhecimento mas acho que também uma certa raiva... Eu tinha uma certa raiva assim porque o mundo parece que, nossa, homem é o centro do mundo, então, eu acho que tinha um pouco dessa raiva também misturada e tipo, nossa os homens podem e tudo pra eles é fácil pensando principalmente né? **No cara que tá no topo da pirâmide social que é o homem branco hétero cis classe média**, tipo, eu desenvolvi um negócio de raiva de homem... Se eu tava num lugar com alguém... Com alguma amiga e chegava um *boy* com esse perfil perto eu já me distanciava porque eu não queria nem conversar com a pessoa, tá ligado? E isso eu sentia que era um lugar de raiva mesmo assim e aí essas coisas se misturavam muito assim esse bloqueio com essa raiva com esse autoconhecimento com tudo assim até que sei lá de uns anos pra cá eu comecei a me questionar de volta (risos) é sempre... o questionamento não para. (Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora; grifos da autora)

Essa é uma das dimensões que observo como o conteúdo intelectual e teórico que é apropriado pelas interlocutoras modifica suas formas de reconhecimento de si e do mundo e, conseqüentemente, suas formas de se relacionar. Alguns conceitos das teorias de gênero e sexualidade se espalharam de uma maneira que interferiu também na modulação dos afetos, no que é gerido, alimentado e investido individualmente. Posso afirmar também que a forma como Titz retorna ao seu passado é filtrada por lente que reconhece o ambiente heteronormativo que o contexto familiar e geográfico engendrou, o que me leva a pensar que os conhecimentos posteriores que ela consumiu a levaram a uma aceitação maior de si mesma, entendendo que o que ela sentia por outras mulheres não precisa ser artefato de uma culpa que é capaz de reprimir comportamentos.

Percebe-se, a partir disso, que o sentimento de amor não é considerado, pelas interlocutoras participantes da pesquisa, algo “natural”, zerado, que se sente de uma maneira espontânea sem que seja necessário considerar todos os contextos sob os quais o sentimento está enraizado. Essa consciência das possibilidades ao se gerir e alimentar o desejo por outras pessoas retira o amor de

um lugar de submissão, em que as sujeitas orientam suas ações baseadas somente no desejo, retirando a característica do amor ser “inexplicável”, como um sentimento irrastrável. Unindo essa característica à ideia desenvolvida anteriormente, de que a concepção do que é sentir amor por outra pessoa se modifica ao longo da vida e conforme se desenrolam as relações amorosas, podemos perceber que a medida em que o amor interfere na identidade e expressão de si das interlocutoras está ligada ao autoconhecimento que elas desenvolvem ao reinterpretarem suas histórias de amores ao longo da vida atribuindo significados para como elas se vêem atualmente.

Essa conclusão me remete ao que foi afirmado por Longino (2007) ao considerar a concepção de ciência que vincula a formação do conhecimento à objetividade em seu artigo intitulado “Epistemologia Feminista”. Nesse trabalho, a autora afirma que “Nossa orientação cognitiva é afetivamente modulada” (Longino, 2007, p.) e pensando nisso gostaria de inverter a afirmação, ou, na verdade, expandir essa ideia. Como já abordado no primeiro capítulo desse trabalho, o desenvolvimento Ocidental da ciência atrelou-a à objetividade, dificultando os caminhos para a formação do conhecimento a partir da subjetividade. Tendo em vista o que apreendi em campo nas conversas gravadas com as minhas amigas participantes da pesquisa, penso que nossa afetividade é orientada pelo nosso sistema cognitivo, que se modifica conforme o acesso às informações acontece, gerando transformações no entendimento de si e, conseqüentemente, nas formas de se viver os afetos. Então, apesar de parecer óbvio, é preciso considerar a tomada de decisões com relação aos afetos, que acabam por modificar os caminhos de vidas dos indivíduos, como ficou perceptível nas entrevistas realizadas. (Le Breton, 2009)

Percebo que existe uma relação nessa tomada de consciência e agência dos afetos que desemboca na forma como as interlocutoras percebem as relações e, posso adiantar, que o resultado dos dados produzidos nas entrevistas me leva a pensar que essas são vistas como projetos a serem geridos. Dentre as minhas interlocutoras, não existe um formato geral de se relacionar, algo normativo, algo como o que “deve ser”. Não existe no discurso dessas pessoas participantes, uma imaginação linear acerca de como será sua vida amorosa ao longo dos anos. Portanto, a forma como elas vêem as relações combinam-se com as referências que elas observaram ao longo de seus processos de subjetivação de uma maneira

descontínua. Ouso afirmar que nenhuma das interlocutoras pensam uma vida amorosa que esteja em continuidade com o que foi experienciado pelas pessoas que compuseram suas formações enquanto sujeitas.

2.6 Entre o “eu” e os amores: a presença da individualidade nas relações amorosas

No tempo em que o campo foi realizado, dentre as interlocutoras, apenas uma delas consolidava um relacionamento configurado no que se entende como um namoro. Por namoro entendo a consolidação pública de uma relação estabelecida entre duas pessoas⁵¹, que caminha dentro das definições estabelecidas pelo que Butler (2019, p. 112) conceitualizou enquanto a linearidade heterossexual⁵² do desejo. A intelectual não fala em namoro, mesmo porque esse conceito não existe da mesma forma na língua portuguesa e na língua inglesa nativa de Butler, por isso almejo flexionar a linearidade estipulada pela autora para inserir o conceito de namoro nessa lógica. Portanto, conforme já articulado no capítulo anterior, existe uma expectativa social imposta aos indivíduos, variando conforme o gênero atribuído a partir do sexo biológico antes mesmo do nascimento. Quando Butler (2019) teorizou a pré-discursividade do gênero, afirmou que ao se apontar um gênero a partir do sexo biológico, automaticamente cria-se a promessa de que aquele indivíduo irá desejar o sexo oposto, desembocando na formação de uma família nuclear. Porém, no meio dessa linha que caminha para a reprodução, gostaria de incluir o namoro como o encontro que precede a ideia tradicional de casamento, porque inicia o compromisso (consigo, com o outro da relação, e com os demais em seus círculos sociais). É forte - e eu não ousa - afirmar que, atualmente, todas as pessoas que namoram estão se preparando para o casamento, penso mais que esteja em algum lugar dentro do espectro dessa matriz heterossexual do desejo.

⁵¹ Atualmente é possível encontrar configurações de namoros que envolvam mais de duas pessoas, como por exemplo os trisais, ou um quarteto que se relaciona entre si e considera um namoro. Afirmei que se trata de duas pessoas no corpo do texto por considerar o que se entende como uma visão tradicional do namoro, a partir do casal.

⁵² Não interpreto que essa linearidade seja uma vivência exclusiva de pessoas que se entendem como heterossexuais, mas que pode ser reproduzida também por pessoas que expressam o mesmo gênero e se relacionam entre si, conforme o conceito de heterossexualidade compulsória cunhado por Adrienne Rich (2010).

No caso de minhas interlocutoras, nenhuma delas afirmou planejar um casamento nos modos tradicionais dessa união, legitimada pelo Estado e pela Igreja. Mas, ao mesmo tempo, nenhuma delas exclui a possibilidade desse acontecimento no decorrer de suas vidas. Uma das perguntas finais presentes no roteiro que orientou as conversas gravadas tratava dos planos futuros, a pergunta era “Como você se imagina daqui a 20 anos?”, e mesmo com toda a conversa sobre relacionamentos e experiências amorosas que precedeu essa pergunta, nenhuma das interlocutoras incluiu a questão dos relacionamentos em suas respostas. Todas as participantes falaram sobre seus planos de carreira, de profissão e os resultados econômicos em suas vidas a partir disso, almejando uma estabilidade financeira a partir do que estão construindo profissionalmente em suas vidas. Portanto, a partir disso percebe-se que o deslumbre futuro de suas vidas não atribui centralidade ao amor, mas está relacionado a outras conquistas relativas ao mundo profissional. O caso de Kaw, por exemplo, complexifica o planejamento de uma relação amorosa ao considerar a existência e volume que sua filha ocupa em sua rotina:

Kaw: [...] acaba se tornando bem problemático na minha cabeça, assim, acabo me cobrando muito, assim, como vai ser ter um relacionamento nesse sentido, mas eu... Então acaba sendo meio que irrelevante sabe não penso muito sobre não faço questão de a médio e curto prazo agregar alguém [...] (Kaw em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

No contexto das interlocutoras, o desenvolvimento das relações amorosas acontece caso possa acompanhar suas vidas individuais, visto que todas elas inserem outras prioridades em suas trajetórias ou experiências que não o amor romântico. No caso de Luci, a única das entrevistadas que respondeu que estava namorando, fica evidente o lugar da relação amorosa dentro dos planos individuais:

Luci: [...] a gente começa a entender que, então, beleza, a gente vai fazer plano juntos ou os nossos planos pessoais individuais eles se remodelam igual eu tenho plano de fazer mestrado e sair de Curitiba, ele também tem planos de sair da cidade dele, mas a possibilidade dele, por exemplo, de trabalho, hoje em dia, o que ele planeja ter enquanto estabilidade financeira garante a possibilidade de ele não estar fixo em um lugar então a gente entendeu... eu tenho essa coisa, né? Então nesses últimos dias eu fiz o role de, começou um semestre novo eu estabeleci as metas do próximo, não por ansiedade, mas tipo, o que eu tenho que fazer nesse pra garantir que meus planos de futuro se realizem [...] (Luci em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

Observo que as expectativas das interlocutoras relacionadas ao amor para suas vidas atuais e os futuros possíveis caminham em confluência com seus planejamentos pessoais, como algo a ser gerido em conjunto entre as pessoas que se relacionam, ampliando para a situação de vida conjunta o que já é semeado individualmente. Conforme o que foi discorrido em entrevistas com as interlocutoras, quando uma relação não está somando em suas rotinas individuais essas passam a serem repensadas. Isso é visível na concepção de Titz sobre as relações:

Titz: eu me enxergo... solteira... mas ao mesmo tempo (risos) com sei lá com relações que respiram que têm respiros... e que estão sendo cultivadas... como se fosse sei lá plantar coisas mesmo esse negócio de tipo assim você vai lá você coloca uma sementinha no solo e essa planta vai crescendo, eu vejo hoje em dia minhas relações assim. Aí tem planta que você precisa dar água com mais frequência (risos) tem planta que você precisa dar água com menos frequência mas existem esses respiros tipo eu sinto que tem muitas pessoas que eu estou conectada que eu me relaciono mas não existem uma frequência definida não existe um termo definido pra essa relação pra todas essas relações não existe nada só existe tipo assim to afim de ver você você tá afim de me ver vamo se ver vamo fazer alguma coisa acabou e a gente vai construindo essas coisas e dialogando sobre isso pra todo mundo ficar confortável e eu acho que existem pessoas que eu tenho uma afinidade maior e um grau de intimidade maior do que outras tem pessoas que sei lá que estão na minha vida de um jeito talvez menos profundo e outras de um jeito mais profundo. (Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora;)

A concepção de Titz sobre as relações que ela se dispõe a viver causam fissuras na forma linear que nos é ensinada dentro dos repertórios sociais heteronormativos, e afirmo que esse rompimento seja pensado, refletido. É algo que a interlocutora se propõe a praticar, numa intenção de experienciar formas de viver o amor que não se limitem à heterossexualidade compulsória, como argumentado por Rich (2010). O próprio termo cunhado pela intelectual pioneira do feminismo lésbico se faz presente na narrativa de Titz, como já discorrido nas páginas anteriores. Para além desse conceito, adentra a forma pensada que essa interlocutora se propõe a viver suas práticas amorosas a chamada “não-monogamia”.

A ideia de não-monogamia orienta a forma como Titz concebe e maneja suas relações amorosas, tratando-se portanto não das práticas em si, mas de uma

decisão individual e pessoal de ótica do amor, do que o amor e os amores devem ser em sua vida. Como mencionado pela interlocutora e já inserido aqui nas páginas anteriores, as sujeitas que se propõem a viver os amores que extrapolam a ideia heteronormativa do que deve ser o amor na experiência feminina - como abordado por Rich (2010) no desenvolvimento da ideia do que é a heterossexualidade compulsória - precisam buscar formas de basear os sentidos dos seus sentires. Precisam criar suas próprias referências para conduzirem suas histórias de amor, já que elas não almejam seguir com o fio que a ideia transmitida ao longo de suas vidas risca nas trajetórias de vida femininas. Se não há o desejo de casar e formar uma família nuclear com o fim da reprodução biológica e da reprodução discursiva de heterocentralização da vida, se abre um leque de possibilidade para além do fio condutor linear do desejo heterossexual que se consolida no casamento. A não-monogamia é uma forma de viver, dentre essa gama de possibilidades que se abrem ao propor a si mesma a descontinuidade com o que é esperado dentro do que se entende por heteronormatividade.

Destruir a ideia de um rumo final para a vida amorosa acaba por desfazer também a necessidade de exclusividade de um parceiro. Se, a partir do que um indivíduo se propõe a viver, ele não busca alguém para passar a sua vida em exclusividade, alguém com quem fazer planos para a vida e se colocar dentro de uma institucionalização nuclear da dupla, formalizar essa união e alcançar até mesmo políticas públicas ou direitos por meio disso, muitas outras coisas acabam por se modificar na forma como se entende o amor. Uma delas, que observo dentro dessa lógica, é a presença da individualidade na disposição para o amor.

Independentemente se declaram ou não alguma disposição à vivência da ideologia não-monogâmica todas as interlocutoras abordaram em alguma medida a presença da individualidade dentro das relações amorosas. No entanto, é preciso sublinhar que Titz e Amanda declararam se dispor à não-monogamia, já Kaw não afirmou algo nesse sentido e Luci considera que seu relacionamento transcrito extrapola a ideia de não-monogamia. Porém, seu relacionamento é de exclusividade afetiva, assunto este que será explorado no capítulo seguinte desse trabalho. Desse modo, esse dado possibilita criar uma conexão entre o fenômeno da

individualização, advindo das teorias sociológicas que buscavam compreender os processos de modernização ocidental⁵³ (Giddens, 1993).

O processo de individualização, iniciado a partir da modernização, é entendido aqui como um dos principais fatores que disseminou e ampliou a gama de possibilidades de éticas conjugais, mudando, inclusive, o objetivo que leva os indivíduos a viverem uma união conjugal. Antes, os objetivos de casar-se estavam ligados a organização da família e da procriação enquanto condição do casamento (Tamanini, 2020). A ideia de família é regulamentada pelo casamento nas proposições constitucionais da vida coletiva, dando força para motivações burocráticas para a união conjugal, além de seu alicerce com a vida econômica (Butler, 2003).

Essa ideia converge com o que já foi colocado sobre a teorização de Rubin (2017) em torno do sistema hierárquico de valor sexual, em que os homossexuais legitimamente casados estariam mais próximos daqueles que estão incluídos na normatividade, o casal heterossexual casado e com filhos ainda mais afastados daqueles que seriam considerados “ilegítimos”, no contexto de seu estudo.

Atualmente, a raiz do reconhecimento institucionalizado a partir do casamento ainda existe e promove diferenciações, mas a possibilidade de uma trajetória biográfica que não concerne o casamento é muito mais aceita, possivelmente pela ampliação da taxa de divórcios além de sua aceitação cultural, também pelo processo de secularização ocorrido no último século (Varikas, 2003) , ou até mesmo interferido por circunstâncias relacionadas à questão econômica e do trabalho. Um exemplo de outros vislumbres de configurações para os acordos do amor é a forma como a interlocutora Titz considera a possibilidade de uma parceria e um compromisso com uma pessoa ao longo da vida, porém exclui completamente a possibilidade de coabitar com alguém com quem se relaciona amorosamente:

Titz: [...] eu prezo muito pela minha individualidade tipo assim eu não quero ter que decidir com alguém “Ai... aonde que **a gente** vai deixar esse sofá?” **Porque eu quero deixar no lugar que eu quiser deixar e se um dia eu quiser mudar de lugar eu vou mudar** foda-se eu quero fazer as coisas do meu jeito e eu não quero ter negociações sobre a vida em conjunto eu não quero ter que fazer isso e eu não quero abrir mão do meu jeito não quero abrir mão de nada.

Ana: Bem como você não quer se impor pra alguém?

⁵³ Essa corrente de produção teórica acerca da modernização ocidental tratava do contexto norte-americano. Portanto, é necessário entender como essa modernização atravessa o processo de subjetivação no contexto em que esta pesquisa de dissertação foi realizada.

Titz: Exato

Ana: Porque tem muitas pessoas que...

Titz: Exatamente eu não quero ter que abrir mão das minhas coisas e não quero que a pessoa abra mão das coisas dela não quero que ninguém abra mão de nada por isso que cada pessoa deve ter o seu espaço então eu penso muito nisso talvez algum dia eu queira constituir família e exista alguém que eu me veja nisso... construindo isso... mas eu quero continuar tendo a minha casa.(Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora; grifos da autora)

Historicamente, as questões relativas ao amor têm implicações determinantes na situação das mulheres de maneira coletiva, e conforme a ideia de arranjo da vida familiar e conjugal se desdobra, alguns aspectos dessas configurações vão se rearticulando. Por exemplo, conforme o ideal de funcionalidade que existia inicialmente no casamento vai se modificando para o ideal de amor romântico, mantém-se a criação de tradições (por meio de produções que compõem imaginário coletivo geral) que colocam a feminilidade em um lugar subjugado e destinado à vida doméstica e ao cuidado, sendo essa uma reverberação também da forma como a heteronormatividade se reorganiza conforme o tempo passa e a cultura se modifica, segundo Giddens (1993), “O amor romântico era essencialmente um amor feminilizado” (Giddens, p. 54). É necessário ainda considerar que quem abriu os caminhos para reflexões desse tipo dentro da teoria sociológica foram intelectuais feministas tais como a já citada Adrienne Rich (2010), que em 1980⁵⁴ já afirmava: “A mentira apresenta-se em múltiplas camadas. Na tradição Ocidental, uma camada – a romântica – assegura que as mulheres se voltem, inevitavelmente, mesmo que impetuosa e tragicamente, para os homens.” (Rich, 2010, p. 31)

Para Giddens, (1993) o amor romântico trouxe a ideia de liberdade (Giddens, 1993, p. 50) e envolvimento para a questão da conjugalidade, deslocando do anterior objetivo unívoco que era seguir a linearidade da vida de maneira aceita pelos outros, pela Igreja e pelo Estado. Mas, mantendo a estrutura de diferenciação dicotômica e opressiva do lugar da Mulher e do lugar do Homem dentro das relações, destinando um lugar de maior densidade relativa ao amor para as mulheres, que assumiram a integralidade do cuidado das emoções dentro das vivências conjugais, colocando a questão como centralidade na subjetividade e

⁵⁴ Ano da primeira publicação do artigo, que foi traduzido pela revista baiana Bagoas, mais de uma década antes da publicação de Giddens.

reflexividade feminina. Como apresentado pelo autor, as mulheres tendem a contar suas histórias de vida a partir de um referencial de suas histórias de amor, e conforme impulsionado pelas produções culturais, tendem a construir sentidos aguçados para a criação de narrativas de suas vidas conforme os amores vivenciados. Porém, o que se observou nos dados produzidos por essa pesquisa, foi uma descentralização do amor no que tange às narrativas de si, bem como às projeções de futuro, como afirmado nas páginas anteriores.

Conforme o avanço da luta feminista e a conquista de emancipação que possibilitou a vivência feminina em lugares sociais anteriormente exclusivos aos homens, tal como a entrada das mulheres no mercado de trabalho e nas Universidades, conseqüentemente modificou a experiência que essas têm com relação ao amor, já que deslocou a centralidade anterior que o romance firmava nas trajetórias, aumentando a gama de possibilidades de vida das mulheres. Essa é a realidade observada e experienciada com as interlocutoras participantes da pesquisa nas conversas gravadas que registramos. A individualidade se apresenta, em certa medida, até mesmo no discurso da interlocutora que está em uma relação de namoro:

Luci: Sabe a gente conversou muito nessas semanas que eu fiquei lá sobre tipo querer morar junto querer fazer coisas sobre essas brincadeiras a gente sabe que daqui um ano ou dois a ideia mesmo é que a gente se aproxime sim que a gente esteja morando na mesma cidade talvez ou a gente pense numa cidade onde... se faz sentido a gente morar junto a gente até conversou "ai... será que a gente vai dar certo morando junto" e aí foi uma coisa muito sincera do tipo assim olha... pra mim é essencial se a gente for morar junto eu ter um espaço... **não porque eu não queira estar contigo mas é porque eu quero estar comigo também.** [...] Eu acho que é sobre entender... e aí eu vou tá fazendo mais uma crítica mas.. que pelo menos o que eu percebo na maiorias das relações cissexuais e monogâmicas é que parece que é uma premissa... e monossexuais eu diria... da anulação da individualidade do outro né? Porque daí a gente parece que deixa de construir um "eu" e você e a gente agora tá se dedicando a um "nós". (Luci em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

Portanto, manter a própria individualidade, como aparece nos termos das interlocutoras, é uma preocupação geral das participantes da pesquisa. Todas comentam e justificam suas necessidades subjetivas do porquê consideram essencial manter seu espaço individual ainda que se coloquem em uma relação

amorosa. Seja a partir da argumentação do espaço físico, conforme aparece no discurso de Amanda e Titz, seja pela necessidade a partir da rotina exigida da maternidade solo, como colocado por Kaw ao comentar sobre a entrada de uma parceria amorosa em sua vida, ou como aparece no discurso de Luci, associando-se a uma forma pensada de como almeja-se que ocorra a configuração do relacionamento. A partir do lugar de dissidência e desconformidade com a forma como o amor se colocou tradicionalmente a partir do par heterossexual, do casal institucionalizado, surgem outras possibilidades de encarar e manejar os relacionamentos amorosos. Visto que o lugar da própria existência subjetiva e observação da realidade das interlocutoras não está na mesma frequência do que é dado como o socialmente hegemônico (Butler, 2018), abre-se um leque de possibilidades confortáveis de se relacionar, ainda que pareçam “estranhas” à linearidade da matriz heterossexual do desejo.

2.7. Filiação como projeto

A abertura de possibilidades que citei acima se fez tangível no momento da entrevista que foi abordada a possibilidade de filiação, ou seja, das interlocutoras exercerem a criação de filhos. A forma como as interlocutoras lidam com a ideia de ter filhos endossa a minha argumentação acerca da descentralização do amor no planejamento de suas vidas, que observo assumirem um controle maior das outras áreas da vida e incluem o amor como uma ocorrência (ou não) do contexto em que estão inseridas e de suas exigências com relação a suas individualidades e a permanência de um amor. Portanto, quando falam em filhos, as interlocutoras não aliam a possibilidade de filiação à formação de família nuclear a partir do casamento burocrático. Assim como interpretei a forma como minhas amigas interpretam (e vivem) suas relações como projetos (em que condições específicas se fazem determinantes para a continuidade da relação, como o respeito a individualidade) percebo que elas estabelecem a ideia de ter filho como um projeto, individual ou em conjunto:

Ana: E como fica a questão de filhos pra você? Essa questão de projetos e planos futuros...

Amanda: Me vejo muito mãe mesmo não tendo ninguém tipo uma mãe solo tranquilamente... tipo como eu vou ter muito dinheiro (Amanda ri) fazer uma inseminação sabe sei lá adotar me vejo muito mãe independente de estar num relacionamento ou não... amiga eu me vejo muito com um barrigão andando por aí tipo insuportável não me *rele* eu me vejo muito assim. (Amanda em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

Titz: Talvez eu me veja daqui 20 anos tendo adotado uma criança não sei se sozinha ou com alguém junto... jamais penso em engravidar isso é assim como eu penso em inconcebível pra mim constituir família com um cara também é inconcebível pra mim engravidar porque eu acho horrível ter um ser crescendo dentro do meu corpo tá ligada? Eu não quero passar por essa experiência... eu penso que eu vou ficar passando mal durante nove meses com um bagulho pesado tendo que carregar dentro de mim o negócio eu não quero passar por isso eu acho que deve ser uma experiência horrível e eu não quero tirar a prova pra ver se é isso ou não então se eu for ter filho eu vou adotar uma criança eu gosto de criança então talvez eu adote uma criança ou talvez não *mano* talvez eu passe a conviver mais com crianças sendo arte terapeuta e isso supra a minha necessidade de convivência com criança e de tipo sentimento de quero deixar um legado no mundo assim sei lá saca é... não sei porque ao mesmo tempo eu penso muito que tipo assim o maternar é um bagulho complexo e eu não sei se eu tenho não sei se eu tenho essa disposição... (Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

Luci: Eu sempre falei pra mim mesma que ia chegar um momento onde eu ia sentir a vontade de constituir isso e isso não iria depender de eu estar com alguém ou não porque pra mim tinha uma coisa de “Ai eu quero... eu me sinto confiante o suficiente pra poder pegar um serzinho e falar meu ó não sei os meus valores são os mais corretos independente da forma como eu te criar eu vou criar mal...” mas eu tinha isso eu tinha uma parada muito massa durante muito tempo eu entendi que esse não seria um projeto individual [...] Eu acho que a estratégia pra mim hoje em dia seria mesmo a adoção e adoção de crianças mais velhas assim isso tá no meu entendimento de que eu só adotaria uma criança se fosse uma criança mais velha sabe tipo tem essa coisa inclusive não tenho a pira de ser mãe a mãe que vai criar um bebê não quero bebês então seria nesse lugar da adoção mesmo assim ou se acontecesse eu acho que né o role mais fatalista se acontecesse de uma amiga próxima tipo ela não tivesse a condição e quisesse confiar em mim eu acho que eu toparia nesse lugar de “Ai amiga então beleza eu e a pessoa que eu tiver a gente tá afim a gente tá se oferecendo pra estar com a tua criança e você vai poder ter contato com ela sabe...”

Ana: Uma parceria assim mesmo né?

Luci: Ou se acontecesse alguma coisa com alguma amiga minha que é mãe eu acho que eu toparia qualquer coisa assim eu sinto que rolaria esse processo assim na minha vida? (Luci em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora)

Adicionei todos esses trechos advindos dos encontros gravados com as minhas amigas para demonstrar que a percepção sobre ter filhos ou não, é qualquer coisa menos unívoca. Não existe, assim como com relação ao casamento, uma

linha que determinará suas trajetórias. As interlocutoras sabem no que estão dispostas a se colocar quando o assunto é vivência da maternidade e para elas se faz tangível a possibilidade de filiação, porém mediante condições necessárias. As três que ainda não são mães associam a possibilidade de ter filhos mais a uma condição econômica ideal do que necessariamente a existência de uma parceria romântica para que isso ocorra. Não existe, dentre as minhas interlocutoras, a ideia de “casar e ter filhos” tradicionalmente ensinada e observada ao longo de suas vidas. Por isso, afirmo que o argumento principal que tentei trazer neste capítulo é que, (1) as interlocutoras desenvolveram identidades de gênero dissidentes (não-heterossexuais) ao longo de suas trajetórias, e por isso (2) passaram a desenvolver suas próprias referências no que tange ao amor e às relações amorosas, apropriando-se do que se faz sentido dentro das relações tradicionais experienciadas em suas socializações e diferenciando-se do que não se faz sentido para a forma que almejam viver os desejos. Portanto, considero que a matriz heteronormativa do contexto empírico em que foram criadas se mescla com as vivências experienciadas pelas mesmas, como percebe-se a partir desse enxerto da entrevista com Titz:

Titz: [...] Minha mãe e meu pai se conheceram quando minha mãe era adolescente eles estão juntos até hoje e é uma relação bem problemática inclusive minha vó e meu vô por parte de mãe foi isso também até meu vô morrer e tipo as relações de família próximas são assim também então em algum lugar eu construí na minha cabeça que em momento da minha vida eu queria ter uma pessoas que não necessariamente eu fosse casar essa coisa sempre achei brega esse bagulho de casamento mas tipo uma pessoa que fosse minha companheira que eu pudesse contar com ela no meu cotidiano que sei lá que eu fosse mais próxima que eu tivesse uma relação mais próxima de alguma forma e tipo eu acho que isso ainda existe dentro de mim mas isso não exclui a não-monogamia eu ainda não sei qual é o jeito de viver isso mas tipo eu sinto que sei lá é... talvez em algum momento isso aconteça *saca?* De eu ter uma relação que tenha uma presença maior e mais frequente na minha vida mas que não anule as outras relações... não me vejo voltando pra monogamia... sabe acho que isso é um caminho sem volta. (Titz em entrevista concedida à autora em 2022, transcrita pela autora;)

Além disso, as próprias experiências são reinterpretadas conforme outras experiências são vividas, além dessas situações passadas tomarem outras formas de consciência a partir das ferramentas de sobrevivência que as interlocutoras criam a partir das disposições dos contextos no qual estão inseridas e o qual experienciam diariamente no decorrer de suas trajetórias de vida. Percebo que as interlocutoras

buscaram suas lâmpadas próprias para acender os lustres de significados dentre suas experiências e o que foi disposto como referência ao longo de suas socializações (contextos que considero heteronormativo e conservador), e considero que essa busca é uma estratégia de vida e de sobrevivência na vida social e no coletivo. Por último, e adentrando o terreno que será percorrido no próximo capítulo, pontuo que existe uma consciência e percepção das possibilidades de mudanças no entendimento de si a partir das experiências vividas, ou seja, da não-fixidez da identidade de gênero e das práticas relacionadas ao desejo e ao amor, bem como à sexualidade, como colocado por Luci no trecho de nossa conversa que dá título a este capítulo ao comentar sobre como a relação atual representa um lugar de cura e aceitação:

Luci: [...] o afeto transcrito [...] é uma relação de cura mesmo e eu acho que para corpos como o meu que vivem em um lugar de negação de afeto eu acho que ele é um lugar meio de escapatória mesmo sabe assim e é óbvio...

Ana: escapar sem fugir?

Luci: escapar sem fugir e assim eu aqui vou tar eu nunca prometo eu to usando muito essa frase ultimamente eu nunca prometi pra ninguém coerência... então aí é até tipo eu não sei se pode ser incoerente ou não [...](Luci em entrevista concedida em 2022 a autora, transcrição e grifos da autora)

Os assuntos relacionados a não-fixidez das identidades e aos extrapolações empíricos dos binarismos pré-estabelecidos nas narrativas hegemônicas sobre as diferenças de gênero, bem como a forma como esses emergiram nesse trabalho de maneira metamórfica, hora como problema teórico, hora como problema epistêmico, no sentido do uso dos termos capazes de atribuir identidades que não condizem com o entendimento de si das interlocutoras, todos esses serão abordados no capítulo seguinte desse trabalho de dissertação.

3. ENTRE TENSÃO E MANUTENÇÃO: OS BINARISMOS NA EXPERIÊNCIA EMPÍRICA

Desde as primeiras aulas da graduação de ciências sociais, especificamente as aulas de introdução à Antropologia, lembro-me de a professora Andrea Oliveira Castro traçar um risco com um giz, que dividia a lousa em duas, no intuito de

demonstrar à turma as diferenciações binárias reconhecidas a partir da lente do estruturalismo levi-straussiano: Esquerda x Direita, Homem x Mulher, Natureza x Cultura, Sagrado x Profano. São essas oposições que me vêm em mente, nesse resgate de memória. Essas palavras no quadro, bem como as falas da professora (que sempre evidenciava as muitas formas culturais de se entender o mundo, a partir de seus sempre interessantes comentários sobre etnologias indígenas e suas vivências nessas comunidades) deixaram como marca em mim o entendimento de que as diferenciações dicotômicas são um espécie de cosmologia Ocidental.

Até certo momento de minha caminhada acadêmica e intelectual, pude compreender essa diferenciação binária por meio da complementaridade, conceito formulado por Jacques Derrida (2004) em sua obra “Gramatologia”. Esta pode ser sintetizada pela ideia de que um conceito só pode ser inteligível a partir de sua oposição a outro conceito equivalente, atribuindo uma oposição binária inerente a qualquer identificação de signo possível, ou seja, aquilo que existe tem sempre um oposto, ou vários opostos, que o carrega de significado. Porém, a certa altura essa possível origem da normatização cultural passou a não conter o meu desassossego com o tema. Isso me aproximou de teóricas que se debruçaram na diferenciação de gênero (Homem x Mulher) para tecer suas teses acerca da permanência dessa complementaridade. Teses estas que me influenciaram na análise que realizei nos capítulos anteriores deste trabalho, o primeiro tratando do caminho metodológico e o segundo das experiências contadas em entrevistas realizadas individualmente com as interlocutoras da pesquisa. Apesar de entender o fenômeno da naturalização dos binarismos da cultura Ocidental a partir de uma perspectiva teórica, o que observo nas interações face a face do contexto em que vivo é uma fluidez entre aquilo que é pré-determinado a partir dessas estruturas binárias. É comum para mim, e para os demais incluídos em determinados círculos sociais, conviver com pessoas que se reconhecem em uma identidade não-binária⁵⁵ por exemplo, ou que percebem a vivência dos desejos de maneiras que não se distinguem por meio dos binarismos.

Tenho compreendido a relação de tensionar o realizar a manutenção das ideias binárias conforme o contexto em que as interlocutoras da pesquisa se

⁵⁵ Faz-se interessante mencionar que a não-binariedade é reconhecida legalmente como uma demarcação identitária nos documentos de registro social no Estado do Paraná. Disponível em: <<https://www.defensoriapublica.pr.def.br/Noticia/Apos-pedido-da-Defensoria-do-Parana-pessoas-nao-binarias-poderao-retificar-o-prenome-e-o>> Acessado em: 20 de Julho de 2023.

inserir nas situações relatadas ao longo das entrevistas, tendo em vista a pontuação de Butler em “Relatar a si mesmo” no que tange a relação entre sujeito, norma e o processo de subjetivação:

Esse trabalho sobre si mesmo, esse ato de circunscrição, acontece no contexto de um conjunto de normas que precede e excede o sujeito. Investidas de poder e obstinação, essas normas estabelecem os limites do que será considerado uma formação inteligível do sujeito dentro de determinado esquema histórico das coisas. Não há criação de si (poiesis) fora de um modo de subjetivação (assujettissement) e, portanto, não há criação de si fora das normas que orquestram as formas possíveis que o sujeito deve assumir.[...] Nesse cenário, nossas decisões não são determinadas pelas normas, embora as normas apresentem o quadro e o ponto de referência para quaisquer decisões que venhamos a tomar. Isso não significa que dado regime de verdade estabeleça um quadro invariável para o reconhecimento; significa apenas que é em relação a esse quadro que o reconhecimento acontece, ou que as normas que governam o reconhecimento são contestadas e transformadas. (BUTLER, 2015, p. 29)

Almejando trazer ao estudo os meandros das possibilidades de identidade que são vivenciadas ao longo da trajetória de vida das interlocutoras, no capítulo anterior, abordei a questão da passabilidade a partir de uma perspectiva de manutenção dos binarismos. Me refiro ao momento em que trato da possibilidade de vivência de um desejo a partir da expressão de gênero em conformidade com a heteronorma para não gerar questionamentos aos adultos (no contexto que tratava da adolescência das interlocutoras Titz e Kaw). Ainda sobre manutenção, entendo também a forma como a interlocutora Amanda não sentia a necessidade de entrar em conflito com seus pais sobre sua orientação bissexual, naquele determinado contexto. Mas, quando questionada por mim, em entrevista, sobre caso entrasse em uma relação com uma pessoa do mesmo sexo, a mesma afirmou que, nesse caso, realizaria (como tenho percebido) esse tensionamento do binarismo tradicional da heterossexualidade ao assumir publicamente uma relação com uma pessoa da identidade feminina. É essa tessitura entre tensionar e realizar manutenções dessas/nessas distinções binárias que dão significado à certas visões heteronormativas de mundo, que esse capítulo da dissertação irá abordar. Ou seja, aquilo que foi capaz de ser percebido sobre os binarismos nas falas das interlocutoras ao longo das entrevistas, com isso, almejo analisar como as narrativas de si das interlocutoras tensionam, ou não, a maneira binária de viver os desejos (hetero ou homossexual).

Essa tessitura da experiência empírica, atrelada às concepções binárias de gênero que se faz possível assumir discursivamente, direciona-me para a reflexão acerca das próprias categorias conceituais e termos utilizados nos roteiros de entrevistas aplicados às interlocutoras, principalmente relacionado às perguntas (que hoje considero enunciados binários, como demonstro no primeiro capítulo da dissertação): “Existe algum entendimento diferenciado da forma como você alimenta e vive os desejos por mulheres e por homens?”; “Comente como você sente as diferenças ao se relacionar com um homem ou uma mulher, elas existem? Você vive essas experiências ao mesmo tempo ou em tempos diferentes?”; “Pensando no futuro, você considera constituir uma família com um homem ou uma mulher, ou esse fator não se mostra relevante?”, visto que considero que essas perguntas limitaram os resultados da pesquisa em um certo nível. Como afirmado por Camila Pinheiro de Medeiros (2006) em um artigo sobre sua etnografia com famílias compostas por mulheres lésbicas, ela inclui na sua conclusão uma reflexão acerca da relação entre teoria antropológica e teoria nativa, assim como as possíveis limitações de se teorizar tendo como ponto de partida a primeira:

Se eu estou em uma discussão entre quatro lésbicas – como ocorreu enquanto estive lá – na qual se afirma categoricamente que ser lésbica não é uma questão de estado, mas de condição, não posso simplesmente usar da teoria antropológica para tentar desconstruir esse argumento e, de repente, a partir de uma análise da trajetória de vida delas, provar que a lesbianidade é algo de fato construído. Se a “violência da escrita” é inevitável, penso que falar em homossexualidade construída quando os discursos nativos apontam sempre para o contrário, é uma forma de acentuar essa violência. Acredito, portanto, que a questão central não seja a de inferir se é ou não algo construído, mas buscar compreender que orientação essa idéia promove na interpretação dessas mulheres acerca de suas histórias de vida – em que medida essa concepção é um motor para certas formas de agir e pensar. (MEDEIROS, 2006, p. 546)

Existe uma fala que, ao entrar em análise, transformou alguns aspectos dessa pesquisa e que despertou um olhar mais atento à forma como os termos estavam sendo formulados teoricamente. Trata-se da resposta de Luci à pergunta “Você considera essa uma experiência homo, hétero ou bissexual?”⁵⁶:

⁵⁶ Tratava-se da segunda pergunta da entrevista, considerando que a primeira consistia em “Você considera que já gostou muito de alguém, num sentido amoroso, em sua vida? Me conte mais.”. Com relação a isso, vale dizer que Luci é a única das pessoas entrevistadas, até momento, que está em um relacionamento amoroso (nesse momento em que eu escrevo, bem como no momento do encontro gravado), esse fato interferiu na forma como decorreu a entrevista. Por exemplo, as demais interlocutoras, ao responderem à pergunta que é abordada no corpo do texto relativo a essa nota, referiam-se a experiências passadas, em dois casos tratando-se de primeiras experiências (Kaw e

Luci: É engraçado né? Porque eu acho que uma coisa interessante de... que eu tenho percebido, assim, de até outras relações transcitradas e de estar aos poucos me entendendo **nesse lugar de uma travestilidade bicha que não é mulher e não sei, assim. Eu vou falar algo polêmico mas, eu não acho que a travesti é uma mulher, assim. Eu não acho que a gente ocupa um lugar de... Eu não acho que nenhuma pessoa trans na verdade... vou generalizar isso. Eu não acho que uma pessoa trans seja binário eu não parto desse princípio e eu acho que ao entender isso, isso me dá a possibilidade de entender que essa relação não é nem homo nem hétero.** Tipo, não sei dizer se ela seria pan eu acho que o afeto transcitrado assim o que tem me permitido perceber né e ocupar mentalmente é que ele é um espaço de cura então ele é uma relação de cura mesmo e eu acho que pra corpos como o meu que vivem em um lugar de negação de afeto eu acho que ele é um lugar meio de escapatória mesmo sabe assim e é óbvio...

Ana: Escapar sem fugir?

Luci: escapar sem fugir e assim eu aqui vou tar eu nunca prometo eu to usando muito essa frase ultimamente eu nunca prometi pra ninguém coerência então aí é até tipo eu não sei se pode ser incoerente ou não mas entender a forma como a gente decidiu viver a nossa relação atualmente ela se encontra dentro de uma modo que acho que pode ser chamado de monogamia ainda que eu não veja um pouco dessa forma acho que a gente tem tipo né uma exclusividade na relação de fato mas eu acho que tipo acho que a forma como a gente tá vivendo essa relação de forma alguma pode ser comparada à ideia do que é a monogamia enquanto um regime da cisgeneridade de poder e de controle do corpo porque acho que quando a gente pensa na monogamia é a monogamia nutre né uma série de expectativas enquanto controle é enquanto controle da herança controle do corpo e tudo mais [...] (Luci em entrevista concedida em 2022 à autora, transcrição e grifos em negrito da autora.)

A fala de Luci⁵⁷ demonstra que o seu entendimento de si, a sua expressividade de gênero, ou, também, a forma como ela estabelece (mas não estabiliza) sua identidade, não almeja um reconhecimento enquanto uma mulher. Luci se coloca enquanto uma travesti não-binária e essa é uma expressão identitária que se distingue do entendimento do que é uma mulher cisgênera, e, não obstante, do que é ser uma mulher trans⁵⁸. A cisgeneridade é um conceito criado para localizar os corpos cujas identidades de gênero seguem a linearidade da matriz

Titz) e, no caso de Amanda, uma experiência no início da juventude (por volta dos 20 anos). Diferentemente das demais interlocutoras, Luci está vivendo um relacionamento no momento presente e fez referência a este ao falar de amores.

⁵⁷ Insiro novamente o trecho da entrevista de Luci que aparece ao fim do capítulo anterior, visto que naquele contexto tratava-se da fixidez da identidade. Agora, entretanto, o trecho aparece para demonstrar o entendimento de si presente na forma de Luci expressar sua identidade.

⁵⁸ Como colocado por Letícia Nascimento (2021) em “Transfeminismo”: “[...] De modo particular, as seguintes identidades estão contempladas no termo “trans*”: transexuais, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias. Já o termo “mulheres trans” refere-se a mulheres transexuais e mulheres transgêneras.” (NASCIMENTO, 2021, p. 18)

heterossexual do desejo⁵⁹ estabelecida culturalmente, dado que anteriormente não existia um termo que marcasse as “pessoas cis”, já que essas eram simplesmente consideradas as “pessoas”. Isto é, qualquer identidade que extrapolasse o ideal cisgênero seria colocado em uma categoria de monstruosidade ou patologia⁶⁰. Em sua dissertação, Viviane Vergueiro (2015)⁶¹ abordou a cisgeneridade a partir de três aspectos: a pré-discursividade, a binariedade e a permanência.

Percebo que, sendo eu uma mulher cisgênera que experienciou essa categoria identitária ao longo de toda a minha vida (e mesmo antes de eu nascer), ao questionar se uma experiência de amor que as interlocutoras viveram, teria alguma articulação com as concepções de sexualidade canonizadas ao longo do século XX⁶² enquanto identidades possíveis, imputei uma percepção fechada (nas três orientações citadas: hétero, homo e bissexualidade) sob o que poderia ser pensado e refletido acerca daquela história que foi contada. Entendo isso como uma forma de executar a pré-discursividade que foi abordada por Vergueiro (2015):

A pré-discursividade pode ser caracterizada como o entendimento sociocultural – historicamente normativo e produzido, consideravelmente, por projetos coloniais – de que seja possível definir sexos-gêneros de seres a **partir de critérios objetivos** e de certas características corporais, independentemente de como sejam suas autopercepções ou das posições e contextos interseccionais e socioculturais em que elas estejam localizadas. (VERGUEIRO, 2015, p. 61)

É irrelevante caracterizar uma experiência de amor por meio de orientações sexuais fixadas, que percebo, nesse caso, como critérios objetivos. Arrisco dizer,

⁵⁹ Discorri sobre esse conceito na primeira seção do capítulo 1. NO TROPEÇO DOS ENCONTROS EMPÍRICOS E TEÓRICOS.

⁶⁰ Obras como “Os Anormais” de Michel Foucault publicado originalmente em 1975, ou “A História da Sexualidade” (1993) do mesmo autor adensam essa temática, além das teorizações dos estudos de gênero sobre pessoas intersexuais que também realizam esse trabalho, como as publicações da antropóloga Paula Sandrine Machado.

⁶¹ A primeira vez que escutei sobre essa intelectual foi em uma conversa sobre a minha pesquisa de dissertação com a interlocutora Luci, que indicou a leitura da teorização sobre a cisgeneridade. Vê-se tangível a composição também intelectual que engendra a participação das interlocutoras na presente pesquisa.

⁶² Se Weeks (1999) afirmou que “[...] antes do século XIX, a “homossexualidade” existia, mas o/a “homossexual” não.” (WEEKS, 1999, p.), foi por considerar não somente a construção médica da homossexualidade a partir da sexologia, psicanálise e medicina (criadores do primeiro termo), mas também, posteriormente, devido ao movimento de “liberação gay”, vivenciado por sujeitos que buscavam declarar suas existências apesar das regulações heteronormativas, num esforço de afirmação que almejava um lugar ao sol no sistema político, deslocando-se das sombras nas quais são alojados por violentos apagamentos históricos. Declarada a inegável existência de pessoas que não querem viver a linearidade heterossexual, a norma vívida se modificou a ponto de conceder espaços possíveis de aceitação dentro da possibilidade heteronormativa.

inclusive, que determinar alguma vivência a partir dos critérios que utilizei poda a potência que engendra a temática. Por exemplo, caso Luci tivesse se desdobrado para “encaixar” o formato do seu relacionamento em uma das perspectivas inseridas no roteiro, não teria sido possível perceber a relevância que o relacionamento transcetrado apresenta em sua experiência de criar e viver um relacionamento (e essa tranquilidade em expandir o debate para além dos termos eu percebo com algo que se possibilita a partir da dinâmica de amizade que antecede a relação pesquisadora/”pesquisada⁶³)

Trago à essa discussão uma história que está acontecendo nesse momento, entre duas pessoas trans - um homem transmasculino e uma travesti não-binária - que encontram, ao se relacionar, nas palavras da protagonista dessa história Luci, um processo de cura, um projeto de vida, de companheirismo, de família. A identidade travesti já foi muito debatida no Brasil ao longo dos anos 2000, mas posso dizer que, majoritariamente, essas pessoas foram analisadas a partir de um lugar de marginalidade⁶⁴. Assim, se mostra relevante trazer histórias como a de Luci e seu companheiro demonstrando que existem experiências, complexidades, tensões, reflexões, além de angústias e violências. Existem também prazeres, amores, planos em conjunto que se tornam projetos de vida. Toda essa vivência não se encontra alocada em nenhum tipo de categorização que o heterocentrismo (Jesus, 2013) abarque. Não é hétero, nem homo e nem bi: é um relacionamento transcetrado. Como colocado por Letícia Nascimento (2021):

Não estava em nenhuma margem do rio. Eu pensava que só poderia existir uma margem para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. Rompendo com essa realidade, eu escolhi ser o próprio rio que corria veloz para além do vale, para um lugar onde se fazer era possível no confronto com algumas regras impostas. (NASCIMENTO, 2021, p. 20)

⁶³ Nesse sentido, almejo que já tenha ficado explícito que não entendo as interlocutoras da pesquisa como meras informantes, mas também como sujeitas produtoras de conhecimento. Em especial essa interlocutora, a Luci, que como já mencionado anteriormente é também uma pesquisadora dos estudos de gênero.

⁶⁴ Normalmente sendo atrelada a atividade de prostituição, como no trabalho de Larissa Pelucio (2006) “Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem”. Esse trabalho e essa autora fizeram parte de uma importante empreitada de antropólogas que se debruçaram a estudar a transgeneridade no início dos anos 2000, foi também o primeiro contato que eu tive enquanto estudante de graduação com essa temática de estudos. Porém, assim como eu, essas autoras (cito também aqui Berenice Bento que publicou a tese “A reinvenção do corpo” em 2012, estudando o processo transsexualizador no Brasil e em Barcelona) falavam do lugar da cisgeneridade e por uma escolha político-teórica escolho trazer ao corpo do texto teóricas que são também pessoas trans, que acabaram por trazer perspectivas antes não vistas nos discursos acadêmicos.

Faz-se perceptível, portanto, que mesmo me propondo a fazer uma investigação em que parte dos objetivos consistiu em localizar os tensionamentos dos binarismos característicos da cultura Ocidental presente nas experiências das interlocutoras, a maneira de construção de algumas perguntas do questionário reiterou os mesmos termos em que operam esses binarismos naturalizados⁶⁵. exemplar tal movimento nas perguntas que interrogavam sobre as diferenças ao se relacionar ou desejar homens e mulheres:

Ana: Sim... é... agora entrando ainda nesse assunto que não se sente uma pessoa não-monogâmica... comente como você sente as diferenças... a desculpa é... sim... como você sente as diferenças ao se relacionar com um homem ou uma mulher? Elas existem? Você vive essas experiências ao mesmo tempo ou em tempos diferentes?

Luci: Ai... eu acho que não dá pra negar que elas não existem mas tipo é nessa ideia da construção de cada identidade assim porque eu percebi isso justamente no período da minha transição das expectativas que tinham do meu corpo e da minha identidade ao me afirmar sabe dentro do gênero ou de uma identidade lida enquanto mais aproximada do feminino e como isso cria emulações porque por exemplo já me relatei com lésbicas muito caminhoneiras e elas tem essa pira do tipo vou pagar pra você sabe tipo do macho alfa muitas delas tinham essa coisa inclusive né a gente tem um exemplo em comum uma amizade nossa... de quando a gente ficou estar ficando com outras pessoas mas querer todas as que são dela orbitando ela e tipo sabe e ao mesmo tempo de ficar com homens muito sensíveis onde isso não era uma coisa nossa eu tive um *boy* que eu saía e a gente só ficava juntas horas de ficar lendo poesia um pro outro e que tinha essa coisa da sensibilidade sabe?

Ana: Que lindo...

Luci: Acho que foi uma das pessoas que mais me ensinou e me fez perceber sobre as dinâmicas machucadas que eu tive de afeto... (Luci em entrevista concedida em 2022 a autora, transcrição e grifos da autora.)

A pergunta constrói-se de uma maneira a buscar fronteiras das interlocutoras ao desejarem um homem ou uma mulher⁶⁶, mas não considera as possibilidades de

⁶⁵ Conforme colocado por Diniz e Gebara (2022, p. 73): “A naturalização é a consideração de que uma força superior a nós, a força da natureza ou de uma divindade, nos fez assim e nada podemos mudar. Naturalizar é tornar normal o que é simplesmente um dado de cultura ou uma decisão conveniente emanada do poder estabelecido.”

⁶⁶ Essa questão se mostrou controversa apenas na entrevista com a Luci, que trouxe sua bagagem de experiência teórica e prática, possibilitando o questionamento: o que se diferencia nas formas de se relacionar, está mais condicionado pelos padrões de feminilidade e masculinidade (que, de maneira heterocentrista, automaticamente se complementam entre uma ideia de ação e passividade, ou virilidade e brutalidade) ou de fato se diferencia pelas identidades das pessoas com quem se relaciona? Não obstante, nas demais entrevistas realizadas, ocorria um reconhecimento das diferenciações a partir das identidades, nas entrevistas de Titz e Kaw, elas demonstraram maior atração e conseqüentemente maior dedicação de tempo, empenho e emoção para as relações com mulheres. A Amanda afirmou que, no cenário atual da vida, não sente diferença na forma como se relaciona com homens e mulheres, mas que existe uma preferência por relacionar-se com pessoas

transitoriedade entre os ideais e práticas de feminilidade e masculinidade. Para além de uma concepção imaginária de estaticidade de um Homem e Mulher, existe a própria vivência das expectativas do que é considerado feminino e masculino. Nos termos de Jaqueline Gomes de Jesus (2013), a partir das ideias de Butler (1990):

A lógica que sustenta a noção de orientação sexual é o binarismo do sistema “sexo=gênero”, que determina expectativas sociais de um alinhamento que pode ser representado por “macho - masculino - homem” versus “fêmea - feminina - mulher (JESUS, 2012, p. 9 apud. BUTLER, 1990).

A interpretação de Luci acerca de suas experiências passadas permite tanto a ela, como a mim na construção desse texto, a percepção de que os termos utilizados na pergunta não abarcam as particularidades possíveis de se encontrar nas vivências empíricas: é possível encontrar mulheres “caminhoneiras”, que apresentem uma expressividade de gênero associada ao que se entende por uma masculinidade, “macho alfa” como colocado nos termos de Luci. Assim como, é possível relacionar-se com um homem que apresente práticas associadas a ideais de feminilidade, como passar as tardes lendo poesia - se associarmos essa atividade à sensibilidade característica da feminilidade. Há, então, no enunciado da pergunta, a coerência com os termos heterocentristas do debate sobre o que é se relacionar amorosa e sexualmente, quando perguntado a partir de um estado de diferenciação binária entre homens e mulheres. Ao imputar essa questão para uma pessoa que está inserida em um contexto de ampla e demarcada fluidez entre as identidades (mulheres que se identificam com práticas de masculinidade, homens que se expressam de maneira feminina) com os próprios termos heterocentristas do debate a capacidade de compreensão dessas fluidezs comportamentais transitórias entre o que é entendido como feminino e masculino acabam por serem limitadas.

Os choques entre os termos (e, conseqüentemente, os critérios) utilizados para criar as perguntas que foram abordadas com as interlocutoras e a capacidade de interpretação das vivências que elas mesmas desenvolvem, cria um cenário de extrapolação desses mesmos termos utilizados no questionário. Luci trouxe à composição dos dados dessa pesquisa o lugar da certeza da impermanência dos

que sejam bissexuais como ela, irei adensar esse assunto no terceiro capítulo desta dissertação “Entre tensão e manutenção: os binarismos na experiência empírica”.

sentidos atribuídos às questões relativas à identidade e sexualidade, como também o fez Donna Haraway (1995) ao discutir sobre os conhecimentos localizados.

Porém, assumir o lugar da impermanência das identidades é algo complexo para o contexto cultural no qual estamos inseridos. Nossos “eus” são calcados em identidades fixas, sendo, possivelmente algo chocante e disruptivo, para si e para seus outros, assumir em sua própria corporalidade essa tal impermanência. Em “Pedagogias da Sexualidade” (1999), Guacira Lopes Louro aborda a questão da fixidez das identidades de gênero, utilizando-se do exemplo de uma prefeita que passou por uma transição de gênero após ser eleita e sofreu um processo de destituição popular após consolidar a expressão de gênero na qual se identificava, por considerarem que agora seria outra pessoa. Ao refletir acerca desse exemplo, a autora afirma:

Pela centralidade que a sexualidade adquiriu nas modernas sociedades ocidentais, parece ser difícil entendê-la como tendo as propriedades de fluidez e inconstância. Frequentemente nos apresentamos (ou nos representamos) a partir de nossa identidade de gênero e de nossa identidade sexual. Essa parece ser, usualmente, a referência mais “segura” sobre os indivíduos. (LOURO, 1999, p. 10)

Essa seguridade que Louro (1999) menciona foi abalada conforme as práticas amorosas e sexuais nas quais Titz se colocou ao longo do ano de 2022, que nos levou a conhecemo-nos, e conseqüentemente, à participação dessa interlocutora na pesquisa. Explico: o fato de Titz ter retornado à atividade sexual com homens cisgêneros, após anos de consolidação de uma identidade sapatão, modificou a forma como a própria interlocutora percebia sua subjetividade, sua expressividade de gênero e seu desejo. Por mais que ela não tivesse abandonado suas relações e seus desejos por mulheres, ela adicionou essa prática a sua vivência amorosa, extrapolando o que é considerada uma experiência lésbica. Ser sapatão é se colocar de uma maneira restritiva a ficar “só” com mulheres. Ao estender sua prática sexual considerando também o desejo por homens cisgêneros, Titz estremeceu uma base (da identidade sapatão) a qual sentiu construir a duras penas, principalmente no que tange ao confronto com sua família conservadora e os resquícios desse contexto de criação em sua percepção de si mesma. Essa mudança de práticas do desejo impactou a forma como ela concebe sua identidade. É nessa complexidade que residiu, desde o início, a participação de Titz na

pesquisa (algo que já foi abordado nas páginas anteriores), faço-me elucidada a partir do trecho que constitui do diálogo abaixo:

Ana: Como se você tivesse que recuperar o tempo perdido.

Titz: É... como se eu tivesse que recuperar o tempo perdido. E aí, nessa, **eu criei meio que tipo, automaticamente e inconscientemente, uma aversão a homens durante muitos anos eu tinha amigos homens, mas nesse lugar afetivo-sexual, sem chance. Tipo, eu criei uma aversão total... tanto que durante muitos anos eu comecei a exalar uma energia sapatão que os boy nem se atrevia a chegar em mim, porque, assim, eles já se ligavam, saca? Tipo eu não vou te dar moral, saca?** (risos) E aí eu entrei nessa por muito tempo assim fiquei um tempão, tipo, meu deus que preguiça de homem.

Ana: Desde que você chegou aqui em Curitiba, mais ou menos?

Titz: É. Isso. Eu fui construindo isso assim... essa aversão, assim, eu chamo de aversão eu não sei se seria bem isso mas vou chamar de aversão.

Ana: Uhum.

Titz: E porque parece que era meio que, tipo assim, “Caralho, *mano*, perdi tanto tempo da minha vida com homem e agora eu não quero, simplesmente não quero saber, eu quero só as *minas*, porque é o que eu quis desde sempre. E aí eu simplesmente criei um bloqueio na minha cabeça pra qualquer possibilidade de me relacionar com pessoas que não fossem mulheres... ou pessoas trans, pessoas trans, tavam na minha lista, ok, posso me relacionar com uma pessoa trans... Mas um cara cis, um homem cis, tava excluído da minha lista de possibilidades.

Ana: Corpo fechado.

Titz: É.

Ana: Uhum.

Titz: Tipo... não, mano.

Ana: E isso quase como uma forma de autoconhecimento, posso ousar dizer isso?

Titz: Acho que sim, acho que como uma forma de autoconhecimento mas acho que também uma certa raiva, tipo, eu tinha uma certa raiva assim... Porque o mundo parece que, nossa, homem é o centro do mundo. Então eu acho que tinha um pouco dessa raiva também misturada e tipo, nossa, os homens podem tudo. Tipo, eles, sei lá, tudo pra eles é fácil pensando principalmente né? No cara que tá no topo da pirâmide social que é o homem-branco-hétero-cis-classe-média, tipo, eu desenvolvi um negócio de raiva de homem assim, tá ligado? Tipo, sei lá, se eu tava num lugar com alguém, tipo, sei lá, com alguma amiga e chegava um boy com esse perfil perto eu já me distanciava, porque eu não queria nem conversar com a pessoa, tá ligado? Tipo, e isso eu sentia que era um lugar de raiva mesmo assim. E aí essas coisas se misturavam muito assim, esse bloqueio, com essa raiva, com esse autoconhecimento com tudo assim até que sei lá de uns anos pra cá eu comecei a me questionar de volta (risos) é sempre o questionamento não para... **Porque eu comecei de uns anos pra cá de uns dois anos pra cá eu comecei a pensar assim... “Tá, e se eu pegasse um boy cis? Hoje em dia? Como que seria? Tipo será que seria massa? Será que eu estaria aberta pra isso?” Eu comecei a romper um pouco desse bloqueio assim tipo aos poucos do meu próprio bloqueio que eu tinha criado mas eu ainda não tava preparada pra isso.**

Ana: Uma questão: isso veio, é... a partir de alguma... alguma vivência ou algum desejo exterior?

Titz: Não.

Ana: Porque isso aconteceu quando você se apaixonou pela *mina*, né? Que você pensou assim “Ai... eu acho que eu gosto de mulheres.” porque você tava gostando de uma mulher e esse desejo ele veio de você né?

Titz: Sim, mas tipo, nesse caso, não veio a partir de nada assim... Só veio só... Começou a brotar essas questões que surgem na nossa cabeça sabe? Começou a aparecer assim esse pensamento e aí é... mas eu não tava preparada pra isso... Mas eu fui lapidando essa ideia, deixando ela ali decantar e tal até que, o ano passado? O ano passado um dia simplesmente falei: “Vou pegar um *boy!*” e peguei um *boy*, que essa história você já sabe, peguei um *boy* e achei legal pegar o *boy*, mas não quis, tipo assim, eu não tava aberta pra ficar com *boys* cis em geral... Eu peguei um *boy*, achei legal e beleza, tipo, **não tô abrindo aqui de volta espaço pra homens cis**, foi uma experiência... Sei lá e isso deu um grande nó na minha cabeça porque eu pensei tá, e **agora, o que que eu sou?**(risos) (Titz em entrevista concedida em 2022 a autora, transcrição e grifos da autora)

A recente mudança de prática amorosa no que tange a vivência de Titz fez com que ela questionasse a sua própria subjetividade e existência. Ao se perguntar “[...] e agora o que eu sou?”, a interlocutora demonstrou, como visto a partir das discussões de Louro (1999), a centralidade que a identidade e orientação sexual ocupam no entendimento de quem somos, provocando esse tipo de questionamento quando a prática que consolida uma identidade é tensionada. A movimentação que a interlocutora chamou de “aversão”⁶⁷ ao personagem que ocupa de maneira descabida o topo da “pirâmide social”, sendo esse também o sujeito Universal como reconhecido e criticado hoje nos estudos de gênero e sexualidade (o homem cisgênero heterossexual), foi parte do que consolidou sua identidade nos últimos anos: ao negar a si mesma a vivência com os homens cisgêneros, no intuito de investir seu tempo reservado ao amor às mulheres, Titz expressou-se e entendeu a si mesma enquanto uma mulher sapatão. Em meu caderno de campo, pensando sobre Titz, eu escrevi: “Consolidar uma identidade ao longo de anos é um esforço que não se desfaz conforme as práticas do desejo se modificam”.

Tendo a afirmar que a forma como esse assunto foi abordado na entrevista extrapolou a própria maneira como o roteiro da entrevista propôs. Aliás, a própria presença de Titz, bem como a de Luci, extrapolam o intuito em que o roteiro foi pensado (interrogar mulheres bissexuais). Percebe-se que entre as falas de Titz

⁶⁷ Há perceptível influência de conceitos e afirmações advindas dos estudos de gênero nas falas, perspectivas e ações das interlocutoras com relação aos amores, principalmente entre Luci e Titz, que apresentam esse interesse teórico nas questões relativas ao conhecimento formulado por feministas. Me lembro de algum dia em que estive na casa de Titz e ela me mostrou sua edição traduzida de “As Guerrilheiras” de Monique Wittig, o que me leva a pensar quanto dessas leituras reverberam na forma como algumas das interlocutoras se dispõem a viver suas expressões de gênero, bem como suas formas de desejar, suas práticas sexuais e amorosas. Essa questão é abordada de maneira mais aprofundada no capítulo “Pensar experiências amorosas: escapar sem fugir?” da presente dissertação.

existe um tom cômico instaurado, acredito que isso se deu porque o que estava sendo questionado a ela eram coisas que nem ela mesma teria resposta para tal. Digo isso porque, enquanto escrevo esse texto, bem como ainda na época em que realizamos o encontro gravado, esse era um processo vívido na experiência da interlocutora, não se esgotou, não teve uma conclusão, um encerramento para fins de rotular, seja sua sexualidade ou sua experiência.

Até o momento este capítulo do trabalho buscou apresentar algumas críticas e incômodos gerados a partir da formulação e aplicação do roteiro de entrevista que eu mesma desenvolvi. Trago o questionamento interno que movimentou a pesquisa para o lugar da autocrítica, a forma de fazer científico e às concepções invisíveis que estavam sendo articuladas: por que movimentar a entrevista transferindo às interlocutoras a tarefa de atribuir uma orientação sexual a uma experiência?⁶⁸ Felizmente, foi possível desenvolver reflexões a partir desse questionamento, como, por exemplo, a maneira que um relacionamento é capaz de extrapolar qualquer estrutura já consolidada de rótulos sobre a sexualidade. Mesmo que seja impulsionando a criação de novos rótulos que nomeiem as formas de consolidar as relações de maneiras estáveis e inteligíveis para os outros. Reitero: o relacionamento de Luci, não é hétero, nem homo e nem bissexual, é transcetrado. Não somente por ser transcetrado. Uma relação amorosa pôde modificar a própria noção de orientação sexual de uma sujeita, como foi o caso da interlocutora Kaw que se entendeu bissexual a partir da transição de seu companheiro na época:

Kaw: Cara na minha experiência amorosa assim eu acho que não... Meu... É um pouco confuso assim porque a minha bissexualidade eu comecei a entender que eu não era uma mulher lésbica quando o meu ex começou a transição.

Ana: Uhum.

Kaw: Que eu namorava uma mulher que se reconhecia enquanto uma mulher e durante o nosso relacionamento passou a se reconhecer enquanto homem e aí era bizarro sabe... eu era sapatão até ontem mas hoje eu namoro um homem⁶⁹ então não sou sapatão... então a transição de gênero dele também alterou a minha sexualidade porque ao mesmo tempo que muda a figura com quem você se relaciona né muda também tipo eu não posso me dizer uma mulher lésbica namorando um homem trans tipo... (Kaw em entrevista concedida em 2022 a autora, transcrição e grifos da autora)

⁶⁸ Refiro-me à pergunta do roteiro de entrevistas (Apêndice 2): “Você considera essa uma experiência homo, hétero ou bissexual?”.

⁶⁹ Nesse momento da fala Kaw se referia ao passado falando no presente apenas de maneira metafórica.

Se considerarmos a afirmação de Scott (1998), faz-se perceptível o quanto é improdutivo atribuir rótulos identitários de sexualidade às experiências: “Cada categoria tomada como fixa trabalha para solidificar o processo ideológico de construção do sujeito, tornando o processo menos e não mais aparente, naturalizando-o em vez de analisá-lo” (Scott, 1998, p. 318). Apesar do investimento em uma considerável carga de leitura, advinda principalmente da produção acadêmica feminista, sobre as questões de naturalização dos binarismos ocidentais, pude perceber a continuidade estabelecida entre rótulos pré-determinados acerca das identidades e sexualidades, deixando pouco espaço para as complexidades que não são passíveis de rótulos. Ainda assim, mesmo com o pouco espaço as interlocutoras trouxeram experiências que extrapolaram as perspectivas identitárias rotuladas no roteiro de entrevista.

O choque entre os termos utilizados no roteiro e as impressões que as interlocutoras produzem acerca de suas experiências, possibilitou o retorno crítico a esses termos do debate, e conseqüentemente, da forma de se investigar. Eu, enquanto autora que escreve essa pesquisa, pude perceber em meus incômodos e estranhamentos, as incongruências entre os rótulos fixos utilizados para se formular as perguntas das entrevistas e as complexidades, impermanências e incoerências com as quais as interlocutoras se deparam ao se proporem a pensar suas experiências, suas subjetividades. Não escrevo ou disserto para responder o que é ser mulher, o que é ser bissexual, ou o que(m) não “pode ser” em qualquer um desses conceitos (contextos). Escrevo para mostrar e registrar formas de viver uma subjetividade que se atrela a feminilidade, mas que não reivindica uma identidade de mulher, mas encontra-se na identidade travesti, por exemplo. Bem como, escrevo sobre a corda bamba do que é ser uma mulher que se relacionou com mulheres construindo sua identidade sapatão, e que agora se encontra em um não-lugar, uma não-identidade, ou uma identidade que se determina incoerente conforme o que foi formulado e definido até o momento enquanto uma mulher “sapatão”:

Titz: **E aí eu pensei... tá será que agora eu sou bi porque eu peguei um boy?** E aí deu uma pane na minha cabeça assim tipo eu buguei e aí passou um tempo e eu entendi que na real foda-se tipo o que que eu era eu só ia fazer o que eu tinha vontade tipo eu não queria me fechar numa definição assim e aí sei lá é nisso eu... parênteses... eu já tinha ficado com *mina* trans com *boy* trans com pessoa não-binária então de certa forma eu comecei a

expandir o meu olhar pra o que é ser lésbica pra mim não inclui necessariamente exclusivamente uma *mina* cis sabe tipo ser lésbica é mais amplo do que isso e pra mim eu tipo assim eu me identifico muito mais com a palavra sapatão do que lésbica eu acho que tá em outro lugar...

Ana: Como?

Titz: Eu acho que tá em outro lugar assim porque lésbica é uma classificação parece que é quase uma classificação tipo assim quando você vai preencher formulário de hospital assim o teu sexo é feminino ou masculino parece que lésbica é tipo isso esse negocinho fechadinho e parece que lésbica existe um entendimento social de que a pessoa que é lésbica é porque ela se relaciona afetivo sexualmente com outras mulheres e todo mundo é cis e sapatão eu acho que é muito mais sobre sim tem o se relacionar mas tem uma identidade então eu me enxergo mais na categoria sapatão do que na categoria lésbica apesar de as duas coisas meio que serem similares e tipo eu acho que ser lésbica eu acho **que ser sapatão é uma coisa maior e ser lésbica tá dentro de ser sapatão**. (Titz em entrevista concedida em 2022 a autora, transcrição e grifos da autora)

É notório o efeito que pode causar uma prática amorosa na estabilidade promovida por uma identidade de gênero fixada, conforme o impulso do desejo é vivido pela própria ação do indivíduo. No caso da interlocutora, a identificação subjetiva com uma categoria coletiva é estremecida e as certezas relativas a quem se é acabam por ficar embaçadas. Assim como se embaçam também as certezas sobre a fixidez da vivência das categorias de identidade, ao longo de uma trajetória de vida individual. Os significados atribuídos às identidades coletivas são contextuais. Como vimos, para Titz, ser sapatão é algo mais amplo do que ser lésbica (que, nesse caso, dá significado à prática de relações amorosas e/ou entre mulheres).

Podemos considerar que suas experiências a levaram a perceber dessa maneira esses conceitos, não só o vivido do amor mas também aquilo de conteúdo teórico sobre o assunto que é consumido⁷⁰. A forma como sua vida correu (e ainda corre), a levou a definir-se - no momento da entrevista - enquanto sapatão num lugar deslocado e não-excludente de sua prática amorosa e sexual. Tal prática inclui pessoas de distintas identidades: homens trans, mulheres trans, pessoas não-binárias, travestis e, não obstante, eventualmente, homens cisgêneros. A esfera da temporalidade não crava a identidade num lugar fixo, mas, pelo contrário, pode atribuir o caráter fluído dessas nomenclaturas identitárias (e coletivas) ao longo de uma existência individual. Segundo Avtar Brah, em entrevista concedida ao jornal espanhol *El Salto* (Cerezuela, 2018):

⁷⁰ Em específico no caso dessa interlocutora e da Luci, como vimos na seção 2.5 do segundo capítulo desse trabalho, intitulada “Articulações de conceitos de gênero e sexualidade no entendimento de si”.

A maneira como os outros nos veem tem grande efeito sobre como nos vemos a nós mesmos. De um lado, existe a dimensão psíquica da identidade, que é basicamente subjetiva e inconsciente: as relações sociais, nossas emoções, a maneira como nos comportamos etc. A identidade psíquica sempre é um processo, não um produto final. Não é algo voluntário, não se decide ser de uma maneira ou de outra. Você pode dizer: eu sou assim ou assado, mas isso não deixa de ser uma proclamação de uma autopercepção, é a identidade política que você adota face aos outros. Tudo isso é subjetivo. Por outro lado, existe a dimensão física da identidade, que é objetiva. Os corpos carregam consigo uma série de fronteiras, dependendo da raça, etnia, classe social, gênero etc. Unindo essas duas dimensões do conceito, pode se dizer que a identidade é sempre uma construção política. (CEREZUELA, 2018. Tradução disponível em: <<https://resistadotblog.wordpress.com/2018/05/10/a-identidade-sempre-um-processo-nao-um-produto-final/>>)

A maneira como Titz percebe a sua identidade e interpreta suas experiências, desembocaram em seu entendimento subjetivo enquanto sapatão, ainda que coexistirem práticas amorosas e sexuais que envolvem homens. É possível que, conforme Brah afirma, em um critério objetivo apontado pelo outro, isso apresentasse algum tipo de incoerência, porém, na experiência de Titz, essa afirmação fazia sentido naquele momento de sua vida. A forma como a interlocutora Kaw falou, ao abordarmos a sua definição de orientação sexual, caminha no mesmo sentido de extrapolação das definições binárias acerca das orientações sexuais e identidades de gênero possíveis :

Kaw: [...] Não sei se existe esse termo mas as vezes eu falo que eu sou homoafetiva e bissexual sabe?

Ana: Uhum...

Kaw: Tipo... eu me apaixono por mulheres mas o sexual também engloba homens cis no caso né de sei lá...

Ana: O desejo... tipo... o tesão mesmo?

Kaw: É o tesão ele vem tanto por mulheres quanto por homens mas eu nunca me apaixonei de fato por um homem sempre foi tipo a paixão o querer namorar o querer estar construir coisas sempre foi com mulheres e daí dentre isso vezes que eu fiquei com homens mas nunca ai me apaixonei quis namorar ou coisa do tipo com um homem. (Kaw em entrevista concedida em 2022 a autora, transcrição e grifos da autora)

A maneira como a Kaw define sua perspectiva considera o que a interlocutora já havia experienciado até aquele momento da entrevista, tendo em vista não somente a prática sexual, mas os sentimentos de paixão e amor que ela sentiu ao longo da vida. Porém, o trecho que quero destacar nesse momento, não trata somente da afirmação sobre a orientação sexual. O que quero sublinhar é a

premissa “Não sei se existe esse termo...” que dá abertura à argumentação sobre como ela sente sua identidade e expressão da vivência da sexualidade. Ora, se a palavra está sendo dita pela interlocutora, não é uma questão se o termo existe ou não. Acredito que nas entranhas dessa afirmação, existe algo mais complexo, que se relaciona com a possibilidade de significação e reconhecimento do que foi levado em conta para realizar uma definição ambígua da forma como Kaw experiencia a sexualidade e o amor, dado que somente a definição de bissexualidade não era suficiente para descrever a vivência que ela experiencia.

A capacidade de reconhecimento linguístico para que as experiências possam ser descritas em palavras é uma questão que rondou a realização dessa pesquisa. Quando destinei o olhar às entrevistas, pude perceber as limitações que os termos utilizados estavam causando ao terreno de reflexões que estava se construindo, como já articulado anteriormente. A realização do campo trouxe uma revisão da forma como as perguntas estavam sendo feitas. Esse retorno me possibilitou encaminhar o trabalho para um lugar diferente daquele que busca definições, visto que algumas dessas não cabiam em determinadas experiências contadas e sentidas pelas interlocutoras. Experiências que puderam adentrar o trabalho, não pela forma que foram descritas, mas, talvez, justamente pela dificuldade que há em defini-las em descrições. Como colocado por Varikas (1999):

A inadequação entre as minhas percepções subjetivas e os instrumentos de que disponho para comunicá-las faz de uma parte significativa de minha experiência do mundo uma experiência indizível, portanto clandestina, que molda de maneira subterrânea minha relação com os outros, que não pode ser medida nessa relação intersubjetiva especificamente humana que pode lhe atribuir uma amplitude universal. (VARIKAS, 1999, p. 15)

Não se trata de uma coincidência, mas sim de um desenvolvimento histórico das significações que não somente a linguagem, mas tudo que envolve o entendimento em uma comunicação, foram capazes de articular, deixando de fora algumas formas de vida em disparidade com outras. Para mim, o que leva Kaw a iniciar sua explanação sobre o entendimento de si acerca de sua sexualidade, não é a limitação da linguagem, afinal, ela conseguiu articular a linguagem de uma maneira que define a forma como ela vive. O que produz essa limitação é a forma binária como a linguagem e toda a comunicação entre pessoas está calcada,

fazendo com que seja necessário um malabarismo entre termos para que se faça possível o reconhecimento dessa vivência. Penso que essa realidade possa ser experienciada por muitas outras pessoas que, mesmo após o desenvolvimento histórico das identidades que extrapolam a heterossexualidade, não encontram termos condizentes com suas experiências. Isso cria uma novas dicotomias entre a categoria fixa pré-existente e a inteligíveis em relação aos contextos específicos. Experiências como a de Kaw, que por motivações particulares não se enquadram em nenhuma categoria existente na linguagem na qual foram socializadas. Assim, faz-se necessário uma flexão e junção de termos existentes para descrever o próprio entendimento da sexualidade.

Quanto a isso, gostaria de trazer à discussão um dos teóricos que se dedica a observar minuciosamente os termos aos quais estamos fadados a nos descrever conforme o que a linguagem possibilita, assim como, também reflete sobre a origem dessas possibilidades e exclusões articuladas de maneira linguística, definindo todo o desenrolar da cultura. Trata-se de Paul B. Preciado, especificamente o que é abordado na introdução do livro “Um Apartamento em Urano”, obra que me acompanhou ao longo de todo o processo de escrita do presente trabalho:

Permitam-me dizer que a homossexualidade e a heterossexualidade não existem fora de uma taxonomia binária e hierárquica que busca preservar a dominação do páter-famílias sobre a reprodução da vida. A homossexualidade e a heterossexualidade, a intersexualidade e a transexualidade não existem fora de uma epistemologia colonial e capitalista, que privilegia as práticas sexuais reprodutivas como uma estratégia de gestão da população, da reprodução da força de trabalho, mas também da reprodução da população consumidora. É o capital e não a vida que se reproduz. Estas categorias são o mapa imposto pelo poder, não o território da vida. Mas se a homossexualidade e heterossexualidade, intersexualidade e transexualidade não existem, então quem somos nós? Como amamos? Vamos imaginá-lo. (PRECIADO, 2019, p. 28)

O trabalho que busquei realizar ao longo dessa pesquisa, investiu em trazer para as palavras aquilo que não coube nas descrições e definições iniciais no qual foi pensando, como apresentado ao longo desse capítulo, com relação a forma como Titz se sentia sobre sua orientação sexual, bem como o relacionamento transcêntrico de Luci e sua concepção identitária de não almejar reconhecimento na identidade Mulher, mas sim em uma identidade de gênero não-binária e travesti, sendo assim, buscando o reconhecimento do pronome feminino em seu tratamento e comunicação. Como já dito, essas são entranhas que poderiam não adentrar o

trabalho, que seria o caminho espontâneo das reflexões, conforme estava correndo o desenvolvimento dos objetivos específicos naquele momento (assunto que esmiucei no primeiro capítulo desse trabalho). Porém, como propôs Preciado (2019), busquei trazer para a análise as vivências que nos levam a imaginar novas formas de nos definirmos, ou seja, integrando parte do nosso processo de subjetivação, assim como fez a Kaw no comentário trazido acima. Ainda que o termo não exista, possibilidade que ela menciona no início da sua fala, ela é capaz de verbalizá-lo e utilizar essa definição para a sua vivência, uma definição que contempla a complexidade de sua trajetória de vida e de seu desejo, até aquele momento. Todavia, não decreta ou calcifica suas expressões conforme o tempo passa, dado que a própria passagem do tempo e o acúmulo de novas vivências pode alterar seu entendimento de si.

Os termos existentes na nossa linguagem não são feitos para extrapolar os binarismos que embasam a cultura Ocidental, orientando nossas relações de produção e reprodução, de vida e de capital, e portanto, limitam-se dentro dessas categorias. É a partir desses termos possíveis que as existências que extrapolam essas definições têm de se colocar, de se articular para se entenderem nesses termos sem deixar de lado suas verdades sobre quem são e como querem se expressar no mundo, como sustenta Anne Fausto-Sterling (2003) em “Dualismos em duelo”, um texto clássico sobre a temática: “Suspeito que nossos rótulos homossexual, heterossexual, bissexual e transgênero não são boas categorias, e podem ser melhor entendidos apenas em termos de eventos singulares de desenvolvimento que afetam indivíduos particulares.” (Sterling, 2003, p. 77)

Por uma questão de sobrevivência⁷¹ e inteligibilidade, num jogo que chamei de tensão e manutenção, faz-se necessário enquadrar-se dentro das definições legitimadas pela linguagem e pelos sistemas externos que conduzem a vida coletiva. Essa afirmação dialoga com o essencialismo estratégico, conceito cunhado por Gayatri Spivak (1985), teórica do pós-colonialismo que refletiu acerca das representações possíveis dos sujeitos subalternos a partir da linguagem e lentes estabelecidas pelo colonialismo. Ao problematizar os essencialismos, Spivak (1985) desenvolve uma teorização sobre os casos em que são necessários, pelos motivos

⁷¹ Digo sobrevivência por considerar os contextos de possíveis violências a partir da insistência em expressar-se em uma identidade ou prática amorosa divergente da proposta pela linearidade heterossexual. As situações em que essas estratégias foram contadas pelas interlocutoras e interpretadas dessa maneira por mim estão presentes no capítulo que antecede o presente.

particulares e subjetivos do contexto de cada indivíduo, assumir determinadas identidades fixas (Costa, 2002).

É no sentir-se confortável para se declarar bissexual, mas, não sentir a necessidade de confronto com a família caso queiram pensar que é apenas uma fase, em que considero ocorrer uma manutenção desses binarismos, por uma estratégia individual de vida. É no colocar-se no processo transsexualizador oferecido pelo SUS (Sistema Único de Saúde) no Brasil e ter de submeter-se à perspectiva errônea de transexualidade binária⁷² para acessar políticas públicas que ocorre a tensão e a manutenção. É no definir-se enquanto uma pessoa sapatão mesmo com a ocorrência de práticas sexuais que extrapolam o conceito, que também ocorre a tensão desse binário, em partes pelo receio de retornar à uma identidade convergente à heteronorma após anos de trabalho para consolidar o respeito a sua lesbianidade no contexto individual e familiar. Em um artigo que dialoga com o conceito de Spivak (1985) apresentado acima, intitulado “Ser *mas* não ser, eis a questão. problema persistente do essencialismo estratégico.” o autor finaliza com uma afirmação que converge com o que reflito acerca da tensão e manutenção dos binarismos:

O que uma etnografia da política sexual nos parece demonstrar é que as pessoas e os grupos e os movimentos são capazes de viver com uma dose útil de essencialismo estratégico, com uma necessidade identitária e categorial que cria auto-estima e espírito de grupo, bem como com uma dose útil de pensamento de crítica cultural radical que ajude a relativizar o peso do carácter historicamente construído das categorias em que nos encaixamos como pessoas. Somos, *mas* não somos. *Somos* em acção e movimento. *Mas não somos* - em essência transhistórica e transcultural. (ALMEIDA, 2009, p. 9)

A vida empírica não é binária, mas a forma como se configurou a vida coletiva no sistema em que estamos inseridos, sim. Esse fato propicia um mar de reflexões acerca do que é “ser”, acerca das limitações das subjetividades possíveis conforme os enquadramentos dos regimes de verdade (Foucault, 2004). O lugar que atribuo à bissexualidade, nesse sentido, encontra-se na definição que permite uma flexibilidade em relação às corporeidades ao sujeito que manifesta o desejo.

⁷² Sobre esse assunto, indico o trabalho realizado por Berenice Bento em seu doutoramento que veio a ser publicado em formato de livro intitulado “A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transsexual”.

Portanto, pode-se pensar na bissexualidade como a orientação sexual que engloba as identidades independente da forma corporal a qual essa está atribuída, e a partir disso, possibilita um mecanismo de subjetivação e inteligibilidade⁷³, de reconhecimento de seus outros, visto que a identidade é matriz do processo de tornar-se sujeito na sociedade a qual estamos inseridas. A identificação com a bissexualidade, portanto, se coloca de uma maneira estratégica e refletida para as interlocutoras, sendo uma identificação útil em alguns casos, como colocado pela interlocutora Luci:

Luci: Então eu preciso de uma identidade que contemple o meu pau de mulher ou o meu pau de travesti não binária e eu preciso de uma identidade que contemple eu poder me relacionar com um homem que quer ter seios não quer mastectomia não quer intervenção porque gosta dos seios e gosta de ser homem por ter seios e por ter uma vagina e por ter clitóris inchado eu acho que tipo eu preciso da bissexualidade nesse lugar de que o meu corpo possa ser existente numa relação porque ao meu ver se não for não me serve eu não preciso de uma identidade que me genitalize. (Luci em entrevista concedida em 2022 a autora)

Dentro da negociação entre manutenção e tensão dos binarismos estabelecidos existem muitas formas de se viver, de realizar as práticas que envolvem as relações sexuais e amorosas. Nem todas essas experiências poderão ser fincadas por uma identidade reconhecida coletivamente, apesar de existir a necessidade desse reconhecimento no processo de subjetivação, no processo que faz com que nos tornemos sujeitos reconhecidos pelos outros. O que ocorre de vivência nos entremeios do reconhecimento exterior possibilitado pelas identidades legitimadas, comumente não encontra lugar para ser debatido em reflexões científicas e acadêmicas, visto que, como abordado no primeiro capítulo, uma das díades estabelecidas pelo processo de modernização foi a oposição entre Objetividade e Subjetividade, sendo que somente a primeira poderia ser reconhecida dentro dos conceitos canônicos de produção científica. Porém, no limiar dos binarismos estabelecidos existem formas de se consolidar vivências, que passam a ser equilibradas entre a necessidade de se colocar dentro dessas categorias de reconhecimento binárias (para alcançar a inteligibilidade de sujeito,

⁷³ As intelectuais feministas e dos estudos de gênero promoveram o questionamento das formas de se pensar a racionalidade e a objetividade dentro da produção do conhecimento. Desencadeado pelo fenômeno que hoje se entende como a modernidade (HARDING, 1996; VARIKAS, 2003; LONGINO, 2007), as dicotomias baseiam a inteligibilidade dos fenômenos, sendo um exemplo disso a oposição entre subjetividade e objetividade.

como posto por Butler em “Corpos que importam” e abordado nos capítulos anteriores), consolidando-se assim uma forma estratégica de selecionar momentos em que há a necessidade de se enquadrar nas definições possíveis, e outros momentos em que há o rompimento com os binários estabelecidos, pela necessidade de viver uma vida digna. Finalizo esse capítulo, portanto, com a ideia de que as identidades são determinadas não somente pelas experiências vividas ao longo da trajetória de cada interlocutora, mas também pelas possibilidades existentes de identificação dentro de cada contexto em que elas se encontraram e se encontram ainda, adquirindo assim um caráter fluído individual e coletivo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recentemente estive em um diálogo com uma senhora branca de classe média cuja idade se aproxima de seus 90 anos, no qual ela me contou sobre as experiências que antecederam a sua cerimônia de casamento. Aquela senhora me relatou que, em seu contexto de juventude, costurou, ela mesma, todo o enxoval para a noite da cerimônia, desde os guardanapos que seriam utilizados nas mesas da festa, inserindo rendas e flores de bordado, até mesmo os lençóis da noite de núpcias. Ao que pareceu em nossa conversa, existiu um cuidado precedente que se prolongou por meses na vida da noiva, como um projeto costurado por ela. A conversa teve início a partir de uma reclamação da senhora com relação ao costume da época: era um evento a consolidação desse projeto, um evento de interesse público daqueles outros que se faziam próximos (em suma, parentes e vizinhos), a ponto de existir o costume de visitas nas casas das noivas que estavam por se tornarem esposas, no interesse de se observar as costuras, os bordados, as linhas que estavam por serem tecidas, literal e simbolicamente. O incômodo com relação à publicização do preparo da noiva para a vida privada, que deu o tom da minha conversa com essa senhora, não foi o que me fez trazer esse diálogo ao texto.

Imersa em um ritmo de escrita e reflexão acerca do que foi movimentado nesse processo de pesquisa da dissertação, a conversa com a senhora me fez pensar sobre os projetos de vidas possíveis no que tange a vivência de uma identidade feminina ou feminilizada (enquadrada dentro do espectro da feminilidade por lentes binárias). Como já explorado minuciosamente ao longo desse produto textual, a ambição inicial não foi exatamente o que resultou o processo de investigação ocorrido aqui. Inicialmente, a ideia era entender os projetos de vida dos jovens não-heterossexuais, ambicionando refletir acerca das mudanças que ocorreram no último século com relação a esses projetos. O que entra em cena quando as linhas que costuram a vida dos sujeitos não incluem mais o objetivo final de bordar os lençóis das noites de núpcias?

Apesar das muitas mudanças ocorridas nesse processo, os resultados alcançados com relação a esse questionamento retórico não fugiam à hipótese inicial, que percebo como incubada na própria pergunta. Os projetos de vida das

interlocutoras dessa pesquisa não centralizam a vivência amorosa como uma essência para a plenitude da vida e do reconhecimento como sujeitas. Quando questionadas sobre seus projetos futuros, na verdade, a vivência do amor é colocada em um lugar de marginalidade, e não de prioridade. Essa ideia foi apresentada no segundo capítulo na seção intitulada “Entre o ‘eu’ e os amores: a presença da individualidade nas relações amorosas”. Mesmo quando assumem a possibilidade da vivência em par, consideram como uma premissa a presença da individualidade, pontuando a necessidade de preservar a singularidade como uma condição para um bom mantimento de uma relação amorosa, nos termos nativos: uma relação saudável.

Essa percepção também se faz presente quando se trata da ideia de filiação entre as interlocutoras, visto que os projetos com relação a ter filhos aparecem de forma particular, rompendo com uma perspectiva unívoca de “casar, ter filhos e formar família”, ideia apresentada na seção “Filiações como projetos” também do segundo capítulo. Esse dado, advindo dos encontros gravados, somou na confirmação da hipótese estabelecida a partir das leituras acerca da luta coletiva pelo direito ao casamento entre pessoas do mesmo gênero, em especial o trabalho de Judith Butler (2003) “O parentesco é sempre tido como heterossexual?”, como colocado na Introdução do presente texto. Como dito, a leitura do trabalho despertou o olhar para o meu próprio círculo social, tendo em vista que eu não observava o desejo de formar família nuclear nos moldes tradicionais da heteronormatividade.

Com relação a isso, manifestou-se o que veio a se tornar a maior empreitada metodológica contida nesse processo de pesquisa de dissertação: tornar-me pesquisadora para as minhas amigas, assim, fazendo delas interlocutoras da pesquisa que eu estava por estruturar. Essa proposição precedeu até mesmo a entrada no programa de pós-graduação, visto que já estava inserida no projeto que foi submetido à seleção. Porém, há uma seriedade criteriosa contida em criar uma relação de pesquisadora e interlocutoras, algo que modifica o fazer científico como estabelecido canonicamente, assim como modifica as relações com as próprias amigas ao aderir o caráter de formação de conhecimento à conversas que antes tinham o fim unicamente afetivo. Até hoje, passado cerca de um ano desde a realização dos encontros gravados, as amigas me procuram pontualmente para me atualizar de suas vidas amorosas, trazendo elementos que acabaram por ficar de

fora do produto textual da presente pesquisa, justamente por ultrapassarem os limites estabelecidos pelo campo da investigação.

Ouso dizer que fiz de mim, para elas, uma referência de abertura para falar sobre os afetos, os amores, e, principalmente, as interpretações dessas vivências que passam a ser tidas como experiências. Consolidar essa relação exigiu integrá-la a critérios de distanciamento assim como refletir acerca da ética da pesquisa ao tomar recortes das falas e relatos das minhas amigas para refletir acerca da moldura contemporânea das relações amorosas. Tudo isso não seria possível sem um pano de fundo longo de estudos realizados no passado, principalmente por teóricas feministas e *queer*. Sem as reflexões precedentes de Haraway (1995) acerca dos saberes localizados e da objetividade do conhecimento científico, também presente na reflexão de Longino (2006) que deu nome de Epistemologia à produção científica do Feminismo. Mais que isso, o reconhecimento desse trabalho enquanto uma etnografia não teria sido possível sem trabalhos que antecederam e deram corpo a essa forma de fazer a partir da proximidade, como faz Ana Clara Damasio (2020) ao etnografar sua família.

O escopo que integrou essa jornada teórica entre pesquisa sociológica, autoetnografia e, por fim, a concepção de tratar-se de uma etnografia, não teria sido o mesmo sem a leitura das obras produzidas por teóricas travestis e trans. Isso inclui pesquisadoras brasileiras, como Ariane Senna (2021), Jaqueline Gomes de Jesus (2013), Letícia Nascimento (2021) e Viviane Vergueiro (2015), e dentro desse grupo, gostaria de incluir a interlocutora Luci, a qual considero uma contemporânea no sentido intelectual - como já mencionado anteriormente - que vem produzindo conhecimento acerca de gênero, arte, educação e performance. O grupo de pessoas que mais compôs os estudos de gênero enquanto “objetos de estudos” adentra à essa pesquisa enquanto produtoras do conhecimento acerca da própria expressividade de gênero. No momento em que me propus a rever a formação do questionário utilizado para nortear as entrevistas de uma maneira crítica, foi de extrema importância consolidar o meu lugar de cisgeneridade na produção de perguntas.

Acredito que essa seja uma das contribuições desse trabalho: evidenciar a facilidade em se fazer perguntas orientadas a partir de uma perspectiva heterocentrada nas situações em que as perguntas não são produzidas sob o ponto de partida de uma revisão crítica do lugar de cisgeneridade. Tendo isso em vista,

caso meus leitores e leitoras sejam pesquisadores executando uma investigação, espero facilitar o caminho da investigação direcionando essa perspectiva de que a forma de se perguntar não é zerada. Como aponta a própria teoria que é articulada nesse trabalho com relação à própria materialidade do corpo estar calcada em processos discursivos que denunciam regimes de verdade. É importante reconhecer que nós pesquisadoras não estamos de fora dessa possibilidade de raciocínio simplesmente por conhecermos essas afirmações teóricas.

Nesse sentido, aponto para uma observação lógica e macrossocial. Trata-se de pensar o movimento iniciado a partir da entrada massiva das mulheres no contexto universitário, que desembocou em um reconhecimento legitimado da produção científica do feminismo. Esse acontecimento - no momento me refiro aos meados do século XX, no contexto estadunidense e europeu, que devido a colonialidade do conhecimento, acabou por desembocar também na produção científica brasileira - transformou o tipo de produção feita acerca da historiografia, como colocado por Hollanda (1994):

De um modo geral, a formação desta área de conhecimento está intimamente ligada aos movimentos políticos dos anos 60, mas vai ganhar estatuto acadêmico um pouco mais tarde, no contexto da consolidação das teorias pós-estruturalistas e desconstrutivistas, cuja desconfiança sistemática em relação aos discursos totalizantes passa a ter uma posição central no debate teórico conhecido como pós-modernista. (HOLLANDA, 1994, p. 259)

Observo o reflexo desse evento macrossocial em minha trajetória individual de produção científica, visto que a oportunidade de acesso aos trabalhos mencionados acima se deu, em partes, devido a esse movimento anterior de inserção das pessoas que, na época, foram enquadradas nos estudos subalternos. O próprio conceito de identidade assumido na pesquisa advém principalmente do teórico Stuart Hall (2014), que estabelece a fragmentação da identidade sem considerá-la como singular, visto que se enquadra num referencial maior que é estabelecido pelo contexto social, ou, exterior constitutivo.

Com isso quero chegar no argumento que incentiva a participação dos mais diversos sujeitos no que tange a produção científica, principalmente quando se trata de assuntos relativos a subjetivação e a corporalidade, inserindo nesse contexto não somente os estudos sociais mas também os estudos advindos das ciências

naturais, como se observa na notória contribuição científica de Ana Fausto Sterling (2003) acerca dos binarismos, sendo essa teórica advinda, inicialmente, de uma formação na Biologia.

Essa ideia trazida acima dialoga diretamente com a proposta metodológica que busquei consolidar ao longo da execução do campo de pesquisa etnográfica. A forma como a Antropologia se encorpou ao longo de sua história, inicialmente, apontava um lugar imóvel aos interlocutores participantes da pesquisa, como se fossem apenas uma fonte de informações para que o cientista pudesse, a partir de seu local de pensamento, construir o conhecimento advindo das informações observadas no contexto de campo junto de seus “nativos”. Essa visão ficou para trás se comparada com a atual produção antropológica brasileira, e dentro dessa perspectiva, nascem outras formas de fazer. Esse trabalho contou com a contribuição ativa de quatro das minhas amigas, que me concederam seus relatos de uma maneira a colocar em diálogo suas vidas amorosas, o passado, o presente e o que projetam sobre o futuro delas. As interpretações aqui inseridas ao longo dos capítulos dessa dissertação são de minha autoria, porém o conhecimento produzido é um conjunto de experiências, de palavras e de reflexões que eu não pensei sozinha. Houve, até mesmo, situações em que as interlocutoras compuseram o próprio escopo teórico da pesquisa, por exemplo, o caso da dissertação de Viviane Vergueiro que foi uma leitura de indicação da interlocutora Luci.

No artigo “As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades” (2002), Tânia Navarro Swain afirma: “A meta crítica da epistemologia feminista é finalmente seu ponto nodal, esse debruçar-se sobre as próprias construções afim de melhor desfazê-las, num processo contínuo de interrogações”. As implicações emocionais que envolvem a experiência de fazer pesquisa científica me colocaram em um lugar de interrogações diversas vezes, caminho de dúvidas que tentei trazer para o trabalho, no intuito de demonstrar que, como trazido na abertura dessa dissertação, o produto textual tenta cravar, solidificar, um processo que é na verdade imaterial, impossível de ser registrado completamente.

Espero, enfim, ter sido capaz de trazer um pouco de quem são essas pessoas e como elas também compõem um escopo da sociedade atual e, no nosso caso, em busca de uma emancipação das visões coloniais e heteronormativas atribuídas até mesmo no discurso científico, que deveria ser emancipador. Buscou-se compreender como as interlocutoras entendem os relacionamentos

amorosos/sexuais na construção de suas identidades de gênero e sexualidade. Os atravessamentos que as experiências amorosas promoveram em seus entendimentos de si compõem suas noções de identidade, a partir das próprias reflexões que são realizadas desses eventos.

As narrativas das interlocutoras sobre as múltiplas relações amorosas experimentadas, demonstraram que há uma centralidade das relações na construção do desejo. Na seção do capítulo “Pensar experiências amorosas: escapar sem fugir?”, na seção 2.1, em que abordou-se o que foi trazido pelas interlocutoras com relação às suas adolescências, percebe-se como as interpretações acerca das primeiras experiências amorosas desembocam em seus entendimentos de si apresentados nos encontros gravados. Além disso, no período da adolescência, observou-se o início da jornada de desenvolvimento de estratégias de sobrevivência que possibilitem a continuidade das práticas que extrapolam a heterossexualidade dentro de seus contextos. Nesse sentido, foram apresentados os casos de Kaw e Titz e suas estratégias que consolidam as ambiguidades existentes entre a necessidade de adequar-se, em alguma medida, à heteronormatividade para dar continuidade às práticas do desejo amoroso e sexual entre mulheres.

O reconhecimento da necessidade dessas estratégias de vida emerge como uma das conclusões desse trabalho de dissertação. Essas negociações iniciam juntamente com a vida amorosa e perduram, como aparece na construção narrativa de Amanda, que por uma estratégia de vida, não debate a questão da identidade bissexual com os seus pais, ainda que em outros contextos sociais, seja uma categoria assumida publicamente. Dentre essas estratégias, compreendo também as visões de mundo - sejam empíricas ou teóricas - que as interlocutoras buscam ativamente para compreenderem os próprios desejos. No contexto não-heterossexual, faz-se necessário uma busca ativa por narrativas que incluam suas formas de viverem os desejos. Nesse sentido, discorri sobre isso enquanto uma busca por referências que contribuíssem nos entendimentos de si das interlocutoras. Além disso, destaco também os próprios conceitos de gênero consumido pelas interlocutoras Luci e Titz, que adentram suas construções narrativas sobre si mesmas: a afirmação do reconhecimento da heterossexualidade compulsória no discurso de Titz sobre sua relação da adolescência, ou a

compreensão de corporalidade e identidade travesti de Luci, são exemplos dessa percepção.

Apesar do estabelecimento da relevância das experiências amorosas vividas ao longo dos processos de subjetivação na formação do entendimento dos próprios desejos amorosos e, conseqüentemente, da identidade de gênero e sexual, não há uma centralidade dessas relações na produção de um lugar social de mulher, bissexual, ou de outras categorias fundadas em dicotomias. Afirmo isso porque esses entendimentos de si são articulados para além das experiências, existindo um conjunto de reflexões e de estratégias que são movimentadas de uma maneira a desembocar na produção de subjetividades que ora extrapolam e ora reforçam o que é tido como socialmente hegemônico (Butler, 2018) sobre gênero, sexualidades e identidades.

Portanto, o processo de reflexão acerca das experiências narradas pelas interlocutoras da pesquisa, explicitou a maneira pela qual as relações amorosas são processos de produção de si regulados de uma maneira atravessada entre os processos de subjetivação singulares a cada interlocutora e os contextos sociais nos quais estiveram inseridas, em uma constante negociação entre as normas postas e as formas experimentadas de se viver os desejos.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria et al. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. São Paulo: FGV Editora, 2004.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. **Cadernos pagu**, n. 21, p. 219-260, 2003.
- _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CASTILLO CERZUELA, Queralt. Avtar Brah: “La identidad siempre es un proceso, no un producto final”. El Salto, Madrid, 9 abr. 2018.
- COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **cadernos pagu**, p. 59-90, 2002.
- DA SILVA, Larissa Batista; DE CALAIS, Lara Brum. A PERFORMANCE DA FEMINILIDADE E PASSABILIDADE EM MULHERES LBTs. **CADERNOS DE PSICOLOGIA**, v. 1, n. 2, 2020.
- DAS, Veena. Violence, Gender and Subjectivity. *Annual Review of Anthropology*, 37, 2008, pp.283-99.
- DAMASIO, A. C. S. Fazer-Família e Fazer-Antropologia uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

DE ALMEIDA, Miguel Vale. Ser mas não ser, eis a questão. O problema persistente do essencialismo estratégico. **Working Paper CRIA 1**, 2009.

DE VILHENA, Junia et al. Que família? Provocações a partir da homoparentalidade. **Revista Subjetividades**, v. 11, n. 4, p. 1639-1658, 2016.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DOS SANTOS, Marlene Souza; JAEGER, Fernanda Pires. “Até hoje não sei o que é a palavra amor!”: o impacto do abuso sexual em mulheres. **Diálogo**, n. 37, p. 9-20, 2018.

EISNER, Shiri. **Bi: Notes for a bisexual revolution**. Cypress: Seal Press, 2013.

FOUCAULT, Michel. Scientia sexualis; O Dispositivo da sexualidade. In: *História da sexualidade: vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, v. 1. 1993. p. 51-123.

_____. Poder e corpo; o olho do poder; não ao sexo rei; sobre a história da sexualidade. In: _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, 20 ed., 2004. p. 145 -152;167-177;209-276.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Unesp, 1993.

GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. cadernos pagu, n. 21, p. 261-280, 2003.

DE HOLLANDA, Heloisa Buarque. O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil. **Nuevo texto crítico**, v. 7, n. 1, p. 259-269, 1994.

JAEGER, Melissa Bittencourt; LONGHINI, Geni Nuñez; OLIVEIRA, João Manuel; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Bissexualidade, bifobia e**

monossexismo: problematizando enquadramentos. Revista Periódicus, Salvador, n. 11, v. 2, p. 1-16, mai./out. 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Psicologia Política**, 18 (43), p. 449-502, 2018.

LANZ, Letícia. **O Corpo da roupa:** a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Curitiba: Editora Transgente, 2015.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo:** Corpo e Gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2001.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses:** o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LE BRETON, David. As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 276 p.

LELIS, Rafael Carrano. Transviado também faz revolução! Um olhar maquiaveliano sobre a Revolta de Stonewall . Belo Horizonte: **Revista de Ciências do Estado**. v. 4 , n . 2, e 15170.

LONGINO, Helen E. Epistemologia feminista. Compêndio de epistemologia. São Paulo: **Edições Loyola**, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. “A emergência do gênero” Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722/40669>> Acessado em: 17 de Julho de 2020.

_____. Pedagogias da sexualidade. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Florianópolis: **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014.

MEDEIROS, Camila Pinheiro. Uma família de mulheres: ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, p. 535-547, 2006.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p.150-182, jan/jun. 2009.

MONACO, Helena Motta "**A gente existe!**": ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. Orientadora: Prof.a Dr.a Sônia Weidner Maluf. 2020. 152 p. Dissertação (Mestrado) - Antropologia, PPGAS, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OLESEN, Virgínia L. Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio. In.: **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PIERRET, Janine. Elementos para reflexão sobre o lugar e o sentido da sexualidade na sociologia. In: LOYOLA, A. M. *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. p. 50-68;

PIRES, Álvaro. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 4, p. 43-94, 2008.

PONTES, Júlia Clara; SILVA, Cristiane Gonçalves da. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. *Rev. peri.*, Salvador, v.1, n.8, p. 396-417, nov. 2017/abr. 2018.

POLICARPO, Verónica Mafalda Nunes de Melo. Para lá da heteronorma: subjetivação e construção da identidade sexual. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 541-562, 2016.

POUPART, Jean. **A entrevista de tipo qualitativo**: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In.: POUPART, Jean; DESLAURIES, Jean- Pierre. **A Pesquisa Qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 215-253.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos anormais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, v.19, n.1, p. 11-20, 2011).

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

SCHUTZ, Alfred. **A construção significativa do mundo social**. Capítulo II: Linhas gerais de uma teoria da compreensão do outro. Petrópolis: Vozes, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectivas dos estudos culturais**. Vozes, 2014.

UZIEL, Anna Paula et al. Parentalidade e conjugalidade: aparições no movimento homossexual. *Horizontes antropológicos*, v. 12, n. 26, p. 203-227, 2006

VARIKAS, Eleni. Naturalização da dominação e poder legítimo na teoria política clássica. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, p. 171-193, 2003.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (orga). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 35-82.

APÊNDICE 1 – TABELA DE PERFIL DAS INTERLOCUTORAS

Participantes	Idade	Cor	Cidade de Origem	Escolaridade	Classe Social
Amanda	25	Branca	Siqueira Campos (PR)	Cursando a Graduação	Média Alta
Ana	24	Branca	Curitiba (PR)	Cursando a Pós-graduação	Média Baixa
Kakaw	22	Branca	Assentamento Itamarati - Ponta Porã (MS)	Cursando a Graduação	Média Baixa
Luci	26	Branca	Curitiba (PR)	Superior Completo	Baixa
Titz	29*	Branca	Pato Branco (PR)	Superior Completo	Média Alta

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- Você considera que já gostou muito de alguém, num sentido amoroso, em sua vida? Me conte mais.
- Como você descreveria essa vivência?
- Você considera essa uma experiência homo hétero bi? pode contar um pouco?
- Por que você define essa experiência nesses termos?
- Essa é uma leitura atual dessa vivência? Você já compreendia dessa maneira na época em que aconteceu?
- Você se entende enquanto alguém que vive a bissexualidade na sua experiência amorosa?
- Pra você, o que é a bissexualidade?
- Você se reconhece nessa definição?
- Como você define a sua vida amorosa hoje? (a partir das categorias esmiuçar a experiência contida na definição dos conceitos: “solteira”, “namorando”, o que mais aparecer, esmiuçar como se definem as categorias a partir das vivências?)
- Quais práticas você movimenta para viver os seus desejos? (Exemplo: tinder, balada, etc.)
- Existe algum entendimento diferenciado da forma como você alimenta e vive os desejos por mulheres e por homens?
- O que você considera importante para desejar alguém afetivamente?
- Considerando suas vivências anteriores, como você definiria o perfil de alguém com quem você possivelmente se relacionaria?
- Comente como você sente as diferenças ao se relacionar com um homem ou uma mulher, elas existem? Você vive essas experiências ao mesmo tempo ou em tempos diferentes?
- Olhando suas experiências passadas, você diria que todas elas foram bissexuais?
- Você considera essas práticas passageiras? De alguma forma elas se articulam com o que você espera do futuro da sua vida amorosa?
- Pensando no futuro, você considera constituir uma família com um homem ou uma mulher, ou esse fator não se mostra relevante?
- Como você se imagina daqui há 20 anos? (Explorar expectativas gerais que envolvam também a vida amorosa)
- Você cria planos para o futuro de sua vida amorosa?

- Pensando em filhos, você acha que a questão de gênero poderia te levar a um lugar de redefinição da sua sexualidade e de seus afetos?